

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE MINAS GERAIS
Programa de Pós-Graduação em Relações Internacionais

Nathalie Padovani Steffen

ANÁLISE DE REDES:
os laços das Mercocidades

Belo Horizonte
2012

Nathalie Padovani Steffen

**ANÁLISE DE REDES:
os laços das Mercocidades**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Relações Internacionais da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Relações Internacionais.

Orientadora: Profa. Dra. Matilde Souza

Belo Horizonte
2012

FICHA CATALOGRÁFICA

Elaborada pela Biblioteca da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais

S816a	<p>Steffen, Nathalie Padovani</p> <p>Análise de redes: os laços das mercocidades / Nathalie Padovani Steffen. Belo Horizonte, 2012. 120f.: il.</p> <p>Orientadora: Matilde de Souza Dissertação (Mestrado) – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Programa de Pós-Graduação em Relações Internacionais.</p> <p>1. Redes sociais on-line. 2. Administração municipal. 3. MERCOSUL. I. Souza, Matilde de. II. Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Programa de Pós-Graduação em Relações Internacionais. III. Título.</p> <p>SIB PUC MINAS</p> <p>CDU: 327</p>
-------	--

Nathalie Padovani Steffen

ANÁLISE DE REDES:
os laços das Mercocidades

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Relações Internacionais da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Relações Internacionais.

Profª. Dra. Matilde Souza (Orientadora) – PUC Minas

Prof. Dr. Paulo Luis Moreaux Lavigne Esteves – PUC Rio

Prof. Dr. Leonardo César Souza Ramos – PUC Minas

Belo Horizonte, 3 de agosto de 2012.

Aos meus amados e saudosos vovô Walder e vovó
Conceição. *(in memoriam)*

AGRADECIMENTOS

Nem olhos viram, nem ouvidos ouviram, nem jamais penetrou em coração humano o que Deus tem preparado para aqueles que o amam. I Coríntios 2:9.

Primeiramente agradeço a Deus pelo seu grande amor por mim. Sem o Senhor eu nada seria!

Agradeço pelo apoio e amor incondicional dos meus pais, Valder e Carmen, que me fizeram acreditar que o céu era o limite para os meus sonhos. Obrigada por acreditarem sempre em mim e por serem exemplo de fé e perseverança. Amo vocês. Agradeço também meu irmão Samuel e minha cunhada/irmã Paulinha por serem incentivadores e carinhosos sempre! Em especial, agradeço ao meu amor, Diego, por sempre estar do meu lado, por me escutar e apoiar em todas as etapas de concretização deste mestrado. Amo muito você!

À minha querida orientadora, professora doutora Matilde de Souza, agradeço pela oportunidade de ter trabalhado com você. Obrigada pelas correções, pelos estímulos e incentivos e por não ter desistido de mim. Tudo isso contribuiu enormemente para meu crescimento profissional, intelectual e acadêmico.

Agradeço, também, ao querido Submercocidades: capitão Leonardo e maruj@s Giovanna, Elson, Vinícius, Pedro e Flávia. O que teria sido de mim sem vocês naqueles 14 meses? Vocês fizeram desta viagem a mais sensacional que já vivi e, por causa dela, estou aqui hoje! Obrigada por tudo que vocês me ensinaram e por todos os momentos que vivemos juntos. Vou sentir saudades pra sempre!

À minha querida amiga Élide, meu muito obrigada por me mostrar que amizade verdadeira é possível de ser construída na vida adulta. A “etapa Belo Horizonte” da minha vida certamente foi mais divertida e completa por sua causa.

Aos meus “colegas de casa” Sona, Luis e Aly: obrigada pela convivência com vocês! Mesmo de um jeito meio maluco, conseguimos construir uma família em BH e serei eternamente grata por vocês terem me ensinado sobre o que é ser tolerante e terem aberto meus olhos para um outro mundo que está além do que eu estudei em RI. Vou sentir saudades sempre...

Por fim, mas não menos importante, agradeço aos colegas e professores do mestrado por tudo que me ensinaram e à PUC Minas, por ter me acolhido e me proporcionado tantas oportunidades de crescimento profissional e pessoal.

E, até aqui me ajudou o Senhor.

RESUMO

Este trabalho busca desenvolver uma análise das causas da difusão de boas práticas públicas municipais na Rede Mercocidades. Esta rede agrega, atualmente, 261 cidades dos países do Mercosul e seus associados, as quais interagem umas com as outras no âmbito de 14 Unidades Temáticas. Argumenta-se que a Rede Mercocidades é constituída predominantemente de laços fracos e estes facilitam a difusão das boas práticas no interior da Rede. Para analisar este processo, utilizou-se da análise de redes sociais, que lida com *dados relacionais*, para estudar 7 Unidades Temáticas a fim de determinar qual o tipo de laço predominante na Rede – forte ou fraco – e, assim, identificar a relação destes com a difusão de boas práticas na Rede.

Palavras-chave: Análise de redes sociais. Força de laços em redes. Rede Mercocidades.

ABSTRACT

This thesis aims at analysing the causes of the spread of municipal good practices within the Mercocidades Network. This network brings together 261 cities from the countries of Mercosur and its associates and they interact with each other within 14 Thematic Units. It is argued that the Mercocidades Network consists mostly of weak ties and that they facilitate the spread of good practices within the Network. In order to analyze this process, the social network analysis was used to study 7 Thematic Units with the purpose of determining the prevalent type of tie in the Network – strong or weak – and then to identify the relationship between the tie strength and the dissemination of good practices in the Network.

Key words: Social network analysis. Tie strength in networks. Mercocidades Network.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Tipo de sociograma: a estrela sociométrica	36
Figura 2: Indicadores estruturais de redundância	46

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1: Unidade Temática de Autonomia, Gestão e Financiamento Municipal.....	78
Gráfico 2: Unidade Temática de Gênero e Município	82
Gráfico 3: Unidade Temática de Ambiente e Desenvolvimento Social.....	87
Gráfico 4: Unidade Temática de Ciência, Tecnologia e Capacitação	90
Gráfico 5: Unidade Temática de Cultura.....	95
Gráfico 6: Unidade Temática de Juventude	100
Gráfico 7: Unidade Temática de Turismo	104
Gráfico 8: Intensidade emocional da Rede Mercocidades	106
Gráfico 9: Confiança mútua na Rede Mercocidades	109

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Variáveis e Indicadores de força de laços	30
Quadro 2: Tipos de laços sociais	41
Quadro 3: Tipologia de redes	50
Quadro 4: Redes de cidades de âmbito global.....	56
Quadro 5: Redes de cidades de âmbito regional.....	57
Quadro 6: Organograma da Rede Mercocidades.....	64
Quadro 7: Secretarias Executivas da Rede Mercocidades (1995 – 2011).....	67
Quadro 8: Modelo de avaliação das Unidades Temáticas.....	73
Quadro 9: Força dos laços da Unidade Temática de Autonomia, Gestão e Financiamento Municipal	76
Quadro 10: Força de laços da Unidade Temática de Gênero e Município.....	80
Quadro 11: Laços da Unidade Temática de Ambiente e Desenvolvimento Social.....	86
Quadro 12: Força dos laços da Unidade Temática de Ciência, Tecnologia e Capacitação.....	89
Quadro 13: Força de laços da Unidade Temática de Cultura	92
Quadro 14: Força de laços da Unidade Temática de Juventude.....	97
Quadro 15: Força de laços da Unidade Temática de Turismo	102

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ARA – Araraquara
ART – Artigas
ASU – Assunção
AVE – Avellaneda
BAG – Bagé
BAB – Bahia Blanca
BQM – Barquisimeto
BAR – Barranqueras
BAT – Batán
BH – Belo Horizonte
BRG – Bragado
BRA – Brasília
BSA – Buenos Aires
CAM – Camaçari
CPN – Campinas
CLN – Canelones
CAP – Capilla del Monte
CBB – Carabobo
CAR – Caracas
CLR – Carmen de la Legua Reynoso
CAX – Caxias do Sul
CCH – Cercado de Cochabamba
CER – Cerro Largo
CIP – Cipolletti
COL – Colonia
CON – Concepción
CGN – Congonhas
CTG – Contagem
COR – Córdoba
CTB – Curitiba
DAI – Daireaux
DIA – Diadema
DUR – Durazno
FLM – Fernando de la Moura
FIR – Firmat
FLR – Florencio Varela
FES – Flores
FRP – Florianópolis
FRD – Florida
FTZ – Fortaleza
FIG – Foz do Iguaçu
FMU – Fraille Muerto
FBT – Frey Bentos
GPN – General Pueyrredón
GSM – General San Martín
GRA – Gravataí

GRU – Guarulhos
JAC – Jacareí
JMR – Jesus Maria
JOI – Joinville
JF – Juiz de Fora
JUN – Junín
LMT – La Matanza
LPAZ – La Paz
LPT – La Plata
LAN – Lanús
LLJ – Lavalleja
LIMA – Lima
LMP – Limpio
LES – Los Andes
LUJ – Luján
MAC – Macaé
MDN – Maldonado
MAL – Malvinas Argentinas
MPT – Mar del Plata
MAR – Mariana
MAU – Mauá
MEN – Mendoza
MQT – Mesquita
MTC – Montecarlo
MDU – Montevideú
MOR – Morón
MOS – Mossoró
NEC – Necochea
NEU – Neuquen
OVR – Olavarria
OLI – Olinda
OSA – Osasco
PAR – Paraná
PAY – Paysandu
PER – Pergamino
PA – Porto Alegre
PDE – Punta del Este
QUE – Quenca
QIL – Quilmes
QPE – Quilpué
RAF – Rafaela
RCG – Rancagua
RLC – Realicó
REC – Recife
RES – Resistencia
RBR – Rio Branco
RCT – Río Cuarto
RJ – Rio de Janeiro
RGD – Río Grande
RNE – Río Negro

ROC – Rocha
ROS – Rosário
SLA – Salta
SLO – Salto
SVC – San Fernando del Valle de Catamarca
SIS – San Isidro
SJM – San José de Mayo
SMT – San Miguel de Tucumán
SSJ – San Salvador de Jujuy
SFE – Santa Fe
SMA – Santa María
SDE – Santiago del Estero
SAD – Santo André
STM – Santo Tomé
SAN – Santos
SBS – São Bento do Sul
SBC – São Bernardo do Campo
SCS – São Caetano do Sul
SCA – São Carlos
SJRJ – São José do Rio Preto
SLE – São Leopoldo
SP – São Paulo
SUQ – Surquillo
TBS – Taboão da Serra
TMB – Tacuarembó
TIL – Tandil
TRE – Trelew
TRI – Trinidad
TRT – Trinta e Três
USH – Ushuaia
VAL – Valparaíso
VAR – Varginha
VPA – Várzea Paulista
VES – Villa de el Salvador
VGE – Villa Gesell
VGB – Villa Gral. Belgrano
VMA – Villa María
VDM – Viña del Mar
VIT – Vitória
ZAR – Zárate

ABC – Agência Brasileira de Cooperação
AECID – Agência Espanhola de Cooperação e Desenvolvimento
FAMSI – Fundo Andaluz de Municípios para a Solidariedade Internacional
LPL – Laboratório de Políticas Locais
SE – Secretaria Executiva
STPM – Secretaria Técnica Permanente da Rede Mercocidades
UNIFEM – Fundo de Desenvolvimento das Nações Unidas para a Mulher
UTADS – Unidade Temática de Ambiente e Desenvolvimento Sustentável
UTAGFM – Unidade Temática de Autonomia, Gestão e Financiamento Municipal
UTCTC – Unidade Temática de Ciência, Tecnologia e Capacitação
UTC – Unidade Temática de Cultura
UTGM – Unidade Temática de Gênero e Município
UTJ – Unidade Temática de Juventude
UTT – Unidade Temática de Turismo

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	29
2	ANÁLISE DE REDES	33
2.1	Redes Sociais: principais abordagens teóricas.....	33
2.1.1	<i>Análise Sociométrica e Teoria de Gráficos.....</i>	34
2.1.2	<i>Configurações Interpessoais e Cliques.....</i>	37
2.1.3	<i>Redes: total e parcial</i>	38
2.1.4	<i>Análise contemporânea de redes sociais.....</i>	38
2.2	Outras abordagens de análise de redes sociais	39
2.2.1	<i>A força dos laços fracos.....</i>	42
2.2.2	<i>Buracos Estruturais.....</i>	45
2.3	Análise de redes: perspectivas para cidades	47
2.4	Conclusão	52
3	A REDE MERCOCIDADES.....	54
3.1	Marco Fundador da Rede Mercocidades	54
3.2	Organização interna da Rede Mercocidades	63
3.2.1	<i>A Assembleia Geral de Sócios.....</i>	65
3.2.2	<i>O Conselho da Rede Mercocidades.....</i>	65
3.2.3	<i>A Secretaria Executiva</i>	66
3.2.4	<i>A Comissão Diretiva</i>	67
3.2.5	<i>A Secretaria Técnica Permanente</i>	67
3.2.6	<i>As Unidades Temáticas</i>	68
3.3	Conclusão	71
4	A ESTRUTURA DA REDE MERCOCIDADES	72
4.1	Os laços fortes da Rede Mercocidades.....	75
4.1.1	<i>Unidade Temática de Autonomia, Gestão e Financiamento Municipal.....</i>	75
4.1.2	<i>Unidade Temática de Gênero e Município.....</i>	79
4.2	Conclusão	83
5	OS LAÇOS FRACOS DA REDE MERCOCIDADES	85
5.1	Unidade Temática de Ambiente e Desenvolvimento Sustentável.....	85
5.2	Unidade Temática de Ciência, Tecnologia e Capacitação	88
5.3	Unidade Temática de Cultura	92
5.4	Unidade Temática de Juventude.....	96
5.5	Unidade Temática de Turismo	102
5.6	Conclusão	105
6	CONCLUSÃO.....	111
	REFERÊNCIAS	113

1 INTRODUÇÃO

A análise de redes sociais tem sido uma técnica utilizada na sociologia moderna que apresenta uma abordagem alternativa àquela que presume que os atributos dos atores individuais importa: ela é usada quando se lida com *dados relacionais*. Nestes termos, a análise de redes sociais, nascida com a psicologia social, é aplicada a diversos campos do conhecimento como a sociologia, a economia e até a biologia. Na década de 1970 Granovetter (1973) se utiliza desta técnica para apresentar sua teoria sobre a “força dos laços fracos” e na década de 1980 a análise de redes sociais é incorporada aos estudos sobre redes de cidades. Isto posto, a proposta deste trabalho é compreender a natureza dos laços entre as cidades da Rede¹ Mercocidades, a fim de identificar a difusão de boas práticas em seu interior.

A Rede Mercocidades, fundada em 1995, é uma rede internacional no âmbito do Mercosul que, atualmente, conta com 261 cidades². Sua criação foi uma iniciativa dos prefeitos, alcaides e intendentos dos países do bloco que tinham como objetivo criar um espaço institucional para as ações das cidades do Mercosul, além de promover a cooperação e intercâmbio entre as cidades da região. Nestes termos, a análise aqui proposta leva em consideração que as cidades se relacionam umas com as outras, especialmente no âmbito das Unidades Temáticas, trocando experiências em políticas públicas municipais bem sucedidas e desenvolvendo projetos e eventos em conjunto. Neste sentido, os dados produzidos pela Rede Mercocidades são produtos das relações entre as cidades, o que justifica a utilização da análise de redes sociais para se atingir o objetivo proposto por este trabalho, citado anteriormente.

A pergunta norteadora deste trabalho é saber como ocorre a difusão de boas práticas no interior da Rede Mercocidades. Assim, as hipóteses levantadas são duas: a) a Rede Mercocidades é constituída essencialmente de laços fracos entre seus nós (cidades-membros); b) os laços fracos da Rede permitem a difusão de boas práticas³ entre seus nós. A definição de boas práticas usada neste trabalho é a da Agência Brasileira de Cooperação:

Uma Melhor Prática pode ser caracterizada como atividades, processos, estratégias, técnicas ou metodologias relacionadas a um projeto ou programa ou o próprio projeto ou programa que tenham sido testados e que tenham demonstrado sucesso em alcançar os resultados planejados. (AGÊNCIA BRASILEIRA DE COOPERAÇÃO, 2011)

¹ Para este trabalho decidiu-se usar a palavra “Rede” para denotar a Rede Mercocidades.

Para se identificar o tipo de laço predominante na Rede Mercocidades criou-se um quadro analítico com 4 variáveis para mensurar a força de laços, as quais foram desenvolvidas a partir da definição de Mark Granovetter (1973): “[...] a força de um laço envolve a [...] combinação da quantidade de tempo, intensidade emocional, confiança mútua e serviços recíprocos entre os nós”. (GRANOVETTER, 1973, p. 1361, versão livre, grifo da autora)⁴. Assim, o quadro 1 apresenta as variáveis de força de laços aplicadas para redes de cidades, especificamente, para a Rede Mercocidades. Cada variável será explicada na sequência, com a definição de seus indicadores:

Quadro 1: Variáveis e Indicadores de força de laços

FORÇA DE LAÇOS EM REDES		
	REDES SOCIAIS	REDES DE CIDADES (REDE MERCOCIDADES)
a	Quantidade de tempo	Tempo em que cidade está na Rede e que atua em Unidades Temáticas.
b	Intensidade Emocional	Participação nas atividades da Rede
c	Confiança mútua	Adoção de boas práticas veiculadas no interior da Rede.
d	Serviços recíprocos	Realização de projetos comuns entre as cidades da Rede.

Fonte: elaborado pela autora

Para maior clareza, são explicitados abaixo as variáveis e os respectivos indicadores a serem utilizados como medida de variação no intuito de mensurar a intensidade dos laços:

- a) Quantidade de tempo - tempo que cidade está na Rede e atua em Unidades Temáticas: este variável será analisada levando-se em consideração, como indicadores, o ano de entrada da cidade na Rede Mercocidades e sua relação ou não com a participação nas atividades promovidas pela UT;

⁴ [...] the strength of a tie is a [...] combination of the amount of time, the emotional intensity, the intimacy (mutual confiding), and the reciprocal services which characterize the tie.

- b) Intensidade emocional: esta variável será analisada a partir da participação das cidades nas atividades da Rede. Para isso utilizar-se há a definição do verbete “Participação Política” do Dicionário de Política⁵, do qual se extraem os indicadores *presença*, *ativação* e *participação*:

Há pelo menos três formas ou níveis de Participação política que merecem ser brevemente esclarecidos. A primeira forma, que poderíamos designar com o termo *presença*, é a forma menos intensa e mais marginal de Participação política; trata-se de comportamentos essencialmente receptivos ou passivos, como a presença em reuniões, a exposição voluntária a mensagens políticas, etc., situações em que o indivíduo não põe qualquer contribuição pessoal. A segunda forma poderíamos designá-la com o termo *ativação*: aqui o sujeito desenvolve, dentro ou fora de uma organização política, uma série de atividades que lhe foram confiadas por delegação permanente, de que é incumbido de vez em quando, ou que ele mesmo pode promover. (...) O termo *participação*, tomado em sentido estrito, poderia ser reservado, finalmente, para situações em que o indivíduo contribui direta ou indiretamente para uma decisão política. (SANI, 2004, p.889, grifo da autora).

No caso desta variável é importante ressaltar que, na análise que seguirá nos capítulos 4 e 5, classificou-se como *presença* a participação das cidades que não demonstraram nenhuma interferência nas reuniões, ou seja, há relato somente da cidade estar representada. Já a participação classificada como *ativação* ocorreu quando se percebeu um engajamento maior da cidade com determinada UT o que foi mensurado, especialmente quando uma cidade sediou uma reunião ou evento ou desenvolveu projetos com outras cidades da Rede dentro da temática trabalhada pela UT estudada.

- c) Confiança mútua: a análise desta variável será realizada tendo em vista os indicadores *compartilhamento de projetos e políticas públicas municipais com potencial de replicabilidade*;
- d) Serviços recíprocos: esta variável será analisada a partir do indicador *identificação de projetos realizados em parceria com, pelos menos, duas cidades da Rede*.

Assim, este trabalho encontra-se dividido da seguinte maneira: no segundo capítulo, trabalha-se com o desenvolvimento da análise de redes sociais desde sua origem na psicologia social, passando pela sua incorporação pelos estudos sociológicos e antropológicos sobre comunidades, chegando à sua aplicação para a análise de redes de cidades. É importante

destacar que são apresentadas também as abordagens referentes à “força dos laços fracos” e dos “buracos estruturais”, teorias que são essenciais ao modelo analítico proposto nesta dissertação.

O capítulo seguinte discute a criação e consolidação da Rede Mercocidades através de uma perspectiva histórica, por meio da análise dos documentos constitutivos da Rede, suas principais atas e informes de gestão de suas instâncias de coordenação – Secretaria Executiva e Secretaria Técnica Permanente. A organização interna da Rede é detalhada apresentando-se todos os componentes de seu organograma, especialmente suas Unidades Temáticas.

O quarto e último capítulo deste trabalho é de cunho analítico, no qual são discutidas as variáveis e os indicadores de força de laços, aplicados às 7 Unidades Temáticas buscando a identificação da natureza dos laços entre as cidades pertencentes a essas UTs.

Por fim, sabendo-se o tipo de laço predominante nas UTs analisadas, discute-se a difusão de boas práticas no interior da Rede, tendo em mente as hipóteses já citadas.

2 ANÁLISE DE REDES

A análise de redes sociais tem sido uma técnica chave na sociologia moderna, além de ser aplicada em diversos outros campos do conhecimento como antropologia, biologia, estudos de comunicação, economia, psicologia social, estudos organizacionais e sociolinguísticos. Diferentemente de estudos científicos sociais tradicionais que presumem que os atributos dos atores individuais importam, a análise de redes sociais apresenta uma visão alternativa: os atributos dos indivíduos são menos importantes que seus relacionamentos e laços com outros atores dentro de uma rede. Sobre este tema, John Scott (2000) afirma que, na sua visão, “[...] a análise de redes sociais é apropriada para ‘dados relacionais.’[...]” (SCOTT, 2000, p. 2, versão livre.)⁶

Mark Granovetter (1973), por sua vez, sugere que a análise de redes sociais deve ser um instrumento para conectar os níveis micro e macro da teoria sociológica. O autor argumenta que a análise dos processos de redes interpessoais proporciona a criação de uma ponte entre os níveis micro e macro; através dessas redes, as interações de pequena escala podem ser traduzidas em padrões de larga escala e estes, em retorno, alimentam novamente os grupos pequenos.

Tendo este panorama em mente, neste capítulo propõe-se a discussão de algumas abordagens sobre análise de redes sociais, as quais vão construir o instrumental teórico para a análise do objeto deste trabalho: os laços da Rede Mercocidades. Num primeiro momento, aponta-se o desenvolvimento da análise de redes desde sua origem na psicologia social e sua subsequente incorporação pelos estudos sociológicos e antropológicos sobre comunidades. Num segundo momento, são apresentadas as abordagens da “força dos laços fracos” e dos “buracos estruturais”, teorias essenciais ao modelo analítico proposto neste trabalho. Por fim, apontam-se as perspectivas para cidades dentro da análise de redes e, dessa maneira, fica caracterizado o recorte teórico desta pesquisa.

2.1 Redes Sociais: principais abordagens teóricas

Em “Social Network Analysis: a handbook” (2000), John Scott afirma que o interesse no potencial oferecido pela análise de redes sociais tem aumentado significativamente. Entretanto, tal potencial não tem sido aproveitado porque os pesquisadores, muitas vezes, têm

⁶ [...] social network analysis is appropriate for “relational data” [...]

dificuldades em lidar com a linguagem altamente técnica e matemática que envolve a literatura de análise de redes. Neste sentido, o autor propõe em seu livro fazer uma ponte entre a teoria e a prática e busca traduzir a matemática, método característico da análise de redes, para uma linguagem mais simples, a fim de prover modelos particulares para as necessidades específicas de pesquisa. Assim, o autor se concentra em identificar os conceitos-chave da estrutura de redes, como densidade, centralidade e cliques, e traduzir as discussões matemáticas dessas ideias em conceitos e noções de natureza qualitativa.

Scott (2000), então, inicia o livro afirmando que muitas abordagens marcaram o desenvolvimento da análise de redes sociais, as quais se revelam complexas e, muitas vezes, divergentes. Todavia, apesar da complexidade, é possível construir uma espécie de linhagem da análise de redes sociais. Nesses termos, o autor destaca que nesta linhagem existem três tradições principais: a. *análise sociométrica e teoria de gráficos* (analistas de sociometria que trabalhavam com pequenos grupos e avançaram na elaboração de métodos para teoria de gráficos); b. *configurações interpessoais e cliques* (pesquisadores da Universidade de Harvard de 1930, que exploraram padrões de relacionamentos interpessoais e a formação de “cliques”⁷); c. *redes: total e parcial* (antropólogos de Manchester, os quais, usando as duas tradições destacadas, investigaram a estrutura das relações em comunidade de tribos.). Nas décadas de 1960 e 1970, em Harvard, estas 3 tradições foram compiladas em uma única, quando a *análise contemporânea de redes sociais* foi desenvolvida. A partir da constatação desta linhagem, John Scott apresenta uma breve descrição de cada uma dessas tradições.

Ressalta-se que a construção deste panorama das tradições da análise de redes sociais é importante para se ter conhecimento do ponto de partida das abordagens mais recentes, além de trazer compreensão sobre seus aportes à disciplina. Assim, são apresentadas abaixo as três tradições desenvolvidas por Scott (2000).

2.1.1 Análise Sociométrica e Teoria de Gráficos

Na década de 1930 um grupo de imigrantes alemães, influenciados pela teoria “gestalt”, trabalhava nos Estados Unidos com psicologia cognitiva e social. Este trabalho levou a uma quantidade considerável de pesquisas sobre os problemas da sociometria e de dinâmicas de grupo. De acordo com Scott, a tradição “gestalt” na psicologia apresenta um enfoque na maneira pela qual os padrões organizados de pensamento e percepções são

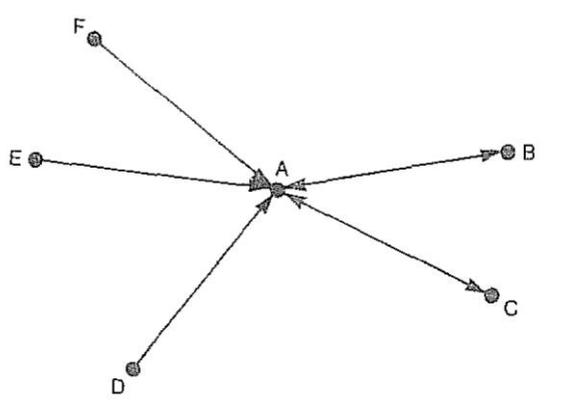
⁷ De acordo com Warner e Lunt (1941), *cliques* são associações informais de pessoas nas quais existe um grau de sentimento de grupo e intimidade e, também, algumas normas de comportamento estabelecidas para o grupo.

estruturados. Os pesquisadores influenciados por esta tradição utilizavam métodos de laboratório ou estudos de caso laboratoriais, a fim de estudar estruturas de grupos e o fluxo de informações e ideias através dos grupos. Neste sentido, Scott destaca o trabalho de alguns expoentes pesquisadores da psicologia social influenciada pela “gestalt”.

Jacob Moreno explorava a possibilidade de usar os métodos da psicoterapia para descobrir a estrutura das escolhas de amizades. Através de experimentação, observação controlada e questionários, Moreno explorava os modos pelos quais as relações entre os grupos serviam tanto como limitações, tanto como oportunidade para suas ações e, conseqüentemente, para seu crescimento psicológico pessoal. Importa destacar que o termo sociometria, apesar de relacionado ao trabalho de Moreno, é também utilizado para descrever o estilo de pesquisa que veio da “gestalt”. O trabalho deste autor, segundo John Scott, era embasado numa orientação terapêutica relativa às relações interpessoais e sua preocupação com a relação entre configurações interpessoais de pequena escala e agregados sociais de grande escala é expressão clara de algumas ideias da sociologia clássica alemã, notadamente no desenvolvimento do trabalho de Weber e Simmel. De fato, a chamada sociologia formal incorporou muitas preocupações da sociometria.

Scott ressalta que a maior inovação trazida por Moreno foi utilizar o sociograma como uma maneira de representar as propriedades formais da configuração social. Estas poderiam ser representadas através de diagramas similares aos da geometria espacial, nos quais os indivíduos são representados por pontos e suas relações sociais por linhas. Antes de Moreno, havia se falado em “teias” de conexão, “tecido social” e “redes” de relações, mas não havia uma sistematização destas metáforas em um diagrama analítico. Para Moreno, as configurações sociais tinham estruturas definidas e discerníveis e o mapeamento delas num sociograma permitia que o pesquisador visualizasse os canais através dos quais a informação fluía de uma pessoa à outra e, também, qual indivíduo influenciava o outro. Moreno argumentava que a construção de sociogramas permite a identificação pelos pesquisadores dos líderes e dos indivíduos isolados; a descoberta das assimetrias e reciprocidade e o mapeamento das cadeias de conexão. Dessa maneira, um dos principais componentes da sociometria, para Jacob Moreno, é a “estrela sociométrica”, a qual representa numerosas e frequentes escolhas de outros e quem, então, ocupa uma posição de grande popularidade e liderança. Na figura 1 um exemplo da estrela sociométrica é apresentado.

Figura 1: Tipo de sociograma: a estrela sociométrica



Fonte: SCOTT, 2000, p. 10.

Para Moreno, o conceito de estrela é facilmente visualizado através deste tipo de figura, que apresenta as relações entre membros de um grupo. Na figura 1, o indivíduo A é receptor de amizade de todos os outros membros do grupo, mas demonstra reciprocidade apenas para dois (B e C). Assim, A é a estrela de atração dentro do grupo.

Kurt Lewin é citado por Scott como outro expoente pesquisador influenciado pela teoria gestalt. Lewin trabalha com a ideia de que o comportamento em grupo é determinado pelo campo de forças sociais no qual o grupo está localizado e, nestes termos, um grupo social existe em um campo, ou seja, um espaço social que engloba o grupo e o ambiente em torno dele. Entretanto, o ambiente que importa é aquele percebido pelo grupo e seu significado social é construído ativamente pelos membros do grupo através de suas percepções e experiências dos contextos nos quais eles agem.

Ressalta-se que, para Lewin, o grupo e seu ambiente são elementos de um único campo de relações. As propriedades deste espaço social podem ser analisadas através de técnicas matemáticas de topologia e teoria de conjuntos. Assim, o objetivo da “teoria de campo” formulada por Lewin é explorar, em termos matemáticos, a interdependência entre os grupos e o ambiente em um sistema de relações, uma visão que aproximou Lewin dos desenvolvimentos em teoria geral de sistemas.

Dessa maneira, numa abordagem topológica, o campo social engloba “pontos” que são conectados por um “caminho”. Os pontos, como no sociograma, representam indivíduos, seus objetivos e ações, enquanto os caminhos representam sequências causais ou de interação que os conectam. Assim, os caminhos que correm entre os pontos são responsáveis por interligá-los e o padrão de caminhos divide o campo em discretas “regiões”, as quais se separam das outras pela ausência de caminhos entre elas, ou seja, os caminhos ocorrem dentro das regiões,

mas não entre elas. Então, as oportunidades que os indivíduos têm de se moverem no seu mundo social são determinadas pelas fronteiras entre as diferentes regiões do campo no qual eles estão localizados. As restrições impostas por estas fronteiras são as “forças” que determinam o comportamento do grupo. Assim, o campo social total é um campo de forças que atua num grupo moldando suas ações e experiências.

No que se refere à teoria de gráficos, Scott ressalta que ela foi formulada também na Alemanha em 1930, mas não apresentou grandes impactos no mundo intelectual da época. Foi somente em 1950, nos Estados Unidos, que esta teoria ganhou força e foram as noções matemáticas que permitiram avanços no sentido de mudar do conceito de balanço cognitivo em mentes individuais para um balanço interpessoal em grupos sociais. De acordo com Scott, um dos primeiros pesquisadores a trabalhar com esta abordagem foi Newcomb (1953), que afirmava que existe uma tendência entre pessoas que são próximas umas das outras de adotarem atitudes similares com relação à terceiros ou a eventos. Assim, os pesquisadores poderiam construir modelos da interdependência sistemática das atitudes de indivíduos diferentes num grupo.

A teoria de gráficos não está relacionada aos gráficos que se aprende na matemática escolar; ao contrário, “um gráfico é apenas um conjunto de linhas conectando pontos” (SCOTT, 2000, p. 13). Nesses termos, a teoria de gráficos consiste em um corpo de axiomas e fórmulas matemáticas que descrevem as propriedades dos padrões formados pelas linhas. Estas, num gráfico, são representadas por sinais (+ ou -) que indicam se as relações são “positivas” ou “negativas” e setas que indicam a direção do relacionamento.

É importante ressaltar que, apesar de as ideias da tradição sociométrica terem sido desenvolvidas em pesquisas de grupos pequenos, ela foi aplicada por pesquisadores com interesses em teoria geral de sistemas e nos aspectos matemáticos da cibernética e ação racional. Scott (2000), inclusive, aponta que as aplicações da sociometria em sistemas sociais de larga escala foram iniciadas por alguns destes pesquisadores, cujos estudos iniciais retratavam a propagação de doenças através de uma cadeia de contatos e, através destes estudos, buscavam desenvolver modelos lógicos preditivos de contágio.

2.1.2 Configurações Interpessoais e Cliques

Scott (2000) argumenta que, na tradição sociométrica, foram empreendidos esforços com a intenção de decompor a rede em seus sub-grupos, os quais são chamados de *cliques*,

clusters (grupos) ou *blocos*. Esta busca pelos sub-grupos também foi contemplada pela tradição de pesquisa em análise de redes desenvolvida pela Universidade de Harvard nos anos 1930 e 1940. Nesta linha de pesquisa, a investigação de relações informais em sistemas de grande escala levou à descoberta de que nestes sistemas existem sub-grupos coesos.

Resumidamente, esta tradição foi uma das primeiras a utilizar a terminologia de redes para descrever os sub-grupos dentro de sociedades mais amplas.

2.1.3 *Redes: total e parcial*

A análise de redes incorporou novas dimensões com um grupo de pesquisadores do Departamento de Antropologia Social da Universidade de Manchester. Estes antropólogos desenvolviam suas ideias enfatizando conflito e mudança, ao contrário daqueles que estudavam configurações interpessoais e *cliques*, os quais destacavam a integração e coesão.

Scott (2000) destaca que os pesquisadores de Manchester não se importavam tanto com as normas e instituições internalizadas, mas, sim, com as configurações efetivas de relações que emergem do exercício de conflito e poder. As teorias anteriores, utilizadas para entender as sociedades baseadas no parentesco ou afinidade, não eram capazes de lidar com este fenômeno.

2.1.4 *Análise contemporânea de redes sociais*

As tradições em análise de redes destacadas por Scott, quais sejam, análise sociométrica e teoria de gráficos; configurações interpessoais e cliques; e redes: total e parcial são importantes para se entender o processo de consolidação deste campo do conhecimento, mas foi na Universidade de Harvard que avanços substanciais ocorreram nos estudos de análise de redes. Destaca-se que os elementos-chave para estes avanços foram duas inovações matemáticas: a primeira foi o desenvolvimento de modelos algébricos para grupos, com o intuito de identificar afinidades a outros grupos. Já a segunda inovação foi o desenvolvimento de uma técnica de escala multidimensional, usada para traduzir relacionamentos em distâncias sociais e mapeá-las no espaço social. Este elemento-chave segue a linha da tradição do trabalho de Lewin, citado anteriormente.

O grupo de Harvard, nome dado por John Scott (2000) a estes pesquisadores, desenvolveu estruturas de análise baseadas em modelos de estruturas sociais de todos os tipos; não havia um foco teórico no trabalho deles, sendo que o fio condutor das pesquisas era

simplesmente o uso de ideias algébricas para exemplificar a estrutura de relações. Assim, era o método da análise de redes que os unia.

Nesses termos, é importante dar maior destaque ao trabalho de Mark Granovetter (1973), o qual popularizou o ponto de vista do grupo de Harvard sobre análise de redes no campo da Sociologia nos Estados Unidos. “The Strength of Weak Ties” (1973) – o mais célebre texto de Granovetter – será utilizado como base do modelo de análise proposto neste trabalho e seu argumento será detalhado no decorrer deste capítulo. Destaca-se, inclusive, que Granovetter explora processos de rede através de comentários qualitativos sobre a estrutura das redes por ele encontradas.

Scott (2000) argumenta que o poder da análise de redes está no seu uso como uma ideia de orientação e um corpo específico de métodos. Entretanto, a aplicação de ideias matemáticas formais ao estudo de redes sociais fez com que alguns autores sugerissem que a análise de redes pudesse ser base para uma nova teoria de estrutura social. O argumento é que os estudos de análise de redes podem ser utilizados de maneira mais abrangente se os pesquisadores usarem os conceitos para além de propósitos puramente descritivos. Além disso, Scott (2000) afirma que há apontamentos de que o desenvolvimento de análise de redes sociais formarão novas estruturas em teoria sociológica. Todavia, John Scott (2000) não discute, em seu livro, se a análise de redes sociais apontará para a preponderância de alguma estrutura teórica. O autor apenas ressalta que a análise de redes sociais incorpora uma orientação teórica particular voltada para a estrutura do mundo social e, assim, é ligada a teorias estruturais da ação, mas ressalta que é improvável que alguma teoria abarque a essência da análise de redes sociais, já que esta, na visão dele, é um conjunto de métodos.

2.2 Outras abordagens de análise de redes sociais

Os autores Stephen P. Borgatti e Daniel S. Halgin (2011) no artigo “On Network Theory” apresentam uma explicação sobre teorias de redes. De acordo com os autores, apesar de sua popularidade, ainda existe confusão no que se refere à teorização acerca das redes e, assim, neste texto, eles apresentam o conceito de redes sociais e identificam os elementos que compõem a teorização de redes sociais.

Os autores iniciam o argumento afirmando que a teorização sobre análise de redes sociais perpassa dois domínios analíticos diferentes, aos quais eles se referem como “teoria de redes” e “teoria sobre as redes”. A primeira diz respeito aos mecanismos e processos que

ocorrem dentro das estruturas de redes e geram resultados para os indivíduos ou grupos. Já a teoria sobre as redes preocupa-se em encontrar a razão pela qual as redes têm certas estruturas, ou seja, buscam os antecedentes de suas propriedades. Entretanto, o foco dos autores é na teoria de redes.

A fim de balizar seus apontamentos sobre teoria de redes, Borgatti e Halgin apresentam uma definição de rede:

Uma rede consiste de um conjunto de atores ou nós juntamente com um conjunto de laços específicos (como amizade) que os conectam. Os laços interconectados através de pontos compartilhados formam caminhos que, indiretamente, ligam outros nós que não estão diretamente conectados. O padrão dos laços numa rede constitui uma estrutura particular e os nós ocupam posições dentro dessa estrutura. (BORGATTI; HALGIN, 2001, p. 2, versão livre).⁸

De acordo com os autores, grande parte das teorias de redes consiste em caracterizar sua estrutura, a posição dos nós e relacionar estas variáveis com os resultados dos grupos e nós. É importante ressaltar que, na visão destes autores, é o pesquisador que, ao escolher um conjunto de nós e um tipo de laço, define, também, a rede com a qual ele vai trabalhar. A escolha dos nós não deve ser considerada uma pergunta empírica e, sim, deve ser ditada pela pergunta de pesquisa e a teoria que pode explicá-la. Nesses termos, os enfoques diferentes dos pesquisadores é que vão definir as redes com as quais cada um vai trabalhar.

Os autores também acreditam que existe uma confusão relacionada aos conceitos de rede e grupo. Parte fundamental do conceito de grupo é a existência de limites, os quais, mesmo sendo incertos, são essenciais para a distinção entre aqueles que estão dentro ou fora do grupo. Ao contrário dos grupos, as redes não apresentam limites “naturais” e tão pouco precisam estar conectadas. Em uma rede desconectada alguns nós não alcançam outros por nenhum caminho, o que significa que a rede está dividida em fragmentos que são chamados de componentes. Esta noção de componentes auxilia no estudo da evolução de uma rede, pois permite a análise de sua conectividade ao longo do tempo, ou seja, uma rede desconectada pode, com o tempo, diminuir o número de componentes e, assim, eventualmente, todos os atores estarão conectados a um componente e todos os nós poderão estar conectados através de algum caminho, mesmo que longo.

⁸ A network consists of a set of actors or nodes along with a set of ties of a specified type (such as friendship) that link them. The ties interconnect through shared end points to form paths that indirectly link nodes that are not directly tied. The pattern of ties in a network yields a particular structure, and nodes occupy positions within this structure.

No que se refere aos laços, Borgatti e Halgin (2000) afirmam que estes devem estar relacionados a questões próximas. Nesses termos, duas posições são enfatizadas: a realista e a nominalista. A primeira destaca que existem redes de relacionamentos e é responsabilidade do pesquisador descobri-las. No entanto, uma visão mais sofisticada, segundo os autores, é a nominalista, que ressalta que toda pergunta de redes – “quem são seus amigos?” ou “quem gosta de quem?”, por exemplo – gera sua própria rede e a escolha de qual delas usar é determinada pela pergunta de pesquisa. Destaca-se, entretanto, que, não importa o tipo de laço pelo qual o pesquisador se interessa, a mensuração de um tipo de laço entre os pares de nós define a rede, fazendo com que cada rede tenha sua própria estrutura e suas próprias implicações para os nós envolvidos.

Na prática, os tipos de laços que são abordados pelos teóricos de redes podem ser divididos em duas categorias: estados e eventos. Aqueles baseados em estados apresentam continuidade no tempo; apesar de não significar que eles sejam permanentes, apresentam certa persistência. Eles são dimensionados em termos de força, intensidade e duração. Já os laços baseados em eventos têm uma natureza transitória e podem ser contados num período de tempo. Assim, estes laços podem ser dimensionados em termos de frequência da ocorrência. Tanto os laços do tipo estado, como os do tipo evento podem ser vistos como caminhos que permitem ou constroem o fluxo entre os nós. O fluxo é definido como o que realmente passa entre os nós quando estes interagem, como ideias ou bens. No quadro 2, são indicados os tipos de laços sociais:

Quadro 2: Tipos de laços sociais

TIPOS DE LAÇOS SOCIAIS	
Baseado em Estados	Baseado em Eventos
Laços de afinidade/parentesco	Interações (dar conselho, enviar email, etc)
Laços baseados em outros papéis	
Cognitivos	Transações (realizar uma venda, etc)
Afetivos	

Fonte: BORGATTI e HALGIN, 2000, p. 3.

Tendo em mente estas definições iniciais, os autores, então, discutem as teorias que informam modelos de análise de redes e, especificamente, as contribuições de Mark

Granovetter com seu célebre texto “The Strength of Weak Ties (SWT)” ou A Força dos Laços Fracos (1973) e de Ronald Burt (1992) e sua teoria sobre os “Structural Holes” ou Buracos Estruturais.

2.2.1 A força dos laços fracos

De acordo com Mark Granovetter (1973) a análise de processos de redes interpessoais permite estabelecer uma ponte entre os níveis micro e macro, ou seja, a análise de redes pode ser utilizada para o estudo de fenômenos macro como organizações políticas. Assim, sua teoria é utilizada na construção do modelo de análise do objeto de estudo deste trabalho, qual seja, os laços da Rede Mercocidades.

A estratégia do presente artigo é escolher um aspecto limitado de interação em pequena escala – a força dos laços interpessoais – e mostrar, em detalhes, como o uso da análise de redes pode relacionar este aspecto a diversos fenômenos macro como difusão, mobilidade social, organizações políticas e coesão social em geral. (GRANOVETTER, 1973, p.1361, versão livre).⁹

Granovetter faz uma análise de força de laços em redes interpessoais e define que “[...] a força de um laço envolve a [...] combinação da quantidade de tempo, intensidade emocional, confiança mútua e serviços recíprocos entre os nós”. (GRANOVETTER, 1973, p. 1361, versão livre, grifo da autora)¹⁰, sendo que cada uma dessas variáveis é, de alguma maneira independente uma da outra, isto é, podem ser tratadas e/ou mensuradas separadamente, mas o conjunto é altamente inter-relacionado. Além disso, o autor ressalta que a discussão sobre as medidas operacionais e os pesos atribuídos a cada uma das quatro variáveis são deixados para os estudos empíricos.¹¹ Desta maneira, levou-se em consideração esta colocação de Granovetter (1973) na construção dos gráficos da Rede Mercocidades apresentados na conclusão deste trabalho. Foram atribuídos pesos distintos para cada indicador apresentado nos gráficos, os quais serão explicados posteriormente.

Borgatti e Halgin (2011) afirmam que a teoria da força dos laços fracos de Granovetter (1973) é um conjunto de premissas e conclusões claras. A primeira premissa é a de que

⁹ The strategy of the present paper is to choose a rather limited aspect of small-scale interaction – the strength of interpersonal ties – and to show, in some detail, how the use of network analysis can relate this aspect to such varied macro phenomena as diffusion, social mobility, political organization, and social cohesion in general.

¹⁰ [...] the strength of a tie is a [...] combination of the amount of time, the emotional intensity, the intimacy (mutual confiding), and the reciprocal services which characterize the tie.

¹¹ Para este trabalho, os pesos atribuídos às quatro variáveis criadas por Granovetter (1973) serão apontados na Conclusão, na qual se constrói um mapa da Rede Mercocidades utilizando o *software* Ucinet.

quanto mais forte o laço entre duas pessoas, maior a probabilidade de seus mundos sociais coincidirem, ou seja, elas terão laços com os mesmos terceiros. Desta premissa, Granovetter (1973) deriva que as pessoas tendem a ter laços fortes com aqueles que são parecidos com elas mesmas – [...] quanto mais forte o laço que conecta dois indivíduos, mais similares eles são em vários sentidos.” (GRANOVETTER, 1973, p. 1372, versão livre).¹² Dessa maneira, este núcleo de laços fortes está constituído por um número reduzido de pessoas com as quais se mantêm um contato frequente e ao lado deste núcleo existem contatos com os quais a relação é mais fraca e especializada: são os “conhecidos”, ou seja, pessoas que não fazem parte do núcleo forte, mas, sim, da rede pessoal. Neste sentido, exemplificando, se A e B apresentam um laço forte, e B e C também têm um laço forte, entende-se que A e C têm a chance de apresentarem, pelo menos, um laço fraco.

A segunda premissa de Granovetter (1973) é que os laços-ponte¹³ são uma fonte potencial de novas ideias. Um laço-ponte é aquele que conecta uma pessoa a alguém que não está conectada aos seus outros amigos, assim, a ideia central é que, através de um laço-ponte, uma pessoa pode ter acesso àquilo que não está circulando entre seus amigos próximos. Dessa maneira, Borgatti e Halgin (2011) destacam que, ao se juntar as duas premissas, Granovetter argumenta que não é provável que os laços fortes sejam fonte de informações novas. O argumento dele é o seguinte: em primeiro lugar, não é provável que os laços-ponte sejam laços fortes porque, de acordo com a primeira premissa, se A e D apresentam um laço forte, então D deve ter, pelo menos, um laço fraco com os amigos fortes de A, o que implica que o laço A-D não seria uma ponte, uma vez que existiriam vários caminhos curtos entre A e D através de seus conhecidos em comum. Nesses termos, somente os laços fracos podem ser pontes. Em segundo lugar, por que as pontes são fonte de informações novas e somente os laços fracos são pontes, são os laços fracos que apresentam o melhor potencial de serem fontes de informações novas.

Granovetter (1973) aplica esta teoria para analisar algumas questões específicas como o porquê das pessoas conseguirem empregos ou ouvirem falar de vagas através de conhecidos e não de amigos próximos. Borgatti e Halgin afirmam que a teoria da força de laços fracos é

¹² [...] the stronger the tie connecting two individuals, the more similar they are, in various ways.

¹³ Granovetter usa a expressão “bridging ties” em seu texto que, neste trabalho, foi traduzida como laços-ponte. “Ponte”, de acordo com Granovetter (1973), é uma linha em uma rede que fornece o único caminho entre dois pontos.

uma teoria de capital social¹⁴ individual, na qual pessoas com mais laços fracos, ou seja, mais capital social, são mais bem sucedidas.

A teoria também é utilizada para análises no nível de grupos através de estudos de caso. Nesses termos, Granovetter (1973) destaca que uma comunidade com muitos laços fortes apresenta forte coesão local, mas fraca coesão global; já as comunidades com muitos laços fracos têm fraca coesão local, mas coesão global forte. Nesses termos, uma estrutura de laços fracos se constitui em capital social no nível de grupo, que permite com que o grupo trabalhe conjuntamente para alcançar objetivos como responder a uma ameaça externa ou organizar uma ação comunitária.

O autor também trabalha com a hipótese de que mais atores podem ser abarcados com laços fracos e que, quanto menos contatos indiretos um ator tem, mais encapsulado, em termos de conhecimento do mundo além de seu círculo, ele fica. No entanto, é importante ressaltar que, para se preservar as interações dentro das redes, a coexistência de laços fortes e fracos é necessária: os laços fortes definem quem são os responsáveis pela construção identitária da rede, enquanto os laços fracos ampliam o grau de influência da rede entre os seus membros e desses para com os que não pertencem a ela.

Em 1983, Mark Granovetter publicou um artigo retomando o argumento de “The Strength of Weak Ties (SWT)” de 1973. Em “The Strength of Weak Ties: a Network Theory Revisited” (1983), o autor, num primeiro momento, recupera o argumento sobre a força dos laços fracos e, em seguida, faz um apanhado da literatura sobre laços fracos desenvolvida entre os anos que separam seus dois textos. Para este trabalho, é importante destacar o trecho do artigo em que Granovetter discorre acerca dos laços fracos e a difusão de ideias, já que, uma das hipóteses desta dissertação é que os laços fracos da Rede Mercocidades são responsáveis pela difusão das boas práticas entre as cidades membros.

Granovetter (1983) afirma que a aplicação do argumento de SWT é válida não apenas para o estudo da difusão da inovação, mas para a difusão de qualquer ideia ou informação. Nestes termos, o autor aponta que sua premissa – laços fracos serem responsáveis pela difusão de ideias – é usada, especialmente, no que diz respeito à difusão de ideias culturais e científicas.

Ao final do texto, o autor afirma que laços fracos são importantes porque eles apresentam maiores chances de serem pontes do que os laços fortes, como explicado

¹⁴ De acordo com Robert Putnam (1993), capital social diz respeito às “características da organização social, como confiança, normas e redes, que podem melhorar a eficiência da sociedade, facilitando ações coordenadas.

anteriormente, mas isto não significa que todos os laços fracos exerçam esta função. Granovetter (1983) destaca que

A necessidade mais urgente de desenvolvimento de ideias de redes era mudar a perspectiva de análise estática que observa um sistema em um período específico no tempo e buscar contas sistemáticas de como os sistemas se desenvolvem e mudam. Somente com atenção a este problema dinâmico a análise de redes sociais pode alcançar sua promessa de ser um poderoso instrumento de análise na vida social. (GRANOVETTER, 1983, p. 229, versão livre.)¹⁵

Assim, nos capítulos 4 e 5 deste trabalho, o argumento de Granovetter (1983) será aplicado para a análise dos laços das Unidades Temáticas da Rede Mercocidades, levando em consideração o período que se estende desde a criação das atuais 14 UTs, ou seja, de 2004 até 2011.

2.2.2 *Buracos Estruturais*

A teoria de Ronald S. Burt (1992) de buracos estruturais de capital social dialoga com a teoria dos laços fracos de Granovetter (1973), mas sua preocupação central é com as redes egocentradas – nuvem de nós em volta de um nó específico e os laços entre eles.

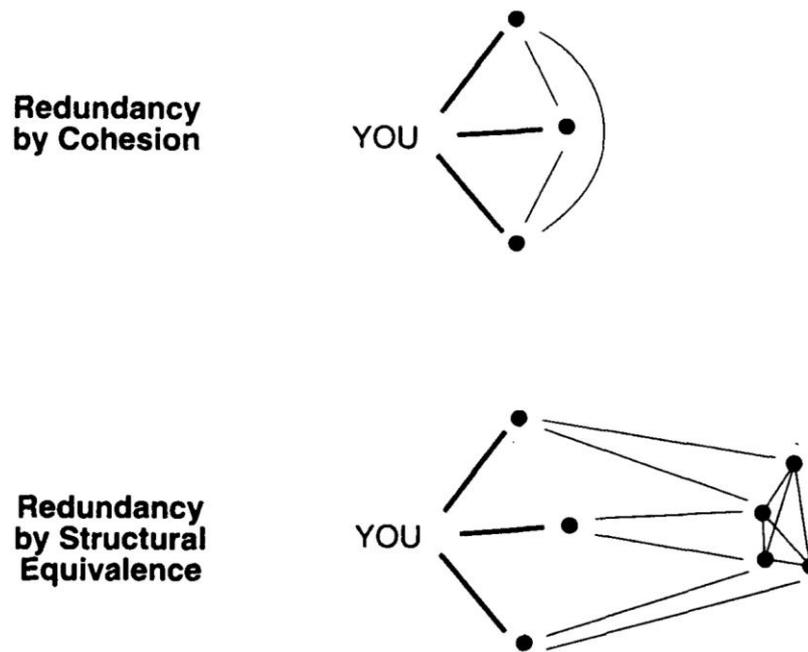
Burt (1992) argumenta que existe mais homogeneidade de comportamento, opinião, informação e ideias *dentro* dos grupos de pessoas do que *entre* os grupos. Assim, um indivíduo que assume a posição de intermediário ou ponte entre grupos diferentes pode ter acesso a um conjunto mais diverso de ideias e informações.

De acordo com o autor, um buraco estrutural é “o relacionamento de não-redundância entre dois contatos” (BURT, 1992, p.57). O buraco atua como um isolante num circuito elétrico e, como resultado, o buraco entre dois indivíduos fornece benefícios da rede. São apresentados, então, indicadores empíricos de redundância, os quais, quando ausentes, indicam a presença de um buraco estrutural. Estes indicadores são: a) redundância por coesão: um relacionamento forte definido por contato frequente e proximidade emocional; b) redundância por equivalência estrutural: pessoas estruturalmente equivalentes têm os mesmos contatos, o que faz com que as informações que chegam até elas e as que elas enviam sejam redundantes. Assim, é possível afirmar que a redundância é mais provável entre pessoas

¹⁵ The most pressing need for further development of network ideas is a move away from static analyses that observe a system at one point in time and to pursue instead systematic accounts of how such systems develop and change. Only by careful attention to this dynamic problem can social network analysis fulfill its promise as a powerful instrument in the analysis of social life.

estruturalmente equivalentes conectadas por relacionamentos fortes. Na figura 2, os indicadores estruturais de redundância supracitados são retratados.

Figura 2: Indicadores estruturais de redundância



Fonte: BURT, 1992, p. 66

Burt (1992) também faz uma discussão entre o seu argumento – dos buracos estruturais – e o argumento de Granovetter sobre os laços fracos. O autor afirma que o argumento do laço fraco é simples e elegante: as pessoas vivem em grupos com quem elas têm relações fortes, assim, a informação circula em alta velocidade entre esses grupos, o que faz com que cada pessoa saiba o que outra sabe. Neste sentido, a difusão de novas ideias, informações e oportunidades deve vir dos laços fracos, que conectam as pessoas a outros grupos. Os laços fracos, então, são essenciais ao fluxo de informações que conectam os grupos sociais, antes desconectados, a uma sociedade mais ampla.

O próprio autor faz um questionamento de por que trabalhar com a noção de buracos estruturais se o argumento dos laços fracos é conhecido e simples. Burt (1992) responde a esta questão afirmando que a fraqueza de um laço não traz os mesmos benefícios do que a noção de buraco estrutural. Não importa se um relacionamento é forte ou fraco; ele gera benefícios de informação quando é uma ponte sobre o buraco estrutural.

Todavia, a teoria de Burt (1992) se aproxima muito da de Granovetter (1973) e, independentemente da terminologia usada – buracos estruturais ou laços – o conceito é o mesmo e também as consequências: mais informações novas. A diferença é que Granovetter (1973) discute se a força do laço fará com que ele seja um laço-ponte.

Nestes termos, a aproximação das duas teorias contribui para fortalecer o modelo teórico proposto para análise dos laços da Rede Mercocidades.

2.3 Análise de redes: perspectivas para cidades

Alfredo Mela em “A sociologia das cidades” (1999) afirma que seu livro pretende apresentar uma introdução aos debates da sociologia urbana. No capítulo 6 o autor argumenta que a análise de redes sociais não é algo novo em absoluto e ressalta que ela remonta a uma tradição da sociologia dos anos 1950, que foi abordada na subseção anterior. Todavia, nos anos 1980, ocorreu um aumento do interesse nas abordagens de fenômenos territoriais baseados em ideias de ligações a redes, as quais foram aplicadas a uma escala macroterritorial, a fim de explicar a nova estrutura de relações entre as cidades, que era consequência das transformações econômicas e tecnológicas da fase pós-fordista.¹⁶

Mela (1999) explica que os pontos singulares de uma rede – os nós – se configuram como sujeitos sociais individuais ou coletivos; já as linhas de união ou arcos representam a relação social ou fluxos de permuta entre esses sujeitos. Os fluxos, por sua vez, podem ser monodirecionais, quando a permuta efetua-se somente em uma direção ou bidirecionais, representando reciprocidade.

O autor destaca, ainda, que uma propriedade que caracteriza a rede é sua densidade, definida “como a relação entre os laços efectivamente (sic) estáveis entre os indivíduos e os que seriam teoricamente possíveis, desde que cada indivíduo estivesse ligado a todos os outros.” (MELA, 1999, p.382). Mela (1999) afirma que a intensidade das relações que são estabelecidas dentro das redes configura-se como fortes e fracas. Os laços fortes caracterizam-se por haver um intenso empenho entre os indivíduos envolvidos que partilham de diversos

¹⁶ De acordo com David Harvey (2006), “a incapacidade do fordismo e do keynesianismo de conter as contradições inerentes ao capitalismo” (HARVEY, 2006, p. 135) levou à crise estrutural do fordismo. Esta crise foi chamada de rigidez: “Rigidez dos investimentos de capital fixo de larga escala [...]” (HARVEY, 2006, p. 135); “[...] rigidez nos mercados, na alocação e nos contratos de trabalho [...]”(HARVEY, 2006, 135). Assim, a ascensão de um novo modelo de acumulação – o regime de acumulação flexível – foi a consequência desses acontecimentos. Este novo regime substituiu aquele que era fundamentado na rigidez produtiva e trouxe maior flexibilidade dos padrões de consumo, dos mercados e da organização do trabalho.

tipos de interesses e o laço apresenta grande estabilidade; já os laços fracos apresentam empenho emocional mais baixo, partilha de interesses específicos e podem vir a ter um carácter temporário. Assim, a densidade de uma rede e as relações existentes nela definem um nexos, ou seja, a rede que é constituída apenas por laços fortes apresenta uma alta densidade e tende a converter-se num conventículo¹⁷, porém aquela formada por laços fracos tende a projetar-se para o exterior, envolvendo novos indivíduos. Neste ponto, o argumento de Mela (1999) se aproxima do de Granovetter (1973), já que este afirma que quanto mais forte o laço entre dois indivíduos, mais parecidos eles são um com o outro, enquanto os laços fracos fazem com que o grau de influência da rede alcance outros membros que não pertencem a ela.

Mela (1999) destaca também a necessidade de definir, primeiramente, o tipo de rede com a qual se está trabalhando para, depois, analisar sua estrutura. Assim, o autor define três tipos de redes:

- a) a rede egocentrada define-se partindo de um ponto preciso da estrutura de relações, ou seja, de um indivíduo específico (que, no caso em questão, funciona como ego, ou, por vezes, de dois indivíduos ligados por uma relação (por exemplo, um casal conjugal)). A rede é construída analisando em primeiro lugar as relações que unem o ego aos outros indivíduos e depois considerando as que unem “os outros” entre si, para em seguida prosseguir, eventualmente, examinando também quais as relações entre esses últimos e terceiros indivíduos, e assim sucessivamente.
- b) A rede parcial. Neste caso, o critério de delimitação da rede é relativo à natureza das relações consideradas (por exemplo, na estrutura global das relações próprias de uma sociedade, só se tomam em consideração as de natureza política).
- c) A rede egocentrada parcial. Aqui, os dois critérios anteriormente citados são combinados entre si (por exemplo, constrói-se uma rede egocentrada que só toma em conta relações políticas). (MELA, 1999, p. 382).

As redes também se distinguem por suas propriedades espaço-temporais, e Mela (1999) se limita a analisar os aspectos espaciais. O autor afirma que as redes funcionam através de interações de co-presença ou à distância, ou seja, no primeiro caso a rede fica contida num espaço geográfico “local” dotado de proximidade entre as partes que a constituem; já no segundo caso, a rede consegue conectar indivíduos que encontram-se em espaços não contíguos – territórios distantes entre si. As redes de interação de co-presença, assim, têm forma espacial contínua, enquanto as que operam à distância apresentam forma descontínua.

¹⁷ Um conventículo, de acordo com Mela (1999), é um tipo de rede com densidade máxima, em que todos os indivíduos estão efetivamente ligados entre si.

Mela (1999), então, constrói instrumentos conceituais para a classificação de redes e sua análise a partir da combinação de propriedades destacadas em seu texto, quais sejam, a densidade e a forma espacial. A tabela 1 apresenta a relação entre essas propriedades:

Quadro 3: Tipologia de redes

Forma contínua	Forma descontínua
alta densidade	baixa densidade
redes comunitárias tradicionais	redes comunitárias à distância
redes societárias locais	redes societárias supralocais

Fonte: MELA, 1999, p. 384

Neste sentido, ao analisar o quadro 3, pode-se perceber quatro tipos de redes:

[...] as redes de alta densidade caracterizam os campos de interações (sic) que mais se aproximam do modelo que a sociologia clássica define como comunitário. Em particular, o tipo de forma contínua acerca-se do modelo de comunidade tradicional identificada com uma área de dimensões limitadas (por exemplo, uma aldeia tradicional), enquanto o de forma descontínua corresponde ao modelo de comunidade “à distância” (como as formadas pelos cientistas que praticam uma certa disciplina, ou as chamadas “comunidades eletrônicas (sic)”). Ao invés (sic), as redes de baixa densidade caracterizam unidades sociais do modelo societário – em particular, no tipo de forma contínua – trata-se de unidades de base local (como os contextos urbanos ou regionais), enquanto o de forma descontínua corresponde a estruturas sociais de amplo raio e liga relações à distância (por exemplo, redes de relações econômicas ou políticas de escala internacional). (MELA, 1999, p. 384).

Ainda no que se refere às abordagens de análise de redes com perspectivas para cidades, destaca-se o trabalho de Roberta Capello (2000), autora cujo argumento tem sido utilizado em inúmeros trabalhos sobre redes de cidades. Em “*The City Network Paradigm: Measuring Urban Network Externalities*” a autora afirma que a concepção de comportamento em redes nasceu no campo da economia industrial e, eficazmente, foi transportada para a área da teoria econômica urbana. O comportamento em redes, segundo Capello (2000), é uma metáfora para cooperação entre parceiros de *indivíduos*, de *corporações* ou de *territórios*. Esta noção de cooperação vinculada à ideia de comportamento em redes tem sido o paradigma de referência num momento de rápidas transformações tecnológicas e inovações e, assim, este recente comportamento encontra sua explicação no processo de globalização, que exige dos atores econômicos a presença em mercados múltiplos e o controle de trajetórias tecnológicas, o que não poderia ser alcançado através do comportamento econômico tradicional. Ainda de acordo com a autora, o paradigma das redes de cidades propõe que, através da participação na rede, as cidades exploram economias em relações de complementaridade e em atividades de cooperação.

Capello (2000) formula, então, a “Teoria das Redes de Cidades”, a qual propõe que uma rede de cidades é uma instituição formada com o objetivo de trocar informações e oferecer oportunidades para que as cidades desenvolvam políticas conjuntas.

Segundo a autora as redes determinam relações de sinergia privilegiadas entre cidades que cooperam ou interagem no mesmo campo ou função, o que, inevitavelmente, provoca externalidades aos parceiros que cooperam com base em ligações horizontais e desempenham as mesmas funções. Assim, a autora entende que o conceito de rede de cidades é composto de três elementos:

- a) Elemento *rede*: relações de longa distância e não-territoriais que emergem entre cidades de mesmo tamanho e que possuem padrões de especialização;
- b) Elemento *externalidade da rede*: este representa a principal vantagem econômica para se explicar o comportamento em redes. Significa que as cidades exploram atividades complementares e efeitos de sinergia em atividades de cooperação, o que é atingido somente através da rede;
- c) Elemento *cooperação*: as relações entre as cidades não são governadas por uma hierarquia entre os centros, assim, é garantida a concretização de vantagens estratégicas.

Importa ressaltar que o elemento externalidade, apesar de crucial para explicar a racionalidade do comportamento em redes, é difícil de ser traduzido em um conceito mensurável.

No contexto das redes de cidades, a autora afirma que possivelmente as vantagens de ser parte de uma rede aumentem com o número de cidades participando da rede: “a base da provisão de informações e de histórias de sucesso a imitar aumentam quando o número de cidades participando da rede aumenta.”¹⁸ (CAPELLO, 2000, p. 1929, versão livre). Entretanto, o que é mais crucial no argumento de Capello (2000) é o conceito de produção de externalidade de redes. Estas surgem quando os resultados alcançados por uma cidade em termos de políticas urbanas influenciam – na forma de boas práticas – a eficiência e desempenho da administração pública em cidades que fazem parte da rede. Neste sentido, a autora afirma que um desempenho eficiente nos corpos administrativos podem ser mensurados em termos de políticas urbanas estratégicas desenvolvidas no nível local, as quais surgem através do comportamento cooperativo, distribuindo as vantagens entre os parceiros.

¹⁸ the base of information provision and of success stories do imitate enlarges when the number of cities participating in the network increases.

Assim, a partir desta teorização, Roberta Capello (2000) sugere uma série de proposições a serem testadas:

- a) A participação em redes deveria promover às cidades-membro um melhor desempenho e eficiência em termos de políticas urbanas implementadas bem sucedidas. Sobre este ponto, Capello (2000) argumenta que mais boas práticas e histórias de sucesso replicadas numa cidade aumentam o impacto nas políticas locais;
- b) O uso intenso da rede deveria fortalecer as externalidades da rede. Nesta proposição é destacado que um comportamento justo e cooperativo entre as cidades-membro de uma rede representa a condição para o sucesso do projeto e a distribuição das vantagens da rede;
- c) O comportamento cooperativo deveria ser acompanhado de maiores externalidade de rede.

Roberta Capello (2000) testa estas proposições analisando o caso empírico da “Health City Network”, a qual agrega 36 cidades europeias. A autora chega às seguintes conclusões: a teoria das redes de cidades é o arquétipo que tem surgido para os relacionamentos entre as cidades e que vai além do foco nas relações do tipo hierárquicas. Ela também constata que o que ainda falta na literatura de redes de cidades é evidência empírica das vantagens econômicas – as externalidades urbanas – das quais as cidades se beneficiam através do comportamento cooperativo. Por fim, Capello (2000) atesta que seu trabalho é um estudo pioneiro e apresenta limites. No entanto, fornece resultados encorajadores que estimulam os estudos sobre este tema em duas direções, quais sejam, o desenvolvimento de uma metodologia mais forte e a mensuração dos custos de se fazer parte de uma rede.

2.4 Conclusão

Tendo em mente este panorama do desenvolvimento da análise de redes enquanto modelo para estudo de redes sociais e sua posterior aplicação às redes de cidades, vale ressaltar que a preocupação norteadora deste trabalho é a discussão dos laços de uma rede específica – a Rede Mercocidades. Conforme apresentado no capítulo introdutório, esta pesquisa tem como pergunta norteadora saber como ocorre a difusão de boas práticas na Rede Mercocidades e se funda em duas hipóteses, quais sejam, de que os laços fracos são predominantes na Rede Mercocidades e que estes são os responsáveis pela difusão das boas práticas em seu interior.

Assim, no capítulo seguinte, a criação e consolidação da Rede Mercocidades são detalhadas com o intuito de apresentar sua estrutura de funcionamento para que, no capítulo 4 a análise dos laços da Rede seja realizada. O modelo analítico aqui proposto utiliza a definição de Granovetter (1973) de força de laços transpondo-a para redes de cidades, a fim de identificar o tipo predominante de laço entre as cidades pertencentes às Unidades Temáticas da Rede. Tal identificação é realizada a partir do quadro analítico já mencionado e, sabendo o tipo de laço – forte ou fraco – é analisado se a maior presença de laços fracos favorece a difusão de boas práticas na Rede.

3 A REDE MERCOCIDADES

Construir um futuro comum, de bem-estar e dignidade para todos. Este é o compromisso que nos unifica e o objetivo que impulsiona nossas ações. Este futuro comum é maior que nossas diferenças conjunturais. Por isso, os governos nacionais são chamados a desenvolver nossas potencialidades, as que tornem viável a construção de um poderoso bloco político e econômico capaz de enfrentar o processo de globalização com independência e autonomia. Para isso, será necessário que os governos centrais prestem atenção a esta experiência de integração que estamos construindo entre as grandes cidades; uma integração que se sustenta na medida em que cresce a consciência dos nossos cidadãos, que aproxima e fortalece nossas culturas, que integra os atores sociais de nossos municípios e cria uma verdadeira comunidade de interesses. (REDE MERCOCIDADES, 1995, versão livre).¹⁹

Neste capítulo será apresentada, através de uma perspectiva histórica, a Rede Mercocidades. Para tanto, num primeiro momento, apresenta-se o contexto em que as primeiras redes internacionais de cidades foram criadas, sendo que, neste trabalho, decidiu-se apresentá-las em formato de quadros. Além disso, o marco fundador da Rede é retomado, assim como os avanços em busca de sua consolidação, especialmente com a criação de seus estatutos.

Por fim, a organização interna da Rede é apresentada em detalhes, com o intuito de trazer um balizamento para a análise que será realizada no capítulos 4 e 5, quando os laços da Rede serão abordados.

3.1 Marco Fundador da Rede Mercocidades

Ao retomar o argumento de Roberta Capello (2000), destaca-se que as redes de cidades são formadas objetivando a troca de informações, o que possibilita, segundo a autora, o desenvolvimento de políticas conjuntas entre as cidades. No que se refere ao conceito de rede da análise de redes sociais, cada cidade é percebida como um nó e suas relações configuram os laços da rede.

¹⁹ Construir un futuro común, de bienestar y dignidad para todos. Éste es el compromiso que nos unifica y el objetivo que impulsa nuestras acciones. Este futuro común es mayor que nuestras diferencias coyunturales. Por eso, los gobiernos nacionales están llamados a desarrollar nuestras potencialidades, las que hacen factible la construcción de un poderoso bloque político y económico capaz de enfrentar el proceso de la globalización con independencia y autonomía. Para ello, será necesario que los gobiernos centrales presten atención a esta experiencia de integración que estamos llevando a cabo entre las grandes ciudades, una integración que se sustenta en la medida en que crece en la conciencia de nuestros ciudadanos, que aproxima y fortalece nuestras culturas, que integra los actores sociales de nuestros municipios y crea una verdadera comunidad de intereses.

Alfredo Meneghetti (2005) afirma que a primeira rede de cidades foi criada na Bélgica em 1913 quando, na ocasião, ocorreu um congresso internacional que reuniu mais de 400 representantes de municipalidades de mais de 20 países. Nesta ocasião foi criada a União Internacional de Autoridades Locais (IULA) e, segundo o autor, com esta rede foi “estabelecida uma nova era nas relações municipais internacionais.” (MENEGETTI, 2005, p. 57). No entanto, esta rede durou apenas 1 ano porque com o advento da Primeira Guerra Mundial, os contatos municipais foram proibidos; as atividades desta rede só foram retomadas em 1924. Assim, o autor argumenta que a ideia de criação de redes de cidades está atrelada ao irmanamento²⁰ de cidades que surgiu durante a Segunda Guerra Mundial com o intuito de proteger a Europa de outras guerras.

De acordo com Renaud Payre (2010), as redes de cidades proliferaram nos anos 1980, corroborando o argumento de Alfredo Mela (1999) que afirma que neste período ocorreu um aumento do interesse nas abordagens de fenômenos territoriais baseados em ideias de ligações a redes com o intuito de explicar as relações entre as cidades que surgiam naquele momento. Payre (2010) também argumenta que realizar investigações em redes de cidades nem sempre é fácil, mas que a maneira mais bem sucedida é através de suas cidades-membro, que é a proposta deste trabalho.

Destaca-se que as redes podem ter atuação global, regional ou, até mesmo, dentro de um mesmo país. Para este trabalho, escolheu-se listar as redes de atuação global e regional, conforme os quadros 4 e 5:

²⁰ Meneghetti (2005) define irmanamento como sendo “a reunião entre duas municipalidades com a finalidade de agir conjuntamente dentro de uma perspectiva [...], confrontando problemas e desenvolvendo políticas crescentemente mais íntimas e mais amigáveis entre as duas.” (MENEGETTI, 2005, p.57).

Quadro 4: Redes de cidades de âmbito global

REDES ÂMBITO GLOBAL	SÍTIO NA INTERNET
European Sustainable Cities	http://www.sustainable-cities.eu/
Cities Alliance	http://www.citiesalliance.org/ca/
City Development Strategies Initiative	http://sdo.ew.eea.europa.eu/networks/city-development-strategies-initiative-cdsi
The Eco-Partnership Network	http://www.ecopartnerships.gov/
Healthy City Networks	http://www.euro.who.int/en/what-we-do/health-topics/environment-and-health/urban-health/activities/healthy-cities/who-european-healthy-cities-network
International City/County Management Association	http://icma.org/en/icma/home
International Council for Local Environmental Initiatives	http://www.iclei.org/
International Network for Urban Development	http://www.inta-aivn.org/en/
International Union of Local Authorities (IULA)	http://web.mit.edu/urbanupgrading/upgrading/resources/organizations/iula.html
Organization of Islamic Capitals and Cities	http://www.oicc.org/
Sister-Cities	http://www.sister-cities.org/
World Association of Major Metropolises	http://www.metropolis.org/
United Cities and Local Governments	http://www.cities-localgovernments.org/

Fonte: MENEGETTI, 2005.

Quadro 5: Redes de cidades de âmbito regional

REDES ÂMBITO REGIONAL	SÍTIO DA INTERNET
Arab Towns Organization	http://www.ato.net/web/eindex.asp
Comitê das Regiões (Committee of Regions);	http://www.cor.europa.eu/
Congress of Local and Regional Authorities of Europe	http://www.coe.int/t/congress/default_en.asp
Conselho das Municipalidades e Regiões Europeias (Council of European Municipalities and Regions)	http://www.ccre.org/
Kitakyushu Initiative Network for a Clean Environment	http://kitakyushu.iges.or.jp/
Mercocidades (Mercociudad)	www.mercociudades.org
Municipal Development Programme for Africa;	http://www.mdpafrica.org.zw/
US Asia Environment Programme	http://www.sacep.org/
Eurocities	http://www.eurocities.eu/

Fonte: MENEGHETTI, 2005.

Na América Latina não existem muitas redes de cidades, sendo a Rede Mercocidades a maior rede da região.

A origem da Rede Mercocidades, com 261²¹ cidades afiliadas, remonta a um seminário organizado pela União de Cidades Capitais Iberoamericanas – subregional Cone Sul, em março de 1995, em Assunção (Paraguai), que tinha como título “Mercosul: oportunidades e desafios para as cidades”. Na ocasião, os prefeitos participantes declararam a intenção de criar uma rede de cidades denominada Mercocidades.

Em julho de 1995, em Porto Alegre, assinou-se o “Compromisso de Porto Alegre”, no qual as cidades expressaram sua vontade de serem protagonistas no processo de integração regional e também definiram as características que teria a nova organização, cuja criação estava planejada para novembro do mesmo ano. Assim, em novembro de 1995, foi celebrada a I Cúpula da Rede Mercocidades, que culminou com a assinatura da Ata de Fundação da Rede, com as seguintes cidades fundadoras: Assunção (Paraguai), Rosário, La Plata, Córdoba, Buenos Aires (Argentina), Brasília, Curitiba, Florianópolis, Porto Alegre, Rio de Janeiro, Salvador (Brasil), e Montevideu (Uruguai).

De acordo com Daniel Chasquetti (2006), a Rede tinha como objetivo lograr a participação dos níveis locais nos processos decisórios do Mercosul, e sua atuação buscava, por um lado, o fortalecimento da posição contra a orientação excludente e presidencialista do

²¹ Fonte: Secretaria Executiva Rede Mercocidades gestão 2010/2011.

bloco e, por outro, uma consolidação enquanto rede de cooperação horizontal, voltada para o intercâmbio de experiências e difusão de boas práticas.

Na Declaração de Assunção (1995), Carlos Filizzola, intendente da cidade na época, afirmou que, na América Latina, os processos de democratização e descentralização política proporcionaram uma revalorização das cidades e dos governos locais. No entanto, as cidades ainda enfrentavam limitações devido à insuficiência de recursos públicos, à fraca integração social urbana e à escassa cooperação entre os setores público e privado. Neste sentido, as cidades deveriam responder a cinco desafios:

[...] a renovação ou reconversão da base produtiva da cidade, a geração e manutenção da infraestrutura urbana adequada, a garantia dos níveis aceitáveis de qualidade de vida, a articulação de mecanismos viáveis de integração social e a conquista de um limiar de governabilidade que permita uma administração efetiva dos processos urbanos. (REDE MERCOCIDADES, 1995, versão livre)²²

Assim, tendo em vista estes desafios, afirma-se na Declaração de Assunção (1995) que as cidades do Mercosul deveriam ter direito a exercer um papel mais ativo e autônomo nas competências relacionadas à integração regional. Destacou-se, também, a necessidade de usar canais mais eficientes de comunicação para intercâmbio e atualização de informações compartilhadas. Assim, a proposta de criação da Rede Mercocidades apresentava como objetivo principal, naquele momento, alinhar esforços e recursos às estratégias de desenvolvimento urbano em conformidade com as exigências do Mercosul.

As principais resoluções da I Cúpula da Rede Mercocidades foram a institucionalização da Rede através da Ata Fundacional; a criação de um Conselho composto por chefes de governos municipais das cidades pertencentes à Rede; a busca do reconhecimento, por parte do Mercosul, desta rede de cidades e a criação das Unidades Técnicas (UTs)²³ que, a cada ano, teriam sua coordenação e subcoordenação a cargo de uma das cidades pertencentes à Rede. As UTs criadas em 1995 eram: Municípios e a Universidade; Comércio Exterior; Ciência, Tecnologia e Banco de Talentos; Cultura; Turismo; Gestão Municipal e Planejamento Estratégico; Planejamento Urbano e Ambiental; Desenvolvimento Social; Educação e Saúde e Legislação e Política Tributária. É importante

²² [...] la renovación o reconversión de la base productiva de la ciudad, la generación y el mantenimiento de infraestructura urbana adecuada, la garantía de niveles aceptables de calidad de vida, la articulación de mecanismos viables de integración social y el logro de un umbral de gobernabilidad que haga posible una administración efectiva de los procesos urbanos.

²³ As Unidades Técnicas depois serão chamadas de Unidades Temáticas.

ressaltar que as UTs foram mudando ao longo dos anos e, hoje, 14 compõem a Rede, as quais serão discutidas mais profundamente ao longo deste trabalho.

Assunção foi designada como a primeira Secretária Executiva da Rede e, de acordo com o Informe de Gestão (REDE MERCOCIDADES, 1995) produzido por esta cidade, a prioridade para aquele primeiro ano de existência da Rede era a de consolidação interna da mesma, tendo sido deixadas para segundo plano as relações políticas e de trabalho com o Mercosul. Esperava-se que a adoção de Estatutos e de uma estrutura formal de funcionamento, o que ocorreu em 1996, permitisse buscar alternativas e possibilidades de relacionamento com as instituições do bloco.

No que se refere à atuação da Rede, o Informe apresenta duas dimensões quais sejam, política e técnica. Com relação à dimensão *política*, afirma-se que uma rede de cidades somente poderia funcionar se existisse uma “[...] firme vontade política dos alcaides, intendentes e prefeitos”²⁴ (REDE MERCOCIDADES, 1995). Neste sentido, a condição para a continuidade da Rede Mercocidades estava atrelada à aceitação de responsabilidades por parte dos prefeitos, alcaides e intendentes, especialmente nas Assembleias Gerais e nas atividades do Conselho, instâncias previstas no Estatuto que seria aprovado na Cúpula de 1996. Além disso, foi sugerido que a efetividade destas funções próprias dos chefes de governo dependeria da existência, dentro de cada cidade, de um responsável pela “cooperação e relações internacionais e da Rede Mercocidades” (REDE MERCOCIDADES, 1995), que tivesse uma relação direta com a autoridade política e assegurasse o trabalho cotidiano com a Rede. Esperava-se, também, que os responsáveis políticos tivessem uma atuação nas Comissões temáticas (atuais Unidades Temáticas), uma vez que a base de funcionamento destas era o intercâmbio e eventual harmonização das políticas dos municípios em suas diversas áreas de competência.

A segunda dimensão citada, a *técnica*, diz respeito à atuação das Unidades Temáticas. Afirma-se que o desenvolvimento da descentralização e das funções dos municípios permite que existam profissionais qualificados em suas estruturas, o que demanda um intercâmbio permanente com seus pares de outras cidades pertencentes à Rede, com o intuito de confrontar experiências e propor soluções para problemas comuns, além de desenvolver capacitações.

O Informe de Gestão de 1995 também apresenta algumas considerações sobre a Cúpula de Porto Alegre que ocorreria em 1996. O grande objetivo para o segundo ano de

²⁴ [...] firme voluntad política de los alcaldes, intendentes y prefectos.

funcionamento da Rede era, basicamente, assegurar a fase de consolidação da rede com a aprovação de seu Estatuto. Neste sentido, os principais pontos levados para a II Cúpula foram:

- i) assegurar um adequado nível de decisão e representação política dos alcaides, através da Assembleia Geral e do Conselho, composto por representantes de colégios de cidades por países;
- ii) assegurar o funcionamento regular da Rede, com sua Secretaria e unidades técnicas;
- iii) conceber seu funcionamento próprio, com um sistema de modelo de quotas. (REDE MERCOCIDADES, 1996, versão livre)²⁵

Já durante a II Cúpula realizada em Porto Alegre, novos compromissos foram firmados: a definição de um programa mínimo que deveria ser cumprido por cada Unidade Temática (elaboração de dois artigos e realização de 1 evento ou curso em sua área específica); a aprovação do Estatuto Social e definição da composição do Conselho.

O Estatuto Social constitui um mecanismo essencial para a institucionalização da Rede, além de determinar seus objetivos e finalidades. O preâmbulo do documento ressalta que

[...] as cidades constituem espaços de interação humana de importância crescente e suas organizações administrativas representam entidades ativas de participação que não podem estar alheias à globalização das relações internacionais. (REDE MERCOCIDADES, 1996, versão livre).²⁶

O artigo 2º do Estatuto versa sobre os objetivos e finalidades da Rede Mercocidades, que são citados literalmente abaixo:

- a) Favorecer a participação das cidades na estrutura do Mercosul, buscando a codecisão nas áreas de sua competência;
- b) Impulsionar a criação de redes de cidades através de unidades técnicas operativas que desenvolvam diversas ações, programas e projetos de interesse comum, intermunicipais, adequados ao processo de integração;

²⁵ i) asegurar un adecuado nivel de decisión y representación política de los Alcaldes, a través de la Asamblea General y del Consejo, compuesto por representantes de colegios de ciudades por países;
ii) asegurar el funcionamiento regular de la red, con su Secretaría y unidades técnicas;
iii) plantear su funcionamiento propio, con un sistema modelo de cuotas.

²⁶ [...] las ciudades constituyen espacios de interacción humana de importancia creciente y sus organizaciones administrativas representan entidades activas de participación política que no pueden estar ajenas a la globalización de las relaciones internacionales.

- c) Criar mecanismos de comunicação em redes entre as cidades, a fim de facilitar o intercâmbio de experiências e informações e o acesso dos cidadãos aos centros municipais de investigação, ao desenvolvimento tecnológico e à cultura;
- d) Estabelecer e impulsionar convênios e serviços recíprocos entre as diversas municipalidades e as redes que forem sendo criadas;
- e) Potencializar os recursos humanos e as experiências administrativas para as municipalidades;
- f) Coordenar o planejamento e promover ações vinculadas ao crescimento e ao desenvolvimento urbano das cidades (sic);
- g) Coordenar projetos e desenvolver programas integrados com o objetivo de facilitar a realização de serviços e qualificar a infraestrutura urbana;
- h) Propugnar a cooperação intermunicipal no campo da ciência e tecnologia;
- i) Desenvolver e potencializar atividades comuns e integradas vinculadas à cultura, à recreação, ao esporte e ao turismo;
- j) Através das unidades técnicas e representação integrada, efetuar o inventário do patrimônio cultural e histórico das cidades do Mercosul necessários para adotar medidas comuns que garantam sua preservação e difusão;
- k) Desenvolver e planejar o turismo regional;
- l) Realizar estudos e colaborar na elaboração de planos e estratégias na área urbano-ambiental, com o objetivo de harmonizar e coordenar as ações nesta área;
- m) Colaborar com o planejamento das políticas e planos de desenvolvimento das cidades, levando em consideração a necessidade de melhorar a qualidade de vida;
- n) Impulsionar a adoção de políticas adequadas frente ao crescimento populacional e prevenir a violência nas cidades;
- o) Impulsionar a adoção de políticas que possam adequar os projetos locais ao novo espaço regional;
- p) Impulsionar a criação de unidades técnicas intermunicipais com representação integrada para o planejamento e desenvolvimento de projetos comuns e regionais;
- q) Propugnar e conscientizar sobre a participação cidadã que conduza a exercitar ativamente os direitos no âmbito político, econômico, social e cultural;
- r) Identificar as causas do aprofundamento das desigualdades sociais, a fim de propor e apoiar soluções possíveis de serem executadas pelos governos locais;

- s) Difundir uma cultura democrática e democratizadora a nível regional e nacional, estabelecendo uma relação mais estreita de cooperação para, através das municipalidades, definir políticas sociais adequadas;
- t) Estudar e impulsionar, através das diversas municipalidades, a implantação de políticas coordenadas que sejam destinadas ao setor de escassos recursos, a fim de que este tenha acesso a todos os serviços públicos e não fiquem à margem do desenvolvimento social e cidadão.

O Estatuto ainda determina os critérios de contribuição de cada cidade membro. Estas contribuições formam o patrimônio financeiro da instituição, utilizado para a manutenção das suas atividades. O artigo 5 também prevê que podem ocorrer contribuições realizadas por entidades públicas ou privadas, nacionais ou internacionais que estejam interessadas no desenvolvimento da Rede.

É importante destacar que a contribuição anual das cidades é proporcional ao seu número de habitantes e, inicialmente, elas eram divididas em 3 categorias: menos de 250.000 habitantes; entre 250.000 e 499.000 e cidades com 500.000 habitantes ou mais (REDE MERCOCIDADES, 1996). Entretanto, em 2002, durante a VIII Cúpula que ocorreu em Assunção, foi aprovado o Regulamento Interno da Rede, baseado no Estatuto Social, o qual definiu novas categorias baseadas no número de habitantes de cada cidade, a fim determinar o valor das quotas anuais:

- a) Cidades com menos de 100.000 habitantes – US\$ 100
- b) Cidades de 100.000 a 499.999 habitantes – US\$ 500
- c) Cidades de 500.000 a 2.999.999 habitantes – US\$ 1.000
- d) Cidades de 3.000.000 e mais – US\$ 2.000. (REDE MERCOCIDADES, 1996, versão livre)²⁷

Outra importante cláusula do Estatuto versa sobre o ingresso de cidades na Rede. O artigo 6º determina que qualquer cidade dos países do Mercosul e seus associados pode requerer seu ingresso na Rede, desde que seus governos tenham sido eleitos democraticamente.

As instâncias da Rede também foram definidas pelo artigo 13 do Estatuto Social:

²⁷ a) Ciudades de menos de 100.000 habitantes – US\$ 100;
 b) Ciudades de 100.000 a 499.999 habitantes – US\$ 500;
 c) Ciudades de 500.000 a 2.999.999 habitantes – US\$ 1.000;
 d) Ciudades de 3.000.000 y más – US\$ 2.000.

1. Assembleia Geral de Sócios,
2. Conselho de Mercocidades;
3. Comissão Diretiva;
4. Secretaria Executiva;
5. Unidades Técnicas;
6. Secretaria Técnica Permanente. (REDE MERCOCIDADES, 1996, versão livre)²⁸

No que se refere às Unidades Temáticas, a Assembleia reunida na Cúpula de Porto Alegre definiu um programa mínimo a ser cumprido por elas: elaboração de dois artigos sobre seu tema específico e a realização de um evento e/ou curso em sua área.

Ressalta-se que na Declaração de Porto Alegre (1996) é afirmado que para se efetivar uma integração que trouxesse contribuições para o fortalecimento da democracia, o combate às desigualdades e melhoria da qualidade de vida das pessoas dependeria do protagonismo das cidades no cenário internacional. Assim, é reafirmado que a Rede Mercocidades pretendia participar ativamente da formação do Mercosul, estabelecendo uma intensa cooperação com este bloco; a intenção era dialogar com os governos nacionais para a construção de uma integração democrática.

Com a consolidação da Rede, seu número de membros aumentou substancialmente, o que tornou o trabalho das Unidades Temáticas mais complexo e dinâmico. Assim, em 1998, durante a IV Cúpula realizada em Montevideu, um novo conselho foi criado com o intuito de absorver as novas demandas trazidas pelo crescimento da Rede: o Conselho Ampliado, formado pelas cidades do Conselho e as coordenadoras das Unidades Temáticas, que se constituiu espaço para debate e articulação de metas, cronogramas e projetos para as cidades. No momento de sua elaboração, coube, também, ao Conselho Ampliado, avaliar a necessidade de criação de um regulamento interno para o Estatuto da Rede.

3.2 Organização interna da Rede Mercocidades

Conforme apresentado anteriormente, o Estatuto Social da Rede Mercocidades foi o responsável pela criação de suas instâncias, quais sejam, Assembleia Geral de Sócios, Secretaria Executiva, Comissão Diretiva, Secretaria Técnica Permanente e Unidades

²⁸ Son instancias de MERCOCIUDADES:

1. Asamblea General de Sócios
2. Consejo de Mercociudades
3. Comisión Directiva
4. Secretaría Ejecutiva
5. Unidades Técnicas
6. Secretaría Técnica Permanente

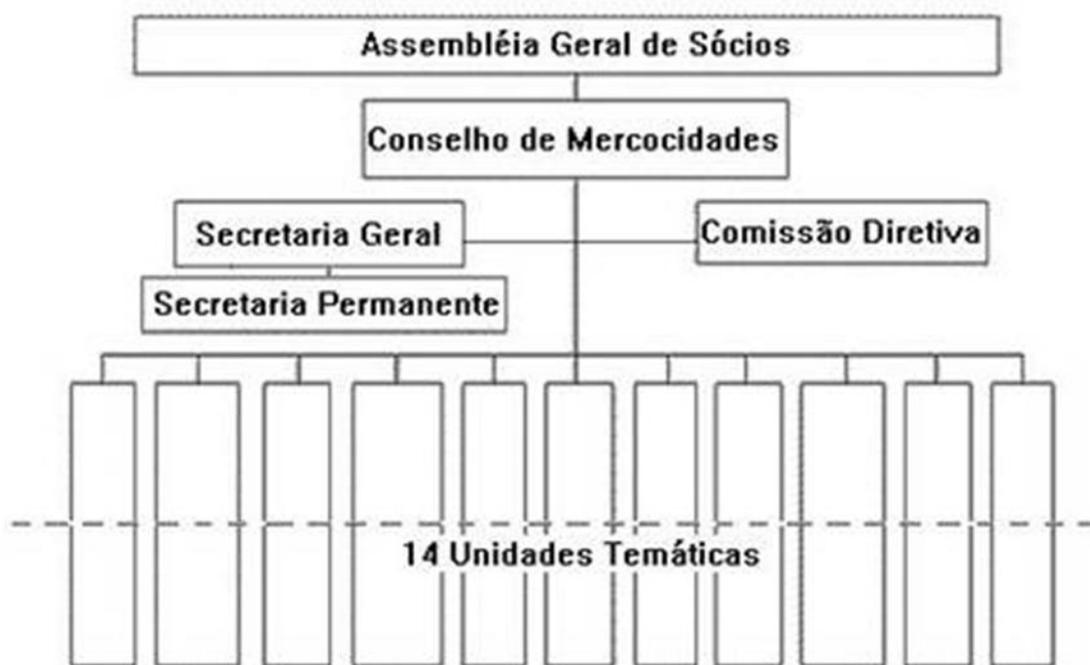
Temáticas. É importante destacar que a Secretaria Técnica Permanente foi criada somente durante a VI Cúpula que ocorreu no ano 2000, em Rosário, na Argentina.

Com relação à proposta de criação de uma Secretaria Técnica Permanente, decidiu-se aprovar a criação da mesma, fixar sua sede em Montevideú, no Edifício Mercosul, com o objetivo de, por um lado, vincular a agenda de Mercocidades com a agenda do Mercosul, além de arquivar em um espaço físico tudo o que for produzido pelas Unidades Temáticas e pelas diversas instâncias da Rede. (REDE MERCOCIDADES, 2000, versão livre.)²⁹

No entanto, somente durante a VIII Cúpula, em 2002, a STPM foi incorporada como uma das instâncias da Rede. Tal processo foi concluído com a modificação do Estatuto: “se agrega como instância nº IV a Secretaria Técnica Permanente.” (REDE MERCOCIDADES, 2002, versão livre.)³⁰

Assim, o atual Estatuto da Rede determina que esta é composta por 6 instâncias: Assembleia Geral de Sócios, Conselho, Secretaria Executiva, Comissão Diretiva, Secretaria Técnica Permanente e Unidades Temáticas (vide Quadro 2).

Quadro 6: Organograma da Rede Mercocidades



Fonte: Secretaria Executiva Rede Mercocidades – gestão 2010/2011.

²⁹ En relación a la propuesta de creación de una Secretaría Técnica Permanente se resolvió aprobar la creación de la misma, fijar su sede en Montevideo, en el Edificio Mercosur, con el objetivo de, por un lado, vincular la agenda de Mercociudades con la agenda de Mercosur, y además de recopilar y archivar en un espacio físico todo lo producido por las Unidades Temáticas y por las diversas instancias de la Red. Se propuso que el próximo Consejo apruebe un presupuesto que prevea los gastos, las fuentes de costo y el plan de trabajo de dicha Secretaría Técnica Permanente.

³⁰ Art. 13: Se agrega como instancia nº VI a la Secretaría Técnica Permanente.

3.2.1 A Assembleia Geral de Sócios

A Assembleia Geral de Sócios é o órgão máximo de deliberação, direção e decisão da Rede Mercocidades e é constituída pelos chefes de governo das cidades membro eleitos democraticamente.

O artigo 17 do Estatuto Social apresenta as funções privativas da Assembleia:

- I. Aprovar o presente Estatuto e aquelas eventuais propostas de modificação;
- II. Eleger os integrantes do Conselho, da Secretaria Executiva e das Unidades Técnicas da Rede;
- III. Definir a política geral e as estratégias de atuação da Rede, em concordância com os fins consagrados no presente Estatuto;
- IV. Aprovar o Regulamento Interno da Rede;
- V. Decidir os pedidos de ingresso e exclusão de sócios da Rede;
- VI. Decidir os recursos e decisões de outros órgãos da Rede;
- VII. Decidir acerca da dissolução da Rede, seguindo os procedimentos estabelecidos no presente Estatuto;
- VIII. Opinar na apresentação das contas do Conselho, da Secretaria Executiva e das Unidades Técnicas;
- IX. Decidir nos casos de omissão do presente Estatuto. (REDE MERCOCIDADES, 1996, versão livre)³¹

As sessões da Assembleia são presididas pelo chefe de governo da cidade que esteja exercendo a Secretaria Executiva e elas funcionam com qualquer número de presentes e a regra decisória é a da maioria simples dos presentes. Todavia, apesar da regra decisória ser maioria simples, no cotidiano da Rede, a tomada de decisão é por aclamação, o que significa que há consenso dentro da Rede.

3.2.2 O Conselho da Rede Mercocidades

Segundo o artigo 20 do Estatuto, o Conselho da Rede é seu órgão superior de administração. Ele é composto por duas cidades de cada país membro do Mercosul, por uma cidade de cada país associado e pela Comissão Diretiva. O artigo 22 apresenta suas

³¹ I-Aprobar el presente Estatuto y aquellas eventuales propuestas de modificación.
 II-Elegir los integrantes del Consejo, de la Secretaría Ejecutiva y de las Unidades Técnicas de la Red.
 III-Definir la política general y las estrategias de la actuación de la Red, en concordancia con los fines consagrados en el presente Estatuto.
 IV-Aprobar el Reglamento Interno de la Red.
 V-Decidir los pedidos de ingreso y exclusión de socios de la Red.
 VI-Decidir los recursos y decisiones de otros órganos de la Red.
 VII- Decidir acerca de la disolución de la Red, siguiendo los procedimientos establecidos en el presente Estatuto.
 VIII- Entender en la presentación de las cuentas del Consejo, de la Secretaría Ejecutiva y de las Unidades Técnicas.
 IX-Resolver en los casos de omisión de presente Estatuto.

competências, quais sejam: elaborar e apresentar à Assembleia Geral os informes de funcionamento e de atividades da Rede durante seu mandato; manifestar-se no nome da Rede sobre assuntos de interesse da mesma, especialmente aqueles que se referem à integração regional; promover eventos que projetem a Rede e promovam seus objetivos; sugerir ações às atividades das Unidades Temáticas e acompanhar aquelas por estas promovidas; manter as cidades associadas à Rede informadas das iniciativas e atividades promovidas pela mesma.

As decisões do Conselho são sempre tomadas por consenso de seus membros. Além disso, as reuniões desta instância ocorrem ordinariamente a cada 6 (seis) meses, sendo convocadas pelo Secretário Executivo, ou extraordinariamente sempre que seja necessário por convocatória do mesmo ou de mais 50% (cinquenta por cento) de seus membros.

3.2.3 *A Secretaria Executiva*

A Secretaria Executiva da Rede foi criada em 1995 durante a I Cúpula. Ela é a instância responsável por coordenar os trabalhos do Conselho, ademais de arquivar e difundir documentos relevantes dentro da Rede Mercocidades. Suas atribuições são determinadas no artigo 27 do Estatuto: representar oficialmente a Rede e, também, designar representantes para ela; convocar e presidir as reuniões da Assembleia e do Conselho, além de, quando necessário, dar o voto ordinário – o voto de qualidade (REDE MERCOCIDADES, 1996).

O mandato da Secretaria Executiva é de um ano e coincide com a realização das reuniões ordinárias da Assembleia Geral. Importa destacar que é previsto no Estatuto que os recursos para o funcionamento da Secretaria Executiva são de responsabilidade da cidade que está a cargo de tal instância como gastos com pessoal, serviços de água, luz, internet, correio e equipamentos de escritório. Já os outros gastos de funcionamento da Rede são cobertos com os recursos provenientes do patrimônio da Rede.

A seção “Administração dos recursos da Rede”, do Regulamento Interno, destaca que tal responsabilidade está a cargo da Secretaria Executiva. Nestes termos, a administração desses recursos “deve atender aos critérios de austeridade, transparência e concordância com os fins fundacionais das Mercocidades” (REDE MERCOCIDADES, 1996, versão livre).³²

O artigo 8 apresenta o destino dos recursos da Rede, que são: difusão e publicação das atividades; manutenção da página *web*; gastos de edição da Revista Diálogo e financiamento de eventos organizados pela Rede. Dessa maneira, também é responsabilidade da Secretaria

³² atendiendo a los criterios de austeridad, transparencia y en concordancia con los fines fundacionales de Mercocidades.

Executiva apresentar, durante a Assembleia Geral nas reuniões de Cúpula, uma prestação de contas respaldada por documentos que demonstrem os gastos efetuados.

Quadro 7: Secretarias Executivas da Rede Mercocidades (1995 – 2011)

Cidade	País	Período de gestão
Assunção	Paraguai	1995-1996
Porto Alegre	Brasil	1996-1997
Córdoba	Argentina	1997-1998
Montevidéu	Uruguai	1998-1999
Belo Horizonte	Brasil	1999-2000
Rosário	Argentina	2000-2001
Valparaíso	Chile	2001-2002
Assunção	Paraguai	2002-2003
Montevidéu	Uruguai	2003-2004
Buenos Aires	Argentina	2004-2005
Santo André	Brasil	2005-2006
Morón	Argentina	2006-2008
Canelones	Uruguai	2008-2009
Rosário	Argentina	2009-2010
Belo Horizonte	Brasil	2010-2011

Fonte: Elaborado pela autora

3.2.4 A Comissão Diretiva

A Comissão Diretiva criada em 1997 é composta por três cidades: aquela que está exercendo a Secretaria Executiva, a que exerceu no ano anterior e a próxima a exercê-la. Esta instância é responsável por apoiar a Secretaria Executiva nos trabalho de coordenação da Rede.

3.2.5 A Secretaria Técnica Permanente

A Secretaria Técnica Permanente ou STPM foi criada no ano 2000, durante a VI Cúpula da Rede que ocorreu em Rosário, na Argentina. De acordo com a Ata da Assembleia, decidiu-se aprovar a criação da STPM e fixar sua sede em Montevidéu no Edifício Mercosul, com o intuito de atrelar a agenda da Rede à do bloco, além de arquivar, em um espaço físico, todos os documentos produzidos pelas Unidades Temáticas e pelas outras instâncias da Rede. No entanto, naquela ocasião, ainda não estava previsto um orçamento para que fosse colocado em prática o Plano de Trabalho da STPM. Assim, em 2002, alterou-se o Estatuto da Rede e a STPM foi incorporada como uma das suas instâncias.

De acordo com o artigo 32 do Estatuto Social, a Secretaria Técnica Permanente é uma instância que assessora a Secretaria Executiva. Nestes termos, é competência da STPM:

1. Desenvolver a memória institucional da Rede;
2. Apoiar e assessorar o trabalho técnico e administrativo da Secretaria Executiva;
3. Apoiar e assessorar o trabalho do organismo do Mercosul destinado à participação das cidades;
4. Dar seguimento ao processo de integração, procurando determinar os debates e decisões de interesse das cidades. (REDE MERCOCIDADES, 1996, versão livre).³³

3.2.6 As Unidades Temáticas

As Unidades Temáticas foram criadas durante a I Cúpula e, na época, eram chamadas de Unidades Técnicas. Segundo o Estatuto, elas constituem instâncias responsáveis pelo desenvolvimento de temas específicos dentro da Rede Mercocidades.

Compete às Unidades Temáticas:

- I. Formular e propor, dentro de sua área temática, políticas comuns para que sejam sugeridas no âmbito do Mercosul;
- II. Promover a investigação e divulgação das experiências desenvolvidas nas distintas cidades do mundo;
- III. Promover eventos de discussão acerca do tema de sua responsabilidade buscando obter respostas que serão defendidas e difundidas pela Rede;
- IV. Preparar um bando de dados com as informações acerca do tema coordenado. (REDE MERCOCIDADES, 1996, versão livre)³⁴

Em 1995, as Unidades Temáticas e suas coordenadoras e subcoordenadoras eram as seguintes:

- a) Municipalidades e a Universidade -
 Coordenadora: La Plata
 Subcoordenadora: Assunção
- b) Comércio Exterior
 Coordenadora: Curitiba

³³ I. Desarrollar la memoria institucional de la Red.

II. Apoyar y asesorar el trabajo técnico y administrativo de la Secretaría Ejecutiva.

III. Apoyar y asesorar el trabajo del organismo del MERCOSUR destinado a la participación de las ciudades.

IV. Realizar el seguimiento del proceso de integración, procurando determinar los debates y decisiones de interés para las ciudades.

³⁴ I. Formular y proponer, dentro de su área temática políticas comunes para que sean sugeridas en el ámbito del MERCOSUR.

II. Promover la investigación y la divulgación de las experiencias desarrolladas en las distintas ciudades del mundo

III. Promover eventos de discusión acerca del tema de su responsabilidad buscando obtener respuestas que serán defendidas y difundidas por la Red.

IV. Preparar un banco de datos con las informaciones acerca del tema coordinado.

- c) Ciência, Tecnologia e Banco de Talentos
Coordenadora: Rio de Janeiro
Subcoordenadora: Curitiba
- d) Cultura
Coordenadora: Salvador
- e) Turismo
Coordenadora: Florianópolis
- f) Gestão Municipal e Planejamento Estratégico
Coordenadora: Porto Alegre
Subcoordenadora: Córdoba
- g) Planejamento Urbano e Ambiental
Coordenadora: Rosário
- h) Desenvolvimento Social – Educação e Saúde
Coordenadora: Montevideu
Subcoordenadora: Assunção
- i) Legislação e Política Tributária Municipal
Coordenadora: Brasília
Subcoordenadora: La Plata.

Depois do primeiro ano de funcionamento da Rede, buscou-se aperfeiçoar a atuação das Unidades Temáticas, tendo como base alguns critérios. O Informe de Gestão da Secretaria Executiva coordenada por Assunção em 1995 estabelece critérios que deveriam nortear o trabalho das UTs:

1. pertencer às áreas de competência dos municípios;
2. constituir um centro de interesse para vários integrantes da Rede;
3. ter uma relação com o processo de integração regional;
4. dispor de um ou vários municípios da Rede que estejam trabalhando com o tema e introduzindo inovações nesta área de trabalho;
5. ter uma relação com as problemáticas imediatas e gerais da população de nossas cidades;
6. facilitar a melhoria da capacidade de gestão dos municípios. (REDE MERCOCIDADES, 1996, versão livre)³⁵

³⁵ 1. pertenecer a las áreas de competencia de los Municipios;
2. constituir un centro de interés para varios integrantes de la Red;
3. tener una relación con el proceso de integración regional;
4. disponer de uno o varios Municipios de la Red que están trabajando en el tema y introduciendo innovaciones en esta área de trabajo;
5. tener una relación con las problemáticas inmediatas y generales de la población de nuestras ciudades;
6. facilitar la mejoría de la capacidad de gestión de los Municipios.

O então intendente de Assunção, Carlos Filizzola, também defende no Informe (1996) que não era necessário que todas as cidades da Rede participassem de todas as Unidades Temáticas, mas que estas deveriam agrupar aqueles municípios interessados na temática, em condições de participar e que pudessem trazer contribuições. Cada UT deveria estabelecer um quadro de trabalho que incorporasse seus objetivos (gerais e específicos), os resultados esperados e as atividades a serem desenvolvidas.

Esperava-se que as Unidades Temáticas também trabalhassem com os níveis político e técnico, além de atividades e projetos. A partir da perspectiva do nível político, se fazia necessário que os responsáveis políticos participassem dos encontros temáticos e produzissem “[...] documentos de síntese e proposições” (REDE MERCOCIDADES, 1996).³⁶ No que diz respeito ao nível técnico, a gestão de Assunção propôs que fosse realizada uma identificação das soluções técnicas que os municípios estivessem utilizando em suas diversas áreas de trabalho. A terceira linha de trabalho – atividades e projetos – estaria atrelada ao trabalho cotidiano das cidades da Rede e a Secretaria Executiva na época sugeriu que se implementasse um programa de estágio no qual os funcionários de uma cidade trabalhariam em outros municípios da Rede de 15 a 30 dias com a intenção de fornecer capacitação prática.

Ademais destas linhas de trabalho, a Secretaria Executiva coordenada por Assunção sugeriu que se deveria implementar um trabalho básico e de apoio, através da SE, com a circulação de informações e programações de atividades comuns, seminários, reuniões de trabalho, eventos, etc.

No Informe de Gestão de Porto Alegre, por sua vez, é afirmado que, ademais de cumprir com as obrigações estatutárias, as cidades que assumissem a coordenação das Unidades Temáticas deveriam avaliar a possibilidade da continuidade administrativa a fim de se evitar o enfraquecimento dos trabalhos da Rede em virtude da transição de governos. Foi proposto, também, que a cidade que estivesse inadimplente não assumisse a coordenação de Unidades Temáticas.

Neste sentido, a partir da análise das Atas das reuniões de Cúpula e dos Informes das Secretarias Executivas foi possível identificar, ao longo dos anos de funcionamento da Rede, a criação, extinção e modificação das Unidades Temáticas, que ocorreram com o intuito de adequar a atividade destas instâncias aos objetivos da Rede. Dessa maneira, entre os anos 1996 e 2005, destacam-se as seguintes alterações:

³⁶ [...] documentos de síntesis y proposiciones.

- a) Em 1996, a UT de Legislação e Política Tributária Municipal foi extinta e a de Coperação Internacional criada. Também nesta data, a UT de Planejamento Urbano e Ambiental foi dividida em duas: UT de Desenvolvimento Urbano e UT de Meio Ambiente;
- b) Em 1997, durante a III Cúpula da Rede, foi criada a UT de Desenvolvimento Econômico Local e as UTs de Comércio Exterior e Municipalidades e a Universidade foram extintas;
- c) Em 1998 dividiu-se a UT de Gestão Municipal de Planejamento Estratégico e criou-se, assim, a UT de Autonomia e Gestão Municipal e a UT de Planejamento Estratégico. Além destas UTs, também foi criada a de Educação;
- d) Durante a V Cúpula, em 1999, foi criada a Unidade Temática de Gênero e Município;
- e) Por fim, em 2004, foram criadas duas Unidades Temáticas: Segurança Cidadã e Juventude.

Atualmente, a Rede é formada por 14 Unidades Temáticas: Autonomia, Gestão e Financiamento Municipal; Ciência, Tecnologia e Capacitação; Cooperação Internacional; Cultura; Desenvolvimento Econômico Local; Desenvolvimento Social; Desenvolvimento Urbano; Educação; Gênero e Município; Juventude; Meio Ambiente e Desenvolvimento Sustentável; Planejamento Estratégico; Segurança Cidadã; Turismo.

3.3 Conclusão

Conforme destacado no início deste capítulo, um dos objetivos da Rede Mercocidades é criar mecanismos de comunicação em redes entre as cidades, a fim de facilitar o intercâmbio de experiências e informações. A identificação do compartilhamento dessas experiências e informações é um dos focos dos capítulos 4 e 5, que buscam apontar a natureza dos laços predominantes na Rede Mercocidades. Assim, a compreensão que se buscou trazer da estrutura de funcionamento da Rede – em especial das Unidades Temáticas – é essencial para que a análise dos laços entre as cidades da Rede faça sentido.

Dessa maneira, nos dois últimos capítulos, os indicadores de força de laços são finalmente aplicados com a intenção de se apontar o tipo de laço predominante na Rede Mercocidades e, posteriormente, avaliar sua relação com a difusão de boas práticas.

4 A ESTRUTURA DA REDE MERCOCIDADES

Nos próximos dois capítulos, a partir das variáveis e dos indicadores apresentados na Introdução, busca-se, inicialmente, identificar o tipo de laço predominante na Rede Mercocidades – forte ou fraco para, posteriormente, caso a presença de laços fracos seja grande, analisar se tal presença favorece a difusão de boas práticas entre os membros da Rede. Esta identificação é realizada no âmbito das Unidades Temáticas, as quais foram estudadas no capítulo 3.

Foram escolhidas 7 Unidades Temáticas para esta análise, quais sejam, (1) Autonomia, Gestão e Financiamento Municipal; (2) Gênero e Município; (3) Ambiente e Desenvolvimento Sustentável; (4) Ciência, Tecnologia e Capacitação; (5) Cultura; (6) Juventude; e (7) Turismo. A escolha destas UTs se deu em virtude de uma avaliação realizada anualmente pela Secretaria Técnica Permanente (STPM), desde 2005, com relação à atividade das UTs, na qual estas são classificadas em proativas, ativas, mínimas e inativas. A STPM elaborou um modelo de avaliação baseado em 4 indicadores³⁷: a) Plano de Trabalho; b) Atividades; c) Produtos e d) Participação. Cada um destes indicadores se divide em 3 dimensões, a partir de um mínimo – quando a UT não realiza nada naquela matéria – até um máximo, que é quando a UT apresenta um bom desempenho, e cada dimensão recebe um valor que oscila entre 0 e 2. Assim, somando os valores de cada dimensão, chega-se a uma escala que permite classificar a Unidade Temática conforme seu desempenho: proativas (7 e 8 pontos); ativas (5 e 6 pontos); mínima (3 e 4 pontos) e inativa (0, 1 e 2 pontos). O quadro 8 apresenta um resumo do modelo proposto pela STPM:

³⁷ Do ponto de vista metodológico, o que é designado pela STPM como indicadores são, na realidade, variáveis. As dimensões seriam os indicadores, no entanto, esta é a terminologia utilizada, oficialmente, pela Rede Mercocidades.

Quadro 8: Modelo de avaliação das Unidades Temáticas

Variáveis	Dimensões	Valores
Plano	Não há plano	0
	Plano mínimo de ações (linhas gerais e atividades)	1
	Plano sofisticado (linhas políticas, atividades e produtos)	2
Atividades	Não há atividades	0
	Uma única reunião da Unidade Temática	1
	Reunião da UT, realização de seminários, encontros e oficinas.	2
Produtos	Não há produtos	0
	Boletins eletrônicos *	1
	Publicação de livros, criação de base de dados **	2
Participação	Não há participação	0
	Menos de 6 cidades ou mais de 6 cidades de 2 países do Mercosul ***	1
	Mais de 6 cidades de pelo menos 3 países do Mercosul	2
* Pelo menos 1 por ano		
** Pelo menos 1 livro ou uma base de dados a ser colocada no sítio da internet.		
*** 6 é a média de participação das cidades nas reuniões de Unidades Temáticas em 2004.		

Fonte: Secretaria Técnica Permanente da Rede Mercocidades, 2005.

Dessa maneira, a partir das avaliações realizadas pela STPM entre 2005 e 2011, as UTs escolhidas para análise são as classificadas como proativas em cada uma das avaliações realizadas entre estes anos.

A análise foi feita a partir das atas nas quais as UTs relatam suas atividades. Ressalta-se que compete a cada Unidade Temática relatar as atividades desenvolvidas em suas reuniões e reportá-las à Secretaria Técnica Permanente, que é a responsável por guardar a memória institucional da Rede, conforme abordado no capítulo 3. Contudo, as reuniões de trabalho das UTs nem sempre ocorrem todos os anos ou, em alguns casos, elas ocorrem, mas não são relatadas, o que explica o fato de não se ter tido acesso às atas de todos os anos do período escolhido para análise.

Para a compreensão do estudo proposto é importante trazer esclarecimentos a respeito do padrão de organização das reuniões promovidas pelas UTs: geralmente ocorre uma abertura com um painel temático e uma palestra sobre o que será debatido na reunião. Após o painel, as cidades apresentam seus projetos, políticas públicas e suas experiências desenvolvidas na área temática da UT. E, no encerramento, há um debate sobre as atividades seguintes, os projetos que serão desenvolvidos e a escolha da coordenação e subcoordenação da UT. Este entendimento se faz necessário em virtude do caráter sequencial do trabalho das

UTs, ou seja, apesar de a cada ano existir uma Secretaria Executiva diferente, as UTs, por serem semi-independentes, podem trabalhar com as mesmas temáticas ou projetos por mais de 1 ano. Neste sentido, decidiu-se, para cada Unidade Temática estudada, apresentar um quadro que compreende todo o período analisado, assim, todas as cidades que já participaram de atividades das UTs são listadas e as variáveis de força de laços são aplicadas para cada uma delas, sem se levar em consideração a reunião específica de sua participação. Esta escolha se deu pelo fato de que o que se busca saber neste momento da pesquisa é o tipo de laço existente entre as cidades de cada UT, ou seja, os temas debatidos ou os detalhes das políticas apresentadas não são importantes, mas sim, o tempo que cada cidade está na Rede; que tipo de participação ela teve no período estudado; se compartilhou ou não algum projeto e se desenvolveu um projeto em conjunto com, pelo menos, outra cidade. Assim, fica caracterizada a força do laço e, posteriormente, analisar-se-á se a difusão de boas práticas ocorre em virtude da força do laço.

Nos capítulos 4 e 5 as Unidades Temáticas escolhidas são analisadas a partir da metodologia já mencionada na Introdução deste trabalho, aplicando-se ao mesmo tempo métodos qualitativos (análise documental) e quantitativo (estatística descritiva). Para nortear a leitura dos documentos – basicamente as atas de reuniões conforme já especificado – retomam-se as variáveis de força de laço: quantidade de tempo (tempo em que cidade está na Rede e atua em UTs); intensidade emocional (participação nas atividades da Rede); confiança mútua (replicabilidade dos projetos) e serviços recíprocos (projetos realizados em parceria com, pelos menos, duas cidades da Rede). Neste sentido, o laço será mais forte quanto mais os indicadores utilizados para observar o comportamento dessas variáveis estiverem presentes, o que se traduz da seguinte maneira: o laço será considerado forte quando o número de cidades com 10 ou mais anos de filiação à Rede for maior do que o número de cidades com menos tempo de filiação; quando o número de cidades com participação classificada como *ativação* for maior que o daquelas classificadas como *presença*; quando existir mais compartilhamento de projetos e mais projetos desenvolvidos entre duas ou mais cidades. É importante ressaltar que, como destacado no capítulo 2 deste trabalho, estas variáveis são um tanto independentes, assim, a mensuração dos laços fortes se deu, especialmente, pensando na participação das cidades nas atividades das UTs e nos projetos/políticas compartilhados. Destaca-se que tais variáveis serão apresentadas em quadros para cada UT estudada, sendo que, num primeiro momento foram relacionadas as Unidades Temáticas cujos laços entre as cidades são fortes e, posteriormente, serão tratadas aquelas que têm laços predominantemente fracos.

Após a identificação do tipo de laço predominante em cada UT, buscar-se-á relacionar o tipo de laço à difusão das boas práticas no interior da Rede, retomando, especialmente, o argumento de Granovetter (1973). Para isto, construiu-se um gráfico para cada quadro de força de laços, a fim de apresentar a relação entre as variáveis discutidas e aplicadas a cada UT. A legenda que se aplica a todos os gráficos deste e do próximo capítulo é a seguinte: as *cores* das colunas são correspondentes à variável *quantidade de tempo*; o *eixo vertical* corresponde ao *número* de cidades pertencentes a cada UT e o *horizontal*, às *demais variáveis de força de laço*.

4.1 Os laços fortes da Rede Mercocidades

Retomando o argumento de Granovetter (1973) pode-se afirmar que quanto mais forte o laço entre dois nós, maior a possibilidade de seus “mundos” coincidirem, ou seja, eles terão laços com os mesmos terceiros. Assim, um núcleo de laços fortes é constituído por um número reduzido de nós que mantêm contato frequente uns com os outros.

Tendo este argumento em mente, nesta seção será apresentada a análise das Unidades Temáticas cujas cidades têm laços fortes umas com as outras: Autonomia, Gestão e Financiamento Municipal; Ciência, Tecnologia e Capacitação e Gênero e Município.

4.1.1 Unidade Temática de Autonomia, Gestão e Financiamento Municipal

A Unidade Temática de Autonomia, Gestão e Financiamento Municipal foi criada em 1998 com o objetivo de

[...] promover a investigação, assim como um debate técnico e político sobre os processos de transformação e descentralização política e administrativa das cidades da região abarcando, além de temas como os processos de modernização administrativa, as estratégias de participação cidadã, os sistemas jurisdicionais, a autonomia e o orçamento municipal. (REDE MERCOCIDADES, 2012)³⁸

Entre 2004 e 2011, as seguintes cidades estiveram envolvidas com as atividades promovidas pela UTAGFM: Campinas, Belo Horizonte, Guarulhos, Camaçari e Várzea Paulista do Brasil; Malvinas Argentinas, La Matanza, Arabel, Morón, Paraná, Quilmes,

³⁸ [...] promover la investigación así como un debate técnico y político sobre los procesos de transformación y de descentralización política y administrativa de las ciudades de la región abarcando además temas como los procesos de modernización administrativa, las estrategias de participación ciudadana, los sistemas jurisdiccionales, la autonomía y el presupuesto municipal.

Neuquén, Buenos Aires, Cipolletti, Necochea, Trelew, Rio Cuarto e Rosário da Argentina e Paysandu e Canelones do Uruguai.

A análise da força dos laços entre estas cidades se deu a partir da compilação dos indicadores desenvolvidos no quadro 9, que é explicado na sequência.

Quadro 9: Força dos laços da Unidade Temática de Autonomia, Gestão e Financiamento Municipal

Cidade	Quantidade de tempo	Intensidade emocional	Confiança mútua	Serviços recíprocos
Belo Horizonte	15 anos	ativação	não compartilhou projetos	não desenvolveu projetos com outras cidades
Buenos Aires	16 anos	presença	não compartilhou projetos	não desenvolveu projetos com outras cidades
Camaçari	6 anos	presença	não compartilhou projetos	não desenvolveu projetos com outras cidades
Campinas	10 anos	ativação	não compartilhou projetos	não desenvolveu projetos com outras cidades
Canelones	6 anos	presença	não compartilhou projetos	não desenvolveu projetos com outras cidades
Cipolletti	2 anos	presença	não compartilhou projetos	não desenvolveu projetos com outras cidades
Guarulhos	12 anos	ativação	compartilhou projetos	desenvolveu projetos com outras cidades
La Matanza	9 anos	presença	não compartilhou projetos	não desenvolveu projetos com outras cidades
Malvinas Argentinas	12 anos	ativação	não compartilhou projetos	não desenvolveu projetos com outras cidades
Morón	9 anos	presença	não compartilhou projetos	não desenvolveu projetos com outras cidades
Necochea	7 anos	presença	não compartilhou projetos	não desenvolveu projetos com outras cidades
Neuquen	3 anos	ativação	compartilhou projetos em	desenvolveu projetos com outras cidades
Paraná	10 anos	presença	não compartilhou projetos	não desenvolveu projetos com outras cidades
Paysandu	11 anos	ativação	compartilhou projetos	não desenvolveu projetos com outras cidades
Quilmes	11 anos	presença	não compartilhou projetos	não desenvolveu projetos com outras cidades
Rio Cuarto	13 anos	ativação	compartilhou projetos	desenvolveu projetos com outras cidades
Rosario	16 anos	ativação	compartilhou projetos	desenvolveu projetos com outras cidades
Trelew	13 anos	presença	não compartilhou projetos	não desenvolveu projetos com outras cidades
Várzea Paulista	7 anos	ativação	compartilhou projetos em	desenvolveu projetos com outras cidades

Fonte: Elaborado pela autora

No caso da UTAGFM, estavam disponíveis para estudo as atas dos anos 2004, 2005, 2009 e 2011 e suas atividades foram sintetizadas no quadro acima, de acordo com os

indicadores já mencionados. Se faz pertinente destacar que quanto maior o número de indicadores presentes, mais forte o laço é, conforme a explicação dada no início deste capítulo.

No ano de 2004, a reunião foi realizada na cidade de Campinas com um seminário cujo tema era “Poder Local: Autonomia e Participação Popular”. Na época, Campinas coordenava a UT e a cidade de Paysandu, no Uruguai, era a subcoordenadora. Na reunião em questão, os temas debatidos foram essencialmente relativos à descontinuidade da participação das cidades nas atividades propostas. Assim, não é relatado o compartilhamento de projetos desenvolvidos pelas cidades participantes dentro da temática trabalhada pela UT.

Já em 2005, a reunião ocorreu na cidade de Malvinas, na Argentina, e contou com a presença de apenas mais duas cidades: La Matanza e Morón, ambas da Argentina. Nesta reunião também não é relatado nenhum compartilhamento de projeto, sendo o foco voltado para a organização de um seminário que ocorreria durante a Cúpula daquele ano em Santo André. As cidades ali presentes comprometeram-se, apenas, em trabalhar em um espaço virtual para o compartilhamento de suas experiências na área tratada pela UT.

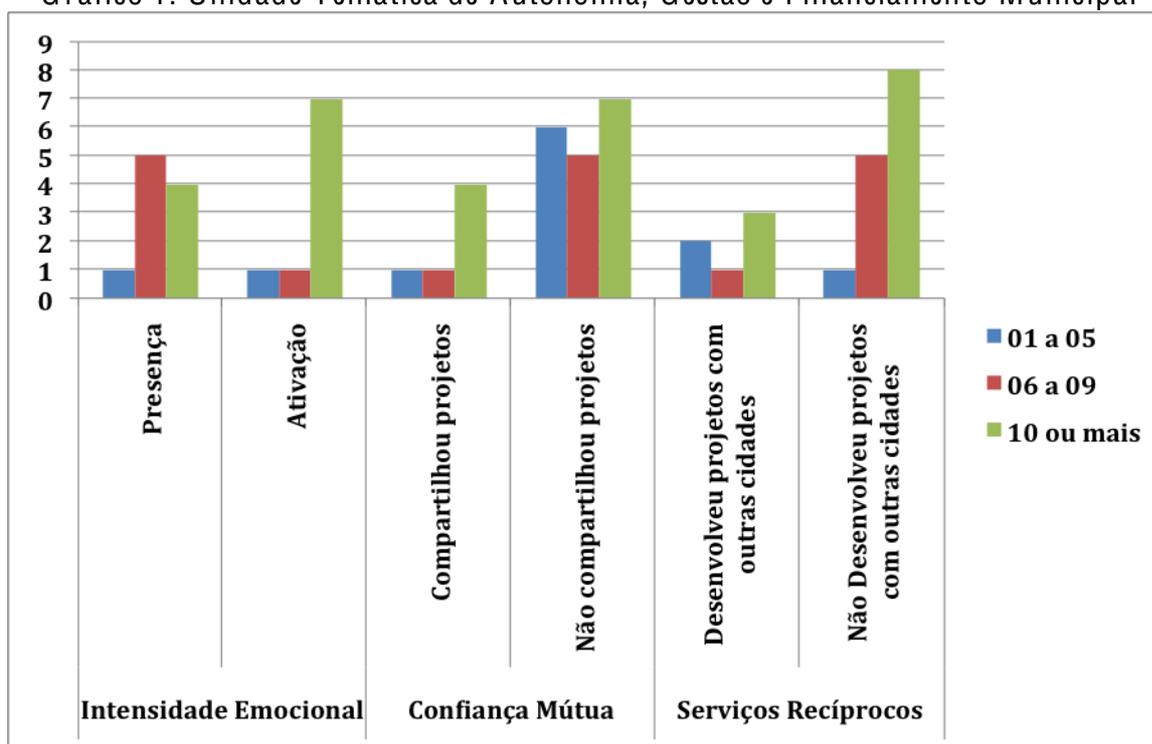
Somente em 2009, durante a XIV Cúpula da Rede ocorrida em Rosário, a UTAGFM relatou, em ata, o compartilhamento de projetos por parte das cidades que dela participam, apesar de estarem presentes apenas as cidade de Neuquén, Paysandu, Rosário e Paraná.

É em 2010 que a UTAGFM demonstra ter maior quantidade de atividades, sendo que era Neuquén a sua coordenadora. Na reunião realizada em Neuquén estiveram presentes as seguintes cidades: Buenos Aires, Camaçari, Canelones, Cipolletti, Guarulhos, Necochea, Córdoba, Paraná, Paysandu, Quilmes, Rio Cuarto, Trelew, Várzea Paulista, Rosário e Montevideu. Foi durante este mesmo ano que as cidades de Guarulhos, Neuquén, Rio Cuarto, Várzea Paulista, Rosário e Córdoba desenvolveram a revista “Ponto de Encontro”, na qual são relatadas as experiências relevantes destas cidades relativas à descentralização e participação cidadã. A revista foi lançada durante a XV Cúpula da Rede ocorrida em Belo Horizonte. Nesta ocasião, as cidades da UTAGFM também participaram da reunião do Laboratório de Políticas Locais (LPL), que é um projeto da Rede Mercocidades que conta com a colaboração do Fundo Andaluz de Municípios para a Solidariedade Internacional (FAMSI) e é subvencionado pela AECID (Agência Espanhola de Cooperação e Desenvolvimento). De acordo com o site da Rede, o LPL pretende implementar nos governos locais pertencentes à Rede, o primeiro laboratório de políticas de participação cidadã.

Se pretende a construção coletiva de um espaço que promova tanto a sistematização, a avaliação e o desenvolvimento permanente de políticas neste campo, com efeitos de facilitar a integração regional, a descentralização, assim como também compartilhar e coordenar políticas que fortaleçam uma democracia participativa e que promovam maior inclusão social, com o fim de contribuir para a construção da cidadania regional. (UTAGFM, 2010, versão livre).³⁹

Para melhor compreensão da relação entre as variáveis propostas criou-se o gráfico 1, o qual é explicado em seguida.

Gráfico 1: Unidade Temática de Autonomia, Gestão e Financiamento Municipal



Fonte: elaborado pela autora.

A partir deste gráfico pode-se concluir que na Unidade Temática de Autonomia, Gestão e Financiamento Municipal existe uma predominância de laços fortes entre as cidades que dela participam:

- a) O tempo de filiação à Rede implicou em maior participação das atividades da UT, ou seja, aquelas cidades que têm mais tempo de filiação foram aquelas que tiveram a participação classificada como *ativação*;

³⁹ Se pretende la construcción colectiva de un espacio que promueva tanto la sistematización, la evaluación y el desarrollo permanente de políticas en este campo, a efectos de facilitar la integración regional, la descentralización, así como también compartir y coordinar políticas que fortalezcan una democracia participativa, y que promuevan mayor inclusión social, con el fin de contribuir a la construcción de ciudadanía regional.

- b) O compartilhamento de projetos também foi mais intenso para as cidades que têm 10 ou mais anos de filiação à Rede;
- c) Foi desenvolvido apenas 1 projeto em conjunto entre as cidades – a revista “Ponto de Encontro”.

Assim, principalmente pela predominância de participação classificada como *ativação* pode-se afirmar que, na UTAGFM os laços predominantes são os de tipo forte.

4.1.2 *Unidade Temática de Gênero e Município*

A Unidade Temática de Gênero e Município foi criada em 1999 e busca

[...] fomentar as políticas de gênero que fundamentam a participação das mulheres no desenho das políticas públicas e que implementam ações positivas que visam a eliminação das persistentes desigualdades que limitam os direitos das mulheres. (REDE MERCOCIDADES, 2012)⁴⁰

A UNIFEM (Entidade das Nações Unidas para a igualdade de gênero e o empoderamento das mulheres) apóia a UTGM desde 2001 e auxilia nos debates desenvolvidos pela UT dentro da temática da construção de políticas locais de gênero na Rede Mercocidades.

No que se refere à atuação da UTGM no período delimitado foi possível ter acesso às atas dos anos de 2004, 2007, 2008, 2009 e 2010 e, nestes anos, as cidades que estiveram presentes em alguma atividade da UT encontram-se listadas no quadro 10, o qual apresenta, de maneira geral, os indicadores de força de laços aplicados à UTGM.

⁴⁰ [...] impulsando políticas de género que fundamentan la participación de las mujeres en el diseño de las políticas públicas y que implementan acciones positivas pendientes a eliminar las persistentes desigualdades que limitan los derechos de las mujeres.

Quadro 10: Força de laços da Unidade Temática de Gênero e Município

Cidade	Quantidade de tempo	Intensidade emocional	Confiança mútua	Serviços recíprocos
Araraquara	8 anos	presença	não compartilhou projetos	não desenvolveu projetos com outras cidades
Assunção	17 anos	ativação	compartilhou projetos	não desenvolveu projetos com outras cidades
Belo Horizonte	16 anos	ativação	não compartilhou projetos	não desenvolveu projetos com outras cidades
Buenos Aires	17 anos	presença	compartilhou projetos	não desenvolveu projetos com outras cidades
Camaçari	7 anos	presença	não compartilhou projetos	não desenvolveu projetos com outras cidades
Campinas	11 anos	presença	compartilhou projetos	não desenvolveu projetos com outras cidades
Canelones	7 anos	presença	não compartilhou projetos	não desenvolveu projetos com outras cidades
Capilla del Monte	4 anos	presença	compartilhou projetos	não desenvolveu projetos com outras cidades
Caxias do Sul	13 anos	presença	não compartilhou projetos	não desenvolveu projetos com outras cidades
Cercado de Cochabamba *		presença	não compartilhou projetos	não desenvolveu projetos com outras cidades
Contagem	6 anos	presença	compartilhou projetos	não desenvolveu projetos com outras cidades
General Pueyrredon *		presença	compartilhou projetos	não desenvolveu projetos com outras cidades
Guarulhos	13 anos	ativação	compartilhou projetos	não desenvolveu projetos com outras cidades
Lanús	4 anos	presença	compartilhou projetos	não desenvolveu projetos com outras cidades
Luján	8 anos	presença	não compartilhou projetos	não desenvolveu projetos com outras cidades
Maldonado	9 anos	ativação	não compartilhou projetos	não desenvolveu projetos com outras cidades
Mar del Plata	16 anos	presença	não compartilhou projetos	não desenvolveu projetos com outras cidades
Montevideú	17 anos	ativação	compartilhou projetos	não desenvolveu projetos com outras cidades
Morón	10 anos	ativação	compartilhou projetos	não desenvolveu projetos com outras cidades
Paysandu	12 anos	presença	não compartilhou projetos	não desenvolveu projetos com outras cidades
Porto Alegre	17 anos	presença	não compartilhou projetos	não desenvolveu projetos com outras cidades
Quenca *		presença	não compartilhou projetos	não desenvolveu projetos com outras cidades
Quilmes	12 anos	presença	compartilhou projetos	não desenvolveu projetos com outras cidades
Recife	16 anos	ativação	compartilhou projetos	não desenvolveu projetos com outras cidades
Resistencia	12 anos	presença	compartilhou projetos	não desenvolveu projetos com outras cidades
Rio de Janeiro	17 anos	presença	não compartilhou projetos	não desenvolveu projetos com outras cidades

Rosário	17 anos	ativação	compartilhou projetos	não desenvolveu projetos com outras cidades
Salta	11 anos	presença	compartilhou projetos	não desenvolveu projetos com outras cidades
Santo André	15 anos	presença	compartilhou projetos	não desenvolveu projetos com outras cidades
São Carlos	10 anos	presença	não compartilhou projetos	não desenvolveu projetos com outras cidades
São Paulo	14 anos	presença	não compartilhou projetos	não desenvolveu projetos com outras cidades
Taboão da Serra	7 anos	presença	não compartilhou projetos	não desenvolveu projetos com outras cidades
Villa de el Salvador *		presença	não compartilhou projetos	não desenvolveu projetos com outras cidades
* cidades que não fazem parte da Rede Mercocidades				

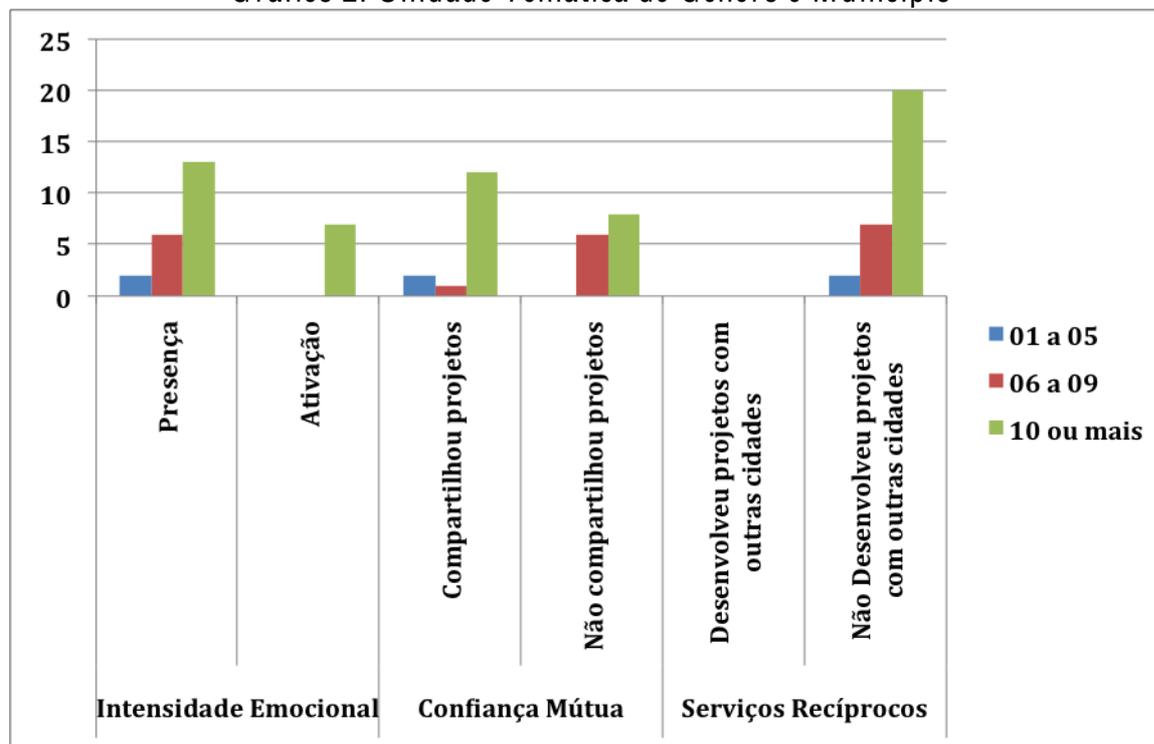
Fonte: elaborado pela autora.

Em detalhes, o quadro 10 apresenta que:

- a) em 2004, as cidades de Santo André, Rosário e Montevideu compartilharam suas experiências de políticas municipais nas áreas de desenvolvimento social, desenvolvimento econômico local e gênero, mas não são apresentados detalhes destas políticas. Também não é mencionado o desenvolvimento de projetos comuns entre as cidades;
- b) em 2007, ocorreram duas reuniões, sendo que uma aconteceu em junho em Recife e a outra em setembro na cidade de Belo Horizonte. Em Recife, também estavam presentes representantes da UNIFEM que ofereceram apoio aos seminários que seriam desenvolvidos pela UTGM. É relatado que as cidades da UT compartilharam seus projetos na área temática trabalhada, contudo não há detalhes dos projetos, tampouco das cidades que os compartilharam. Já em Belo Horizonte, o apoio da UNIFEM é reafirmado, mas não há relatos de projetos compartilhados ou desenvolvidos por mais de uma cidade da UT. É também mencionada uma articulação entre a UTGM e a Reunião Especializada da Mulher (REM);
- c) em 2008 também ocorreram duas reuniões, ambas em Maldonado, no Uruguai. Na primeira reunião, ocorrida em junho, o debate é focado no cancelamento da XIII Cúpula e seu impacto na UTGM naquele ano. Não há nenhum relato de compartilhamento de experiências pelas cidades participantes. Em outubro do mesmo ano a discussão dizia respeito à busca de financiamento para as atividades da UT, porém as cidades, mais uma vez, não compartilham suas experiências.

- d) 2009 é o ano de maior quantidade de reuniões promovidas pela UTGM, as quais foram realizadas em Maldonado, Rosário, Guarulhos e Morón. Em agosto de 2009 as cidades participantes da UTGM se reuniram em Rosário e lá foi destacado o projeto “Presupuestos Sensibles al Género” desenvolvido nesta cidade pela UNIFEM, que oferece apoio para desenvolver este tema (orçamento sensível à questão de gênero) com as outras cidades da UT. No mês de novembro a reunião da UTGM foi realizada em Morón e contou com o maior número de troca de experiências entre as cidades ali reunidas. Todavia, também não foi desenvolvido nenhum projeto entre as cidades ali presentes. Em dezembro do mesmo ano as cidades da UT se reuniram mais uma vez em Guarulhos onde houve compartilhamento de experiências e projetos. Já em Maldonado a reunião foi pautada, especialmente, sobre a introdução da temática de tráfico de pessoas para debate na UT.
- e) em 2010 a reunião da UTGM ocorreu em Belo Horizonte, durante a XV Cúpula da Rede. Nesta reunião foi feito um balanço das atividades promovidas pela UT naquele ano e foram escolhidas as cidades que assumiriam a coordenação e subcoordenação da UT no ano seguinte.

Gráfico 2: Unidade Temática de Gênero e Município



Fonte: elaborado pela autora.

A partir destas colocações, destaca-se que, para a UTGM, existe uma relação entre as variáveis *quantidade de tempo*, *intensidade emocional* e *confiança mútua*, contribuindo para que os laços predominantes nesta UT sejam os fortes. Assim, nota-se que o tempo de filiação à Rede está relacionado com a participação da cidade em suas atividades. Tal afirmação se confirma com a variável *intensidade emocional*, já que as cidades cuja participação foi classificada como *ativação* são aquelas que têm maior tempo de filiação (10 anos ou mais).

No caso da *confiança mútua*, mensurada a partir do compartilhamento de projetos, é possível contabilizar que das 33 cidades que fazem parte da UTGM, 29 compartilharam projetos no período estudado. Assim, levando-se em consideração a relação entre estas 3 variáveis, reafirma-se que os laços predominantes nesta UT são fortes.

4.2 Conclusão

Como desdobramento do argumento de Granovetter (1973) já citado no início deste capítulo, pode-se inferir que, em virtude da homogeneidade que os laços fortes produzem, frequentemente eles conduzem à obtenção das mesmas informações, ou seja, uma vez que “os mundos” entre os nós que possuem laços fracos uns com os outros coincidem, eles acabam tendo acesso ao mesmo tipo de informação e ideias usando os termos de Granovetter (1983). No caso da Rede Mercocidades, é possível identificar um núcleo de laços fortes, representado aqui pelos laços nas Unidades Temáticas de Autonomia, Gestão e Financiamento Municipal e Gênero e Município. O trabalho destas duas UTs fica, na maioria das vezes, fechado para as mesmas cidades, o que impede que exista uma abertura para a obtenção de novas ideias/políticas públicas municipais implementadas em outras cidades. Este ponto nos leva ao argumento de Ronald Burt (1992), que afirma que o acesso a novas informações é uma dimensão importante da organização em redes. Sua teoria de “buracos estruturais” está relacionada à busca de caminhos de acesso a outras redes. Este autor trabalha com indicadores de redundância – coesão e equivalência estrutural – os quais, quando ausentes, identificam a existência de um “buraco estrutural”. Os contatos coesivos são caracterizados por um relacionamento forte, frequente e que retêm as mesmas informações, daí a redundância. Na equivalência estrutural – laços que conectam cada ator aos mesmos terceiros – também fazem com que as informações conseguidas sejam redundantes.

Nestes termos, observa-se que, muitas vezes, as questões debatidas nas UTs se repetem e a participação fica restrita às mesmas cidades, o que prejudica o acesso a novas informações e ideias, que é um dos benefícios da atuação em redes.

No capítulo seguinte e na conclusão, esta discussão é aprofundada com o intuito de se mostrar, inclusive, quais são as cidades que compõem este núcleo forte discutido nesta seção. Além disso, busca-se mostrar “a força dos laços fracos” no que se refere à difusão de boas práticas no interior da Rede.

5 OS LAÇOS FRACOS DA REDE MERCOCIDADES

No capítulo anterior, parte do argumento de Granovetter (1973) foi abordado para se explicar o que significam laços fortes em uma rede. A sequência do argumento do autor é que os laços-ponte, já definidos no capítulo 2, são uma fonte potencial de novas ideias e informações. Um laço-ponte é aquele que conecta um nó a outro que não está conectado àqueles próximos a ele, assim, a premissa do autor é que o laço-ponte permite ao nó em questão ter acesso àquilo que não está circulando entre os nós próximos. Assim, conforme explicado no capítulo anterior, não é provável que os laços-pontes sejam laços fortes, uma vez que estes não têm potencial de serem fontes de informações novas.

Neste capítulo serão analisadas as Unidades Temáticas em que as cidades tiveram seus laços classificados como fracos. Assim como no capítulo anterior, as variáveis de força de laços são apresentadas num quadro e, posteriormente em gráficos para se enxergar a relação entre elas. As UTs analisadas são: Ambiente e Desenvolvimento Sustentável; Ciência, Tecnologia e Capacitação; Cultura; Juventude e Turismo.

5.1 Unidade Temática de Ambiente e Desenvolvimento Sustentável

Criada em 1996, a Unidade Temática de Ambiente e Desenvolvimento Sustentável “[...] desenvolve atividades que estimulam a promoção de ações e o desenvolvimento de programas e projetos de desenvolvimento local sustentável.” (REDE MERCOCIDADES, 2012, versão livre)⁴¹.

Os principais temas tratados pela UTADS são a biodiversidade, a preservação do solo, preservação e recuperação dos meios aquáticos, educação ambiental e gestão de resíduos sólidos.

No quadro 11 são apresentados as variáveis e indicadores de força de laços aplicados à UTADS a partir da análise das atas das reuniões que ocorreram em 2005, 2006, 2007, 2008, 2009, 2010 e 2011.

⁴¹ [...] desarrolla actividades que estimulen la promoción de acciones y el desarrollo de programas y proyectos de desarrollo local sostenible.

Quadro 11: Laços da Unidade Temática de Ambiente e Desenvolvimento Social

Cidade	Quantidade de tempo	Intensidade emocional	Confiança mútua	Serviços recíprocos
Assunção	17 anos	presença	compartilhou projetos	não desenvolveu projetos com outras cidades
Bagé	3 anos	presença	não compartilhou projetos	não desenvolveu projetos com outras cidades
Barranqueras	7 anos	presença	não compartilhou projetos	não desenvolveu projetos com outras cidades
Batán *		presença	não compartilhou projetos	não desenvolveu projetos com outras cidades
Belo Horizonte	16 anos	presença	não compartilhou projetos	não desenvolveu projetos com outras cidades
Bragado	7 anos	presença	compartilhou projetos	não desenvolveu projetos com outras cidades
Buenos Aires	17 anos	ativação	compartilhou projetos	não desenvolveu projetos com outras cidades
Canelones	7 anos	ativação	não compartilhou projetos	não desenvolveu projetos com outras cidades
Carabobo *		presença	não compartilhou projetos	não desenvolveu projetos com outras cidades
Colonia	7 anos	presença	não compartilhou projetos	não desenvolveu projetos com outras cidades
Córdoba	17 anos	presença	não compartilhou projetos	não desenvolveu projetos com outras cidades
Florencio Varela	6 anos	presença	não compartilhou projetos	não desenvolveu projetos com outras cidades
Florida	9 anos	presença	não compartilhou projetos	não desenvolveu projetos com outras cidades
General San Martin	15 anos	presença	compartilhou projetos	não desenvolveu projetos com outras cidades
Joinville	13 anos	presença	não compartilhou projetos	não desenvolveu projetos com outras cidades
Junín	8 anos	presença	não compartilhou projetos	não desenvolveu projetos com outras cidades
La Matanza	10 anos	presença	compartilhou projetos	não desenvolveu projetos com outras cidades
Maldonado	9 anos	presença	não compartilhou projetos	não desenvolveu projetos com outras cidades
Mendoza	16 anos	presença	não compartilhou projetos	não desenvolveu projetos com outras cidades
Mesquita *		presença	não compartilhou projetos	não desenvolveu projetos com outras cidades
Montevideu	17 anos	ativação	compartilhou projetos	não desenvolveu projetos com outras cidades
Morón	10 anos	ativação	compartilhou projetos	não desenvolveu projetos com outras cidades
Necochea	8 anos	presença	não compartilhou projetos	não desenvolveu projetos com outras cidades
Paysandu	12 anos	presença	não compartilhou projetos	não desenvolveu projetos com outras cidades
Pergamino	11 anos	presença	não compartilhou projetos	não desenvolveu projetos com outras cidades
Quilmes	12 anos	presença	não compartilhou projetos	não desenvolveu projetos com outras cidades
Realicó	6 anos	presença	não compartilhou projetos	não desenvolveu projetos com outras cidades

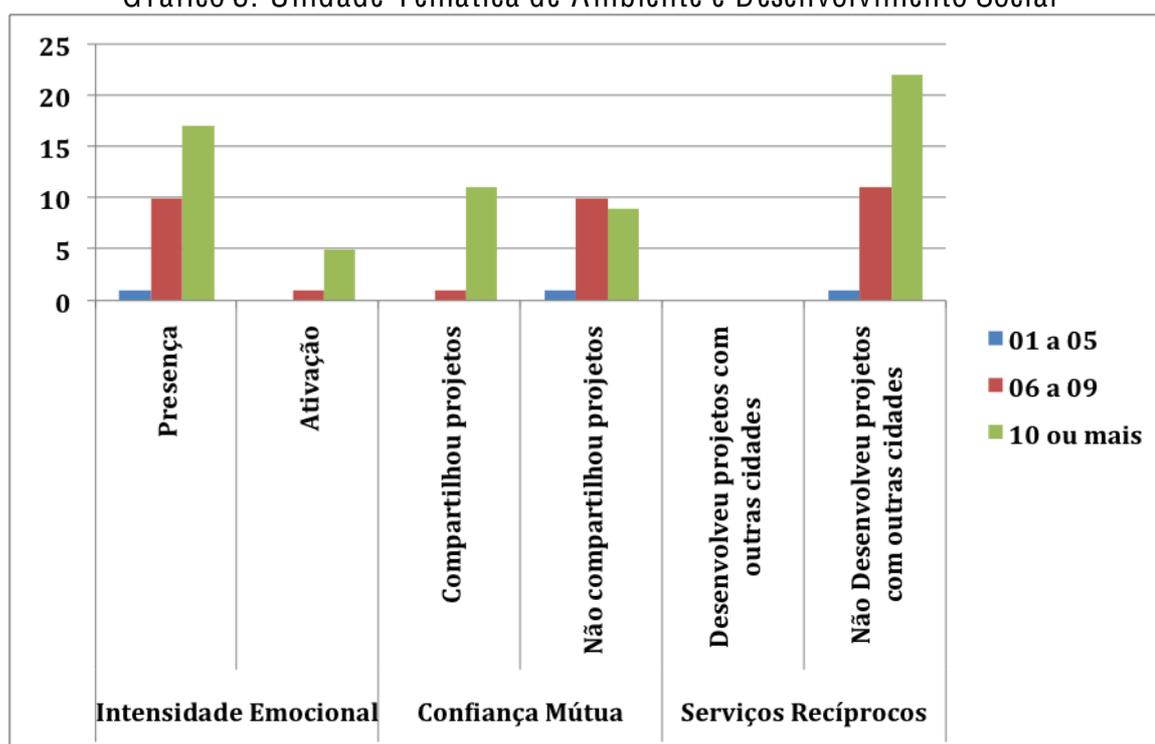
Recife	15 anos	presença	compartilhou projetos	não desenvolveu projetos com outras cidades
Río Cuarto	14 anos	ativação	compartilhou projetos	não desenvolveu projetos com outras cidades
Río Negro	7 anos	presença	não compartilhou projetos	não desenvolveu projetos com outras cidades
Rosário	17 anos	presença	compartilhou projetos	não desenvolveu projetos com outras cidades
San Fernando del Valle de Catamarca	10 anos	presença	não compartilhou projetos	não desenvolveu projetos com outras cidades
Santo André	15 anos	ativação	compartilhou projetos	não desenvolveu projetos com outras cidades
São Carlos	10 anos	presença	não compartilhou projetos	não desenvolveu projetos com outras cidades
São Paulo	14 anos	presença	compartilhou projetos	não desenvolveu projetos com outras cidades
Tacuarembó	14 anos	presença	não compartilhou projetos	não desenvolveu projetos com outras cidades
Villa Maria	12 anos	presença	não compartilhou projetos	não desenvolveu projetos com outras cidades

* cidades que não fazem parte da Rede Mercocidades.

Fonte: elaborado pela autora.

O gráfico 3 traz a relação entre as variáveis de força de laço com seus respectivos indicadores aplicados à UTADS.

Gráfico 3: Unidade Temática de Ambiente e Desenvolvimento Social



Fonte: elaborado pela autora.

- a) com relação à primeira variável – quantidade de tempo – nota-se que, no caso desta UT, o tempo de filiação tem uma relação fraca com o desempenho da cidade nas atividades promovidas pela UTADS. A maioria das cidades que compartilharam seus projetos e políticas públicas na área temática trabalhada são membros da Rede há, pelo menos, 7 anos.
- b) a segunda variável – intensidade emocional – mostra que as cidades que demonstraram maior envolvimento com a UT foram aquelas que, em algum momento, sediaram uma reunião ou evento, que é o caso de Buenos Aires, Montevideú, Morón, Rio Cuarto e Santo André. No que diz respeito às demais cidades a participação está classificada como *presença*.
- c) já a confiança mútua, analisada a partir dos projetos que podem ser replicados apresentados pelas cidades, pode ser percebida com 12 cidades e elas estão presentes na Rede há, no mínimo, 10 anos.
- d) no que diz respeito à quarta variável, qual seja, serviços recíprocos, percebe-se que não há desenvolvimento de projetos com duas ou mais cidades.

Outro ponto a ser destacado é o da presença de cidades que não pertencem à Rede Mercocidades (Batán, Carabobo e Mesquita), em reuniões e atividades promovidas pela UTADS. Uma vez que estas cidades não apresentam um grau alto de envolvimento com esta UT, a participação delas contribui para que os laços sejam fracos. E mesmo não havendo compartilhamento por parte destas cidades, elas, em algum momento, tiveram acesso ao que foi compartilhado pelas cidades da Rede, o que pode contribuir para a difusão das políticas públicas municipais praticadas dentro da Rede.

Como definido anteriormente, a força do laço neste trabalho é determinada quanto mais indicadores estiverem presentes a partir da análise das atas das UTs. Assim, para a UTADS o laço predominante entre as cidades que fazem parte dela é fraco.

5.2 Unidade Temática de Ciência, Tecnologia e Capacitação

O *site* da Rede Mercocidades afirma que um de seus objetivos é “[...] estimular a cooperação científico-tecnológica entre as cidades integrantes da mesma através do intercâmbio de experiências e conhecimentos” (REDE MERCOCIDADES, 2012, versão

livre)⁴². Assim, a criação da Unidade Temática de Ciência, Tecnologia e Capacitação em 1995 foi pensada para cumprir com este objetivo.

Para este estudo foram analisadas as atas de reuniões dos anos 2004, 2005, 2006, 2007, 2008 e 2011.

Quadro 12: Força dos laços da Unidade Temática de Ciência, Tecnologia e Capacitação

Cidade *	Quantidade de tempo	Intensidade emocional	Confiança mútua	Serviços recíprocos
Araraquara	8 anos	presença	compartilhou projetos	não desenvolveu projetos com outras cidades
Bahia Blanca	14 anos	presença	não compartilhou projetos	não desenvolveu projetos com outras cidades
Barranqueras	7 anos	presença	não compartilhou projetos	não desenvolveu projetos com outras cidades
Belo Horizonte	16 anos	ativação	compartilhou projetos	desenvolveu projeto com outras cidades
Brasília	17 anos	presença	não compartilhou projetos	não desenvolveu projetos com outras cidades
Buenos Aires	17 anos	ativação	compartilhou projetos	desenvolveu projeto com outras cidades
Campinas	11 anos	presença	não compartilhou projetos	não desenvolveu projetos com outras cidades
Canelones	7 anos	ativação	compartilhou projetos	não desenvolveu projetos com outras cidades
Colonia del Sacramento	7 anos	presença	compartilhou projetos	não desenvolveu projetos com outras cidades
Contagem	6 anos	presença	compartilhou projetos	não desenvolveu projetos com outras cidades
Curitiba	17 anos	presença	apresentação de projetos	não desenvolveu projetos com outras cidades
Florencio Varela	6 anos	presença	não compartilhou projetos	não desenvolveu projetos com outras cidades
Gravataí	8 anos	presença	compartilhou projetos	não desenvolveu projetos com outras cidades
Jacareí	8 anos	presença	compartilhou projetos	não desenvolveu projetos com outras cidades
Luján	8 anos	presença	compartilhou projetos	não desenvolveu projetos com outras cidades
Montevideu	17 anos	ativação	compartilhou projetos	não desenvolveu projetos com outras cidades
Morón	10 anos	presença	não compartilhou projetos	não desenvolveu projetos com outras cidades
Olavarria	10 anos	presença	não compartilhou projetos	não desenvolveu projetos com outras cidades
Porto Alegre	17 anos	presença	compartilhou projetos	não desenvolveu projetos com outras cidades
Quilmes	12 anos	presença	não compartilhou projetos	não desenvolveu projetos com outras cidades

⁴² [...] estimular la cooperación científico-tecnológica entre las ciudades integrantes de la misma, a través del intercambio de experiencias y conocimientos.

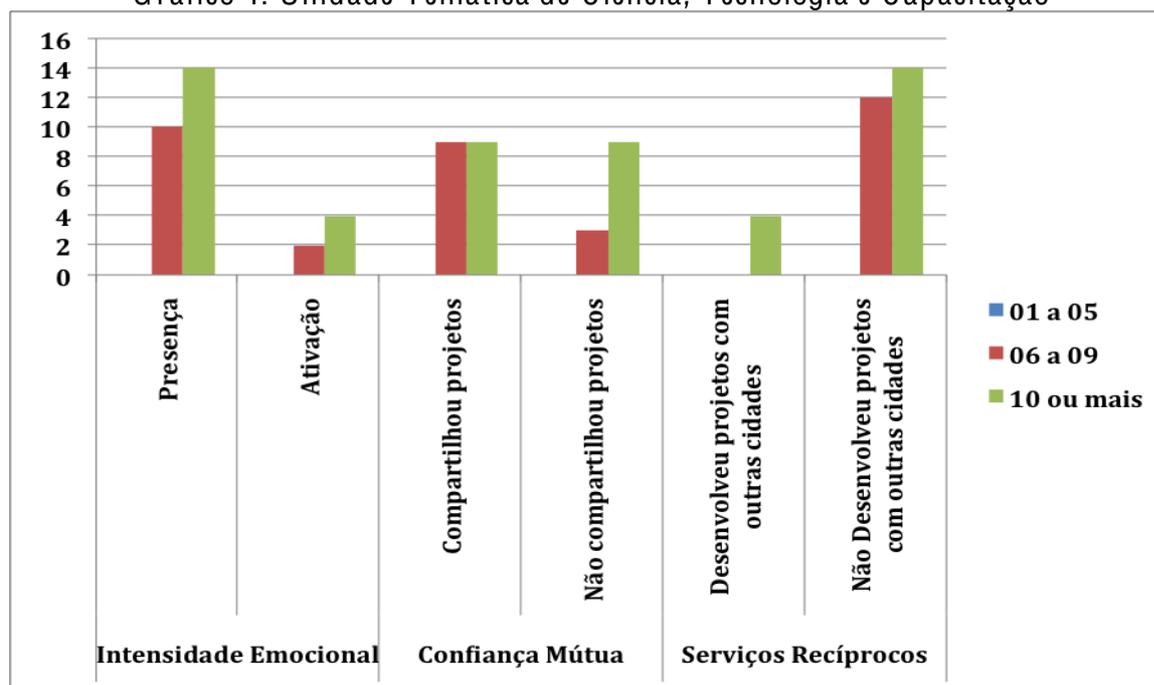
Recife	16 anos	presença	não compartilhou projetos	não desenvolveu projetos com outras cidades
Rio de Janeiro	17 anos	presença	não compartilhou projetos	desenvolveu projeto com outras cidades
Rosário	17 anos	presença	compartilhou projetos	não desenvolveu projetos com outras cidades
San Isidro	10 anos	presença	não compartilhou projetos	não desenvolveu projetos com outras cidades
Santo André	15 anos	presença	compartilhou projetos	não desenvolveu projetos com outras cidades
Santos	7 anos	presença	não compartilhou projetos	não desenvolveu projetos com outras cidades
São Carlos	10 anos	ativação	compartilhou projetos	desenvolveu projeto com outras cidades
Tandil	8 anos	ativação	compartilhou projetos	não desenvolveu projetos com outras cidades
Várzea Paulista	8 anos	presença	compartilhou projetos	não desenvolveu projetos com outras cidades
Vitória	12 anos	presença	compartilhou projetos	não desenvolveu projetos com outras cidades

* Em 2006, cidades brasileiras foram convidadas para participarem de uma reunião da UTCTC, quais sejam: Buique (PE), Rio Verde (MS), Biguaçu (SC), Patos (PB) e Santana do Ipanema (AL). Além das cidades brasileiras, também participaram da reunião a cidade de Bogotá e a Universidade de Buenos Aires.

Fonte: Elaborado pela autora

Tendo como base o quadro 12, criou-se o gráfico 4 para mostrar a relação entre as quatro variáveis que determinam a força de laço das cidades na UTCTC. A legenda é a mesma do gráfico 1.

Gráfico 4: Unidade Temática de Ciência, Tecnologia e Capacitação



Fonte: elaborado pela autora.

O gráfico acima deixa claro que o tempo em que a cidade está na Rede tem ligação com sua participação nas atividades promovidas pela UT em questão. Apesar do número de cidades com participação classificada como *presença* ser maior do que o de classificadas como *ativação*, aquelas que tiveram esta classificação estão presentes na Rede há pelos menos 10 anos. No entanto, a participação das cidades, em sua maioria, é classificada como *presença*, uma vez que não existe um envolvimento maior nas atividades da Rede. Aquelas cuja participação é classificada como *ativação* sediaram eventos da UTCTC e desenvolveram projetos com outras cidades. Neste caso vale a pena destacar a participação da cidade de São Carlos que assumiu o cargo de coordenadora da UT 5 vezes durante o período estudado.

O compartilhamento de projetos não ocorreu em todas as reuniões, sendo que Araraquara, Luján, Olavarria, Curitiba, Contagem, Montevideu, Tandil, Várzea Paulista e Vitória apresentaram seus projetos na área de ciência e tecnologia em 2008; Belo Horizonte, Curitiba, Florencio Varela, Olavarria, Rosário, Santo André, Tandil e Vitória em 2007. No que se refere a esta variável – confiança mútua – o tempo de filiação não interfere nos resultados. Nos outros anos, não há relatos de compartilhamento de projetos nas reuniões, uma vez que os grandes pilares de trabalho da UTCTC, no que se refere à troca de experiências, são a Mostra de Ciência e Tecnologia em Políticas Públicas Municipais, realizada nos anos de 2004, 2006, 2007 e 2011, e o Prêmio Mercocidades de Ciência e Tecnologia, que ocorreu em 2005, 2007 e 2011. A Mostra busca apresentar projetos de ciência e tecnologia voltados para o desenvolvimento de políticas públicas das cidades pertencentes à Rede. Além disso, uma série de palestras e discussões que interessam às cidades que participam das UTs são promovidas. Já o Prêmio Mercocidades de Ciência e Tecnologia é realizado com a intenção de premiar trabalhos desenvolvidos por pesquisadores que tenham, efetivamente, contribuído para a solução de um problema em uma das cidades pertencentes à Rede e que possa ser replicado em outras. Nestes termos, a promoção destes dois eventos visa à troca de experiências de projetos de ciência e tecnologia aplicadas a políticas públicas municipais.

A última variável, serviços recíprocos, diz respeito ao desenvolvimento de projetos entre pelo menos duas cidades pertencentes à Rede. Neste sentido, no período estudado, São Carlos criou, juntamente com Buenos Aires em 2004, uma rede de incubadoras de empresas com base tecnológica. Nos outros anos, não há relatos de projetos desenvolvidos entre cidades da Rede.

Assim como na UTADS, a presença de cidades que não pertencem à Rede em atividades promovidas pela UTCTC contribui para que os laços entre as cidades nesta UT sejam considerados fracos, uma vez que não há relação entre elas. Neste, tendo em mente a análise das variáveis, percebe-se que os laços predominantes na UTCTC são fracos, especialmente em virtude da participação das cidades, em sua maioria, ser classificada como *presença*.

5.3 Unidade Temática de Cultura

A Unidade Temática de Cultura foi criada em 1995 e, de acordo com o site da Rede, “desenvolve [...] atividades culturais em seu sentido mais amplo.” (REDE MERCOCIDADES, 2012)

No caso desta UT foram analisadas as atas das reuniões ocorridas em 2006, 2007, 2008, 2009, 2010 e 2011, a fim de apontar os indicadores de força de laços entre as cidades que dela fazem parte e que estão listados no quadro 13.

Quadro 13: Força de laços da Unidade Temática de Cultura

Cidade	Quantidade de tempo	Intensidade emocional	Confiança mútua	Serviços recíprocos
Assunção	17 anos	ativação	não compartilhou projetos	projeto desenvolvido com outras cidades.
Avellaneda	11 anos	presença	não compartilhou projetos	não desenvolveu projetos com outras cidades
Bahia Blanca	14 anos	presença	não compartilhou projetos	não desenvolveu projetos com outras cidades
Barquisimeto	6 anos	presença	compartilhou projetos	não desenvolveu projetos com outras cidades
Belo Horizonte	16 anos	ativação	compartilhou projetos	projeto desenvolvido com outras cidades.
Buenos Aires	17 anos	ativação	compartilhou projetos	projeto desenvolvido com outras cidades.
Canelones	7 anos	presença	compartilhou projetos	não desenvolveu projetos com outras cidades
Capilla del Monte	4 anos	presença	não compartilhou projetos	não desenvolveu projetos com outras cidades
Caracas	6 anos	presença	não compartilhou projetos	não desenvolveu projetos com outras cidades
Caxias do Sul	13 anos	presença	não compartilhou projetos	não desenvolveu projetos com outras cidades
Congonhas *		presença	não compartilhou projetos	não desenvolveu projetos com outras cidades
Córdoba	17 anos	ativação	compartilhou projetos	projeto desenvolvido com outras cidades.
Daireaux	2 anos	presença	não compartilhou projetos	não desenvolveu projetos com outras cidades

Firmat	4 anos	presença	não compartilhou projetos	não desenvolveu projetos com outras cidades
Flores	7 anos	presença	compartilhou projetos	projeto desenvolvido com outras cidades.
Florianópolis	17 anos	presença	não compartilhou projetos	não desenvolveu projetos com outras cidades
Florida	9 anos	presença	não compartilhou projetos	não desenvolveu projetos com outras cidades
Fortaleza	16 anos	presença	não compartilhou projetos	não desenvolveu projetos com outras cidades
General San Martín	15 anos	presença	não compartilhou projetos	não desenvolveu projetos com outras cidades
Guarulhos	13 anos	presença	não compartilhou projetos	não desenvolveu projetos com outras cidades
Joinville	13 anos	presença	não compartilhou projetos	não desenvolveu projetos com outras cidades
Juiz de Fora	15 anos	presença	compartilhou projetos	projeto desenvolvido com outras cidades.
Junín	8 anos	presença	não compartilhou projetos	não desenvolveu projetos com outras cidades
La Plata	17 anos	presença	compartilhou projetos	projeto desenvolvido com outras cidades.
Lavalleja	2 anos	presença	não compartilhou projetos	não desenvolveu projetos com outras cidades
Lima	8 anos	presença	não compartilhou projetos	não desenvolveu projetos com outras cidades
Limpio	14 anos	presença	não compartilhou projetos	não desenvolveu projetos com outras cidades
Los Andes	13 anos	presença	compartilhou projetos	não desenvolveu projetos com outras cidades
Luján	8 anos	presença	não compartilhou projetos	não desenvolveu projetos com outras cidades
Macaé	12 anos	presença	não compartilhou projetos	não desenvolveu projetos com outras cidades
Maldonado	9 anos	presença	não compartilhou projetos	não desenvolveu projetos com outras cidades
Malvinas	13 anos	presença	não compartilhou projetos	não desenvolveu projetos com outras cidades
Mar del Plata	6 anos	presença	não compartilhou projetos	não desenvolveu projetos com outras cidades
Mariana *		presença	não compartilhou projetos	não desenvolveu projetos com outras cidades
Mauá	10 anos	presença	não compartilhou projetos	não desenvolveu projetos com outras cidades
Montevideú	17 anos	presença	compartilhou projetos	projeto desenvolvido com outras cidades.
Morón	10 anos	ativação	compartilhou projetos	projeto desenvolvido com outras cidades.
Mossoró	12 anos	presença	não compartilhou projetos	não desenvolveu projetos com outras cidades
Necochea	8 anos	presença	não compartilhou projetos	não desenvolveu projetos com outras cidades

San Salvador de Jujuy	4 anos	presença	não compartilhou projetos	não desenvolveu projetos com outras cidades
Florianópolis	10 anos	presença	não compartilhou projetos	não desenvolveu projetos com outras cidades
San Miguel de Tucumã *	6 anos	presença	não compartilhou projetos	não desenvolveu projetos com outras cidades
General San Martín	5 anos	presença	não compartilhou projetos	não desenvolveu projetos com outras cidades
Rosario	11 anos	presença	não compartilhou projetos	não desenvolveu projetos com outras cidades
Los Andes	4 anos	presença	compartilhou projetos	não desenvolveu projetos com outras cidades
Paysandu	12 anos	presença	compartilhou projetos	não desenvolveu projetos com outras cidades
Pergamino	11 anos	presença	não compartilhou projetos	não desenvolveu projetos com outras cidades
Porto Alegre	17 anos	presença	não compartilhou projetos	não desenvolveu projetos com outras cidades
Quilmes	12 anos	presença	compartilhou projetos	não desenvolveu projetos com outras cidades
Quilpué	6 anos	presença	não compartilhou projetos	não desenvolveu projetos com outras cidades
Rafaela	12 anos	presença	não compartilhou projetos	não desenvolveu projetos com outras cidades
Rancagua	10 anos	presença	não compartilhou projetos	não desenvolveu projetos com outras cidades
Recife	16 anos	presença	não compartilhou projetos	não desenvolveu projetos com outras cidades
Rio de Janeiro	17 anos	presença	não compartilhou projetos	não desenvolveu projetos com outras cidades
Rosario	17 anos	presença	compartilhou projetos	projeto desenvolvido com outras cidades.
Salto	12 anos	ativação	não compartilhou projetos	projeto desenvolvido com outras cidades.
San Fernando del Valle de Catamarca	10 anos	ativação	não compartilhou projetos	não desenvolveu projetos com outras cidades
San José de Mayo	6 anos	presença	não compartilhou projetos	projeto desenvolvido com outras cidades.
San Miguel de Tucumã *		presença	não compartilhou projetos	não desenvolveu projetos com outras cidades
San Salvador de Jujuy	11 anos	presença	não compartilhou projetos	não desenvolveu projetos com outras cidades
Santa Fe	11 anos	ativação	não compartilhou projetos	projeto desenvolvido com outras cidades.
Santiago del Estero	12 anos	presença	não compartilhou projetos	não desenvolveu projetos com outras cidades
Santo André	15 anos	presença	não compartilhou projetos	não desenvolveu projetos com outras cidades
Santo Tome	4 anos	presença	não compartilhou projetos	não desenvolveu projetos com outras cidades
Santos	7 anos	presença	não compartilhou projetos	não desenvolveu projetos com outras cidades

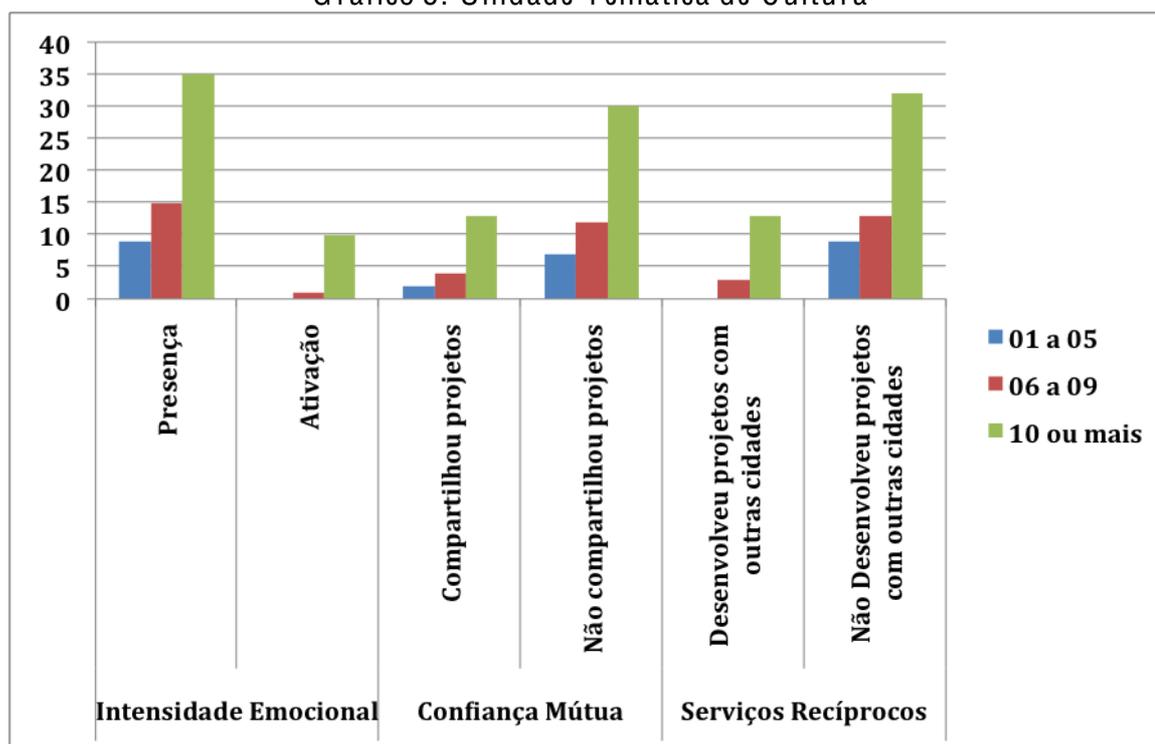
São Bento do Sul	4 anos	presença	compartilhou projetos	não desenvolveu projetos com outras cidades
São Bernardo do Campo	15 anos	presença	não apresentou projetos	não desenvolveu projetos com outras cidades
São Caetano do Sul	12 anos	presença	não apresentou projetos	não desenvolveu projetos com outras cidades
Tacuarembó	14 anos	ativação	compartilhou projetos	projeto desenvolvido com outras cidades.
Tandil	8 anos	ativação	compartilhou projetos	projeto desenvolvido com outras cidades.
Trinidad		presença	não apresentou projetos	não desenvolveu projetos com outras cidades
Valparaíso	15 anos	ativação	compartilhou projetos	projeto desenvolvido com outras cidades.
Varginha *		presença	não apresentou projetos	não desenvolveu projetos com outras cidades
Viña del Mar	11 anos	presença	compartilhou projetos	não desenvolveu projetos com outras cidades
Vitória	12 anos	presença	compartilhou projetos	não desenvolveu projetos com outras cidades

* cidades que não fazem parte da Rede Mercocidades

Fonte: elaborado pela autora.

As variáveis trabalhadas para determinar a força dos laços na UTC encontram-se relacionadas no gráfico 5.

Gráfico 5: Unidade Temática de Cultura



Fonte: elaborado pela autora.

No período analisado nota-se que esta UT, dentre as estudadas, foi a que agregou o maior número de cidades e o tempo de pertencimento à Rede tem uma influência na participação da cidade nas atividades da UTC. Percebe-se esta relação ao se identificar que as cidades cuja participação foi avaliada como *ativação* fazem parte da Rede há, pelo menos, 8 anos (Assunção, Belo Horizonte, Buenos Aires, Córdoba, Morón, Salto, San Fernando del Valle de Catamarca, Santa Fé, Tacuarembó, Tandil, Valparaíso). No entanto, o restante das cidades participantes da UT tiveram sua participação classificada como *presença*, que é o tipo de participação predominante nesta UT.

No que se refere à terceira variável – confiança mútua – houve compartilhamento de projetos relacionados a temas culturais em todas as atas analisadas, no entanto, o compartilhamento não ocorreu por parte de todas as cidades e aquelas que estão na Rede há pelo menos 10 anos, foram as que menos compartilharam.

Com relação aos projetos desenvolvidos entre pelo menos duas cidades da Rede destacam-se os seguintes:

- a) “Contos para estar mais perto” – desenvolvido por Buenos Aires, Valparaíso, Belo Horizonte, Montevideu e Assunção em 2007;
- b) “Biblioteca de autores da Rede” – desenvolvida por Morón, Tandil e Salto (2007);
- c) “Atlas de festas populares” – apresentado por Belo Horizonte, Brasília, Florianópolis, Recife, Rio Claro, Rosário, Morón, Mar del Plata, La Rioja, Buenos Aires, Córdoba, Paraná, Malvinas Argentinas, Tandil, San Martín, La Plata, Valparaíso, Canelones, Salto, Montevideu e La Paz (2007);
- d) “Editorial Municipal de Rosário” – intercâmbio com Buenos Aires e Santa Fé;
- e) “Mapa de Infraestruturas Culturais da Rede Mercocidades – colaboração entre Buenos Aires e Valparaíso (2010).

Conclui-se, então, que na Unidade Temática de Cultura, os laços predominantes entre as cidades são fracos, especialmente porque a participação do tipo *ativação* é baixa e o compartilhamento de projetos também.

5.4 Unidade Temática de Juventude

Segundo o site da Rede Mercocidades, a Unidade Temática de Juventude tem como objetivo geral contribuir com o desenvolvimento de políticas locais para a juventude nas cidades pertencentes à Rede. Já como objetivos específicos a UTJ propõe refletir acerca dos avanços e dificuldades dos processos de descentralização e integração regional, além de comparar o funcionamento das secretarias que lidam com os jovens nas cidades pertencentes à Rede com a intenção de integrá-las através da UTJ.

No quadro 14 estão resumidos os indicadores de força de laços relativos à UTJ e que serão explicados na sequência.

Quadro 14: Força de laços da Unidade Temática de Juventude

Cidade	Quantidade de tempo	Intensidade emocional	Confiança mútua	Serviços recíprocos
Artigas	2 anos	presença	não compartilhou projetos	não desenvolveu projetos com outras cidades
Assunção	17 anos	presença	não compartilhou projetos	não desenvolveu projetos com outras cidades
Avellaneda	11 anos	presença	não compartilhou projetos	não desenvolveu projetos com outras cidades
Belo Horizonte	16 anos	ativação	compartilhou projetos	desenvolveu projetos com outras cidades
Buenos Aires	17 anos	ativação	compartilhou projetos	desenvolveu projetos com outras cidades
Canelones	7 anos	presença	compartilhou projetos	não desenvolveu projetos com outras cidades
Carmen de la Legua Reynoso *		presença	compartilhou projetos	não desenvolveu projetos com outras cidades
Cerro Largo	9 anos	presença	não compartilhou projetos	não desenvolveu projetos com outras cidades
Concepción	17 anos	presença	compartilhou projetos	não desenvolveu projetos com outras cidades
Córdoba	17 anos	ativação	não compartilhou projetos	não desenvolveu projetos com outras cidades
Diadema	12 anos	presença	não compartilhou projetos	não desenvolveu projetos com outras cidades
Durazno	7 anos	presença	não compartilhou projetos	não desenvolveu projetos com outras cidades
Fernando de la Mora	14 anos	presença	não compartilhou projetos	não desenvolveu projetos com outras cidades
Flores	7 anos	presença	não compartilhou projetos	não desenvolveu projetos com outras

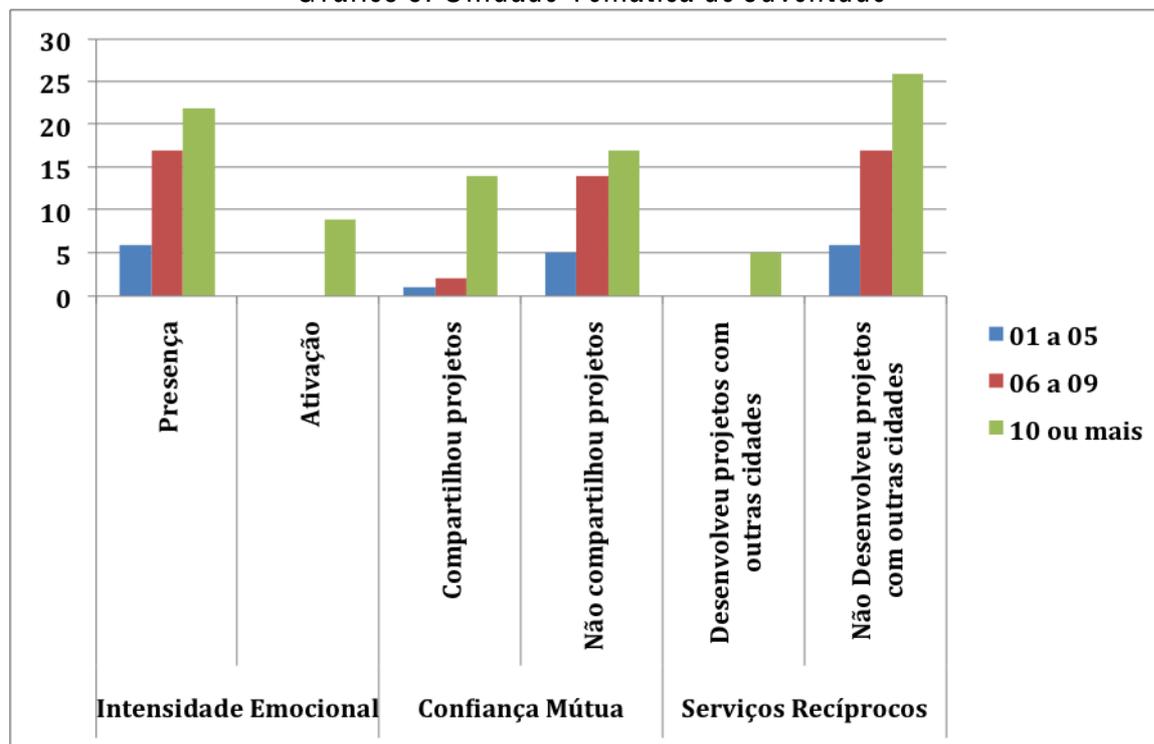
				idades
Fortaleza	16 anos	presença	não compartilhou projetos	não desenvolveu projetos com outras cidades
Fraille Muerto *		presença	não compartilhou projetos	não desenvolveu projetos com outras cidades
Frey Bentos *		presença	não compartilhou projetos	não desenvolveu projetos com outras cidades
General Pueyrredón *		presença	não compartilhou projetos	não desenvolveu projetos com outras cidades
Jesus Maria	4 anos	presença	compartilhou projetos	não desenvolveu projetos com outras cidades
Junín	8 anos	presença	não compartilhou projetos	não desenvolveu projetos com outras cidades
La Matanza	10 anos	presença	compartilhou projetos	não desenvolveu projetos com outras cidades
La Paz	12 anos	presença	compartilhou projetos	não desenvolveu projetos com outras cidades
La Plata	17 anos	presença	não compartilhou projetos	não desenvolveu projetos com outras cidades
Luján	8 anos	presença	não compartilhou projetos	não desenvolveu projetos com outras cidades
Maldonado	9 anos	presença	compartilhou projetos	não desenvolveu projetos com outras cidades
Malvinas	12 anos	presença	não compartilhou projetos	não desenvolveu projetos com outras cidades
Mendoza	16 anos	presença	compartilhou projetos	desenvolveu projetos com outras cidades
Montecarlo	9 anos	presença	não compartilhou projetos	não desenvolveu projetos com outras cidades
Montevideu	17 anos	ativação	compartilhou projetos	não desenvolveu projetos com outras cidades
Morón	10 anos	ativação	compartilhou projetos	desenvolveu projetos com outras cidades
Necochea	8 anos	presença	não compartilhou projetos	não desenvolveu projetos com outras cidades
Olinda *		presença	não compartilhou projetos	não desenvolveu projetos com outras cidades
Osasco	6 anos	presença	não compartilhou projetos	não desenvolveu projetos com outras cidades
Paysandu	12 anos	presença	não compartilhou projetos	não desenvolveu projetos com outras

				idades
Pergamino	11 anos	ativação	compartilhou projetos	não desenvolveu projetos com outras cidades
Porto Alegre	17 anos	presença	não compartilhou projetos	não desenvolveu projetos com outras cidades
Quilmes	12 anos	presença	não compartilhou projetos	não desenvolveu projetos com outras cidades
Rafaela	12 anos	presença	compartilhou projetos	não desenvolveu projetos com outras cidades
Recife	16 anos	ativação	compartilhou projetos	não desenvolveu projetos com outras cidades
Rio Branco *		presença	não compartilhou projetos	não desenvolveu projetos com outras cidades
Rio Cuarto	14 anos	presença	não compartilhou projetos	não desenvolveu projetos com outras cidades
Rio Grande	4 anos	presença	não compartilhou projetos	não desenvolveu projetos com outras cidades
Rio Negro	7 anos	presença	não compartilhou projetos	não desenvolveu projetos com outras cidades
Rocha	7 anos	presença	não compartilhou projetos	não desenvolveu projetos com outras cidades
Rosário	17 anos	ativação	compartilhou projetos	não desenvolveu projetos com outras cidades
Salto	12 anos	presença	não compartilhou projetos	não desenvolveu projetos com outras cidades
San Fernando de Valle de Catamarca	10 anos	presença	não compartilhou projetos	não desenvolveu projetos com outras cidades
San Miguel de Tucumán *		presença	não compartilhou projetos	não desenvolveu projetos com outras cidades
Santa Maria	14 anos	presença	não compartilhou projetos	não desenvolveu projetos com outras cidades
Santo André	15 anos	ativação	compartilhou projetos	desenvolveu projetos com outras cidades
São Bernardo do Campo	4 anos	presença	não compartilhou projetos	não desenvolveu projetos com outras cidades
São Carlos	10 anos	presença	não compartilhou projetos	não desenvolveu projetos com outras cidades
São José do Rio Preto	9 anos	presença	não compartilhou projetos	não desenvolveu projetos com outras cidades

São Leopoldo	7 anos	presença	não compartilhou projetos	não desenvolveu projetos com outras cidades
São Paulo	14 anos	presença	compartilhou projetos	não desenvolveu projetos com outras cidades
Surquillo *		presença	compartilhou projetos	não desenvolveu projetos com outras cidades
Tandil	8 anos	presença	não compartilhou projetos	não desenvolveu projetos com outras cidades
Trinta e Três	9 anos	presença	não compartilhou projetos	não desenvolveu projetos com outras cidades
Villa Gesell	5 anos	presença	não compartilhou projetos	não desenvolveu projetos com outras cidades
Villa Gral. Belgrano *		presença	não compartilhou projetos	não desenvolveu projetos com outras cidades
Villa Maria	12 anos	presença	não compartilhou projetos	não desenvolveu projetos com outras cidades
Zárate	2 anos	presença	não compartilhou projetos	não desenvolveu projetos com outras cidades
* cidades que não pertencem à Rede Mercocidades				

Fonte: elaborado pela autora.

Gráfico 6: Unidade Temática de Juventude



Fonte: elaborado pela autora.

Para este estudo foram analisadas as atas das reuniões dos anos de 2005, 2006, 2008, 2010 e 2011. Neste sentido, é importante destacar alguns pontos no que diz respeito aos indicadores de força de laço aplicados a esta UT:

- a) o tempo de filiação à Rede está fortemente relacionado à participação mais intensa na UTJ, já que somente as cidades com 10 anos ou mais de filiação tiveram sua participação classificada como *ativação*, o que denota maior grau de envolvimento com a Rede;
- b) destaca-se que, na UTJ, a participação da maioria das cidades é classificada como *presença*, que é a forma de participação menos intensa, conforme já foi explicado. É importante chamar a atenção para o fato de que, em 2006 em Recife, algumas cidades brasileiras foram convidadas para participarem da reunião como observadoras: Caicara/CE, Sobral/CE, Pentecostes/CE, José de Freitas/PI, Olinda/PE, Teresina/PI, Altos do Piauí/PI, Passagem Franca/PI, União/PI, João Pessoa/PB, Ipojuca/PE, Jaboatão dos Guararapes/PE, Quixeranobim/CE, Maceió/AL, Mombaca/CE, Itaícaba/CE, Jaguaruana/CE, Apuiaréz/CE, General Sampaio/CE, Nova Iguacu/RJ, Camaragibe/PE, São Pedro/PI. O laço entre essas cidades e as cidades da Rede é fraco, uma vez que a única variável aplicada a elas é a *intensidade emocional*, a qual é mensurada pela participação nos eventos promovidos pela UT e, no caso dessas cidades, é classificada como *presença*.
- c) é relatado o compartilhamento de projetos na área temática da UT nos anos de 2005, 2006, 2010 e 2012, porém não são apresentados muitos detalhes destes. Todavia, é interessante ressaltar que mesmo cidades que não pertencem à Rede, mas que, de alguma maneira, participaram de uma reunião, compartilharam projetos, que é o caso Carmen de la Legua Reynoso, que fica no Peru. Esta cidade compartilhou seus projetos e políticas sobre juventude e práticas noturnas na reunião realizada em 2011 em Pergamino.
- d) já os projetos desenvolvidos por mais de uma cidade pertencente à UT se espalham pelos anos de trabalho analisados. Morón e Santo André, em 2005, promoveram o “Encontro do Sol” que ocorreu durante a Cúpula de Santo André. Este projeto foi uma atividade paralela às que ocorreram durante esta Cúpula e apresentou mesas de debate sobre políticas culturais para jovens e mostra artística em diversas disciplinas. Somente em 2011 duas cidades desenvolveram outro projeto em conjunto: Belo Horizonte e Pergamino propuseram, juntas, o projeto SICOM, que é

um modelo de simulação da Cúpula da Rede Mercocidades para alunos do ensino médio.

Assim, é possível concluir que os laços predominantes na UTJ são **fracos**.

5.5 Unidade Temática de Turismo

A Unidade Temática de Turismo foi criada no mesmo ano de fundação da Rede Mercocidades e, desde então, busca abordar questões decorrentes dos diferentes setores do turismo. A intenção desta UT é fazer das cidades um produto turístico oferecido à sociedade, com colaboração de setores públicos, empreendedores da indústria turística, entidades de classe e organizações da sociedade civil, de maneira a potencializar as ofertas e demandas por destinos. (REDE MERCOCIDADES, 2012).

No estudo da UTT foram analisadas as atas das reuniões que ocorreram em 2004, 2006, 2007, 2008 e 2011. Os indicadores aplicados a esta UT encontram-se compilados no quadro 15, que será explicado em seguida.

Quadro 15: Força de laços da Unidade Temática de Turismo

Cidade	Quantidade de tempo	Intensidade emocional	Confiança mútua	Serviços recíprocos
Bahia Blanca	14 anos	presença	não compartilhou projetos	não desenvolveu projetos com outras cidades
Barquisimeto	6 anos	presença	não compartilhou projetos	não desenvolveu projetos com outras cidades
Belo Horizonte	16 anos	ativação	não compartilhou projetos	não desenvolveu projetos com outras cidades
Buenos Aires	17 anos	ativação	compartilhou projetos	não desenvolveu projetos com outras cidades
Canelones	7 anos	presença	não compartilhou projetos	não desenvolveu projetos com outras cidades
Catamarca	10 anos	presença	não compartilhou projetos	não desenvolveu projetos com outras cidades
Colonia	7 anos	presença	não compartilhou projetos	não desenvolveu projetos com outras cidades
Florianópolis	7 anos	presença	não compartilhou projetos	não desenvolveu projetos com outras cidades
Foz do Iguaçu	11 anos	presença	não compartilhou projetos	não desenvolveu projetos com outras cidades
Joinville	13 anos	presença	não compartilhou projetos	não desenvolveu projetos com outras cidades
Junín	8 anos	presença	não compartilhou projetos	não desenvolveu projetos com outras cidades
La Plata	17 anos	presença	não compartilhou projetos	não desenvolveu projetos com outras cidades
Luján	8 anos	presença	não compartilhou projetos	não desenvolveu projetos com outras cidades

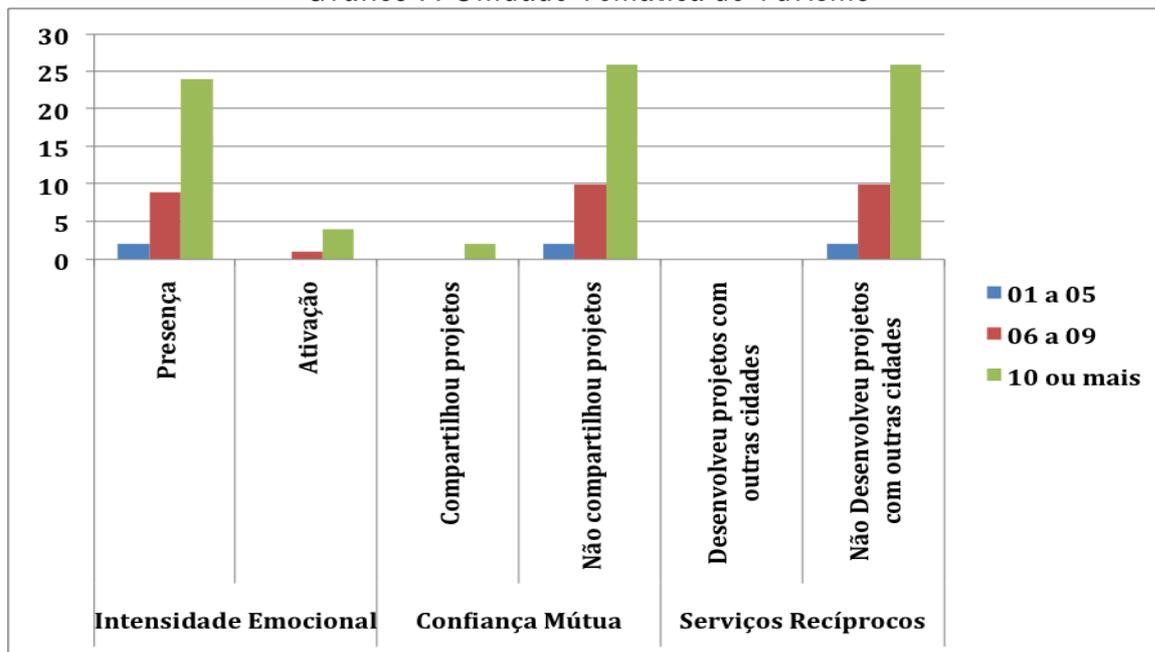
Macaé	12 anos	presença	não compartilhou projetos	não desenvolveu projetos com outras cidades
Maldonado	9 anos	ativação	não compartilhou projetos	não desenvolveu projetos com outras cidades
Mar del Plata	16 anos	presença	não compartilhou projetos	não desenvolveu projetos com outras cidades
Mendoza	16 anos	presença	não compartilhou projetos	não desenvolveu projetos com outras cidades
Montevideú	17 anos	ativação	não compartilhou projetos	não desenvolveu projetos com outras cidades
Morón	10 anos	presença	não compartilhou projetos	não desenvolveu projetos com outras cidades
Mossoró	12 anos	presença	não compartilhou projetos	não desenvolveu projetos com outras cidades
Paysandu	12 anos	presença	não compartilhou projetos	não desenvolveu projetos com outras cidades
Pergamino	11 anos	presença	não compartilhou projetos	não desenvolveu projetos com outras cidades
Porto Alegre	17 anos	ativação	compartilhou projetos	não desenvolveu projetos com outras cidades
Punta del Este*		presença	não compartilhou projetos	não desenvolveu projetos com outras cidades
Quilmes	12 anos	presença	não compartilhou projetos	não desenvolveu projetos com outras cidades
Rio Cuarto	14 anos	presença	não compartilhou projetos	não desenvolveu projetos com outras cidades
Rio Grande	4 anos	presença	não compartilhou projetos	não desenvolveu projetos com outras cidades
Rocha	7 anos	presença	não compartilhou projetos	não desenvolveu projetos com outras cidades
Salto	12 anos	presença	não compartilhou projetos	não desenvolveu projetos com outras cidades
San Isidro	10 anos	presença	não compartilhou projetos	não desenvolveu projetos com outras cidades
San José	6 anos	presença	não compartilhou projetos	não desenvolveu projetos com outras cidades
Santa Maria	14 anos	presença	não compartilhou projetos	não desenvolveu projetos com outras cidades
Santo André	15 anos	presença	não compartilhou projetos	não desenvolveu projetos com outras cidades
São Bernardo do Campo	15 anos	presença	não compartilhou projetos	não desenvolveu projetos com outras cidades
Trinta e Três	9 anos	presença	não compartilhou projetos	não desenvolveu projetos com outras cidades
Ushuaia	12 anos	presença	não compartilhou projetos	não desenvolveu projetos com outras cidades
Valparaíso	15 anos	presença	não compartilhou projetos	não desenvolveu projetos com outras cidades
Villa Gesell	5 anos	presença	não compartilhou projetos	não desenvolveu projetos com outras cidades
Villa Maria	12 anos	presença	não compartilhou projetos	não desenvolveu projetos com outras cidades
Viña del Mar	11 anos	presença	não compartilhou projetos	não desenvolveu projetos com outras cidades
Vitória	12 anos	presença	não compartilhou projetos	não desenvolveu projetos com outras cidades

* cidades que não fazem parte da Rede Mercocidades.

Fonte: elaborado pela autora.

Para melhor visualização da relação entre as variáveis apresentadas, propõe-se o gráfico 7.

Gráfico 7: Unidade Temática de Turismo



Fonte: elaborado pela autora.

O quadro 15 e o gráfico 7 permitem a proposição de alguns comentários:

- o tempo de filiação à Rede, no caso da UTT, relaciona-se com a participação nas atividades da Rede em 4 casos: Buenos Aires, Belo Horizonte, Montevideu e Porto Alegre. Estas cidades pertencem à Rede há mais de 10 anos e são as únicas que apresentaram um envolvimento maior com as atividades da UTT, daí terem sua participação classificada como *ativação*;
- as únicas cidades que tiveram sua participação classificada como *ativação* são as mesmas citadas no ponto a. Pode-se afirmar, nestes casos, que há maior envolvimento destas cidades com a UT em questão. O restante das cidades têm sua participação classificadas como *presença*;
- somente Buenos Aires e Porto Alegre compartilharam projetos e políticas públicas municipais na área do turismo;
- nenhum projeto foi desenvolvido entre as cidades pertencentes à UTT no período analisado.

Para a UTT é importante tecer alguns comentários referentes à sua atuação que vão além das variáveis apresentadas. Conclui-se que os laços entre as cidades desta UT são predominantemente fracos, no entanto, a atuação das cidades nela demonstra um foco diferente das demais UTs. Percebe-se que os grandes debates entre as cidades nas reuniões giram em torno de questões relacionadas à articulação desta UT com organismos como o Mercosul, com o intuito de se avançar na busca da integração fronteiriça e facilitação da circulação de turistas na região, temas estes intimamente relacionados com competências dos Estados Nacionais. Além disso, a própria UT relata, no site da Rede, que seus grandes desafios são referentes ao desenvolvimento de projetos regionais e a gestão integrada de produtos turísticos entre as cidades da Rede.

O grande produto da UTT é o Congresso de Turismo que é promovido praticamente todos os anos e é neste evento que as cidades têm espaço para divulgar seus potenciais turísticos. Porém, em virtude da organização do Congresso muitas reuniões ficam comprometidas e a troca de experiências neste campo ou o desenvolvimento de políticas em conjunto não se tornam prioridades de trabalho da UT.

5.6 Conclusão

No capítulo 2 deste trabalho aponta-se a teoria da “força dos laços fracos” de Mark Granovetter (1973). Este autor trabalha com a interação em pequena escala – laços interpessoais – para demonstrar como a análise de redes permite relacionar estes laços com fenômenos em larga escala. Assim, aplicou-se o argumento deste autor na análise dos laços da Rede Mercocidades.

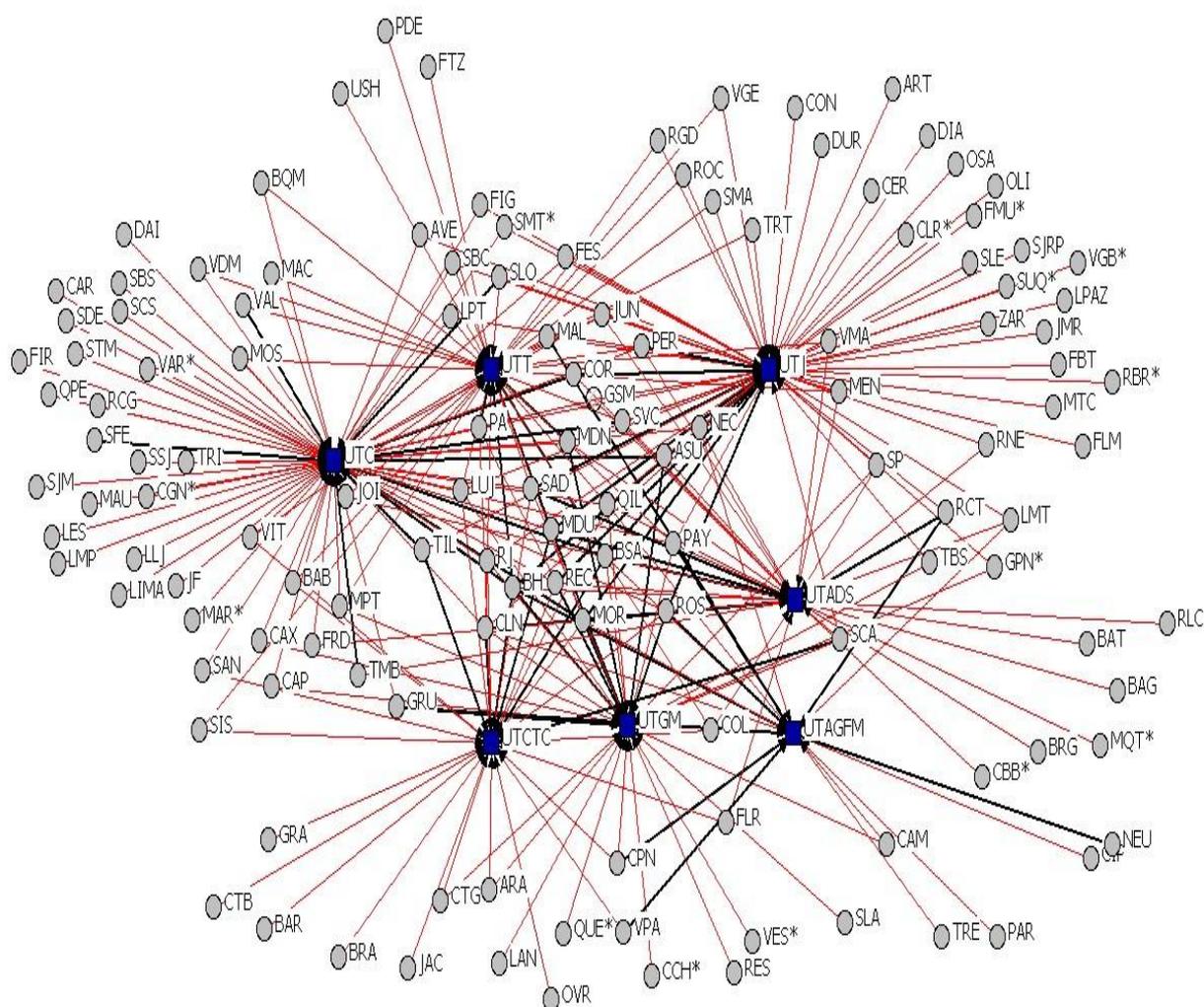
No capítulo anterior buscou-se trazer um estudo dos laços fortes da Rede e, neste capítulo, completa-se a análise com a abordagem dos laços fracos. Possível fonte de informações novas, uma estrutura de laços fracos se constitui em capital social no nível de grupo, o que permite a realização de trabalho em conjunto para alcançar objetivos em comuns. Granovetter (1983) também argumenta que a “força dos laços fracos” pode ser aplicada para a difusão de qualquer ideia ou informação.

Ronald Burt (1992) dialoga com Granovetter (1973) com sua teoria dos “buracos estruturais” mencionada nos capítulos 2 e 4. A preocupação central de Burt (1992) é com as redes egocentradas, ou seja, aquelas em que existe uma espécie de nuvem de nós em volta de

um nó específico e os laços entre eles. A Rede Mercocidades pode ser considerada uma rede egocentrada, uma vez que existe um núcleo de laços fortes – uma espécie de conventículo, nos termos usados por Mela (1999) – e, em volta deste núcleo existem nós conectados por laços fracos.

Com o intuito de facilitar a visualização desta rede egocentrada, foram criados dois gráficos utilizando o *software* Ucinet, a partir das informações compiladas dos 7 gráficos criados para cada Unidade Temática estudada. Escolheu-se trabalhar com duas variáveis: intensidade emocional e confiança mútua. Estas variáveis foram escolhidas porque, como apontado anteriormente, cada uma das variáveis de força de laço é independente. Assim, uma vez que Granovetter (1973) afirma em seu texto que os pesos para cada uma das variáveis de força de laços deveriam ser deixados para o trabalho empírico, para o gráfico 8 – Intensidade emocional da Rede Mercocidades – admitiu-se peso 1 para a participação classificada como *presença* e peso 2 para a classificada como *ativação*. No gráfico 9 – Confiança mútua na Rede Mercocidades – admitiu-se peso 1 para o não-compartilhamento de projetos de cidade pertencente à UT e peso 2 para o compartilhamento de projetos. Isto posto, cada gráfico será abordado na sequência.

Gráfico 8: Intensidade emocional da Rede Mercocidades



Fonte: elaborado pela autora.⁴³

No gráfico 8, além dos pesos, escolheu-se cores diferentes para cada tipo de participação: preto para *ativação* e vermelho para *presença*. Os círculos cinzas são as cidades estudadas e os quadrados azuis representam as Unidades Temáticas.

Através deste gráfico é possível visualizar os laços das cidades com relação a todas as UTs estudadas. Dessa maneira, afunila-se ainda mais o núcleo de laços fortes, o qual envolve as seguintes cidades: Belo Horizonte, Buenos Aires, Montevidéu e Morón. Belo Horizonte teve participação *ativação* em todas as UTs estudadas, com exceção da Unidade Temática de Ambiente e Desenvolvimento Sustentável. Já Buenos Aires teve participação *presença* somente na UTAGFM e na UTGM. Montevidéu, atual Secretária Executiva da Rede, teve sua participação classificada como *presença* apenas na UTC e não participou da UTAGFM. Por fim, Morón participou menos ativamente na UTAGFM, na UTCTC e na UTT.

⁴³ Gráfico elaborado através do software Ucinet desenvolvido por BORGATTI; EVERETT; FREEMAN (2002).

Em torno deste núcleo de laços fortes encontram-se as demais cidades pertencentes à Rede e que, em alguns momentos, participam mais ativamente e em outros não. São estes os laços que permitem que as cidades tenham mais relações com cidades com as quais normalmente não se relacionam.

Já no gráfico 9, que representa a Confiança mútua na Rede Mercocidades, os laços representados são diferentes daqueles do gráfico 8 e representam o compartilhamento ou não de projetos/políticas públicas municipais. Assim, admitiu-se peso 1 para o laço de uma cidade que não compartilhou projetos, mas participou das atividades da UT (independente de ser *presença* ou *ativação*) e os laços de peso 2 denotam o compartilhamento de projetos pelas cidades em todas as UTs que elas participam. Os laços com peso 1 são representados pela cor vermelha e os laços com peso 2, pela cor preta. Da mesma maneira que no gráfico 8, os círculos cinzas representam as cidades e os quadrados azuis as Unidades Temáticas.

permitem o acesso a novas informações, pode-se afirmar que as cidades aqui estudadas, através dos laços fracos, têm acesso a novas informações e ideias. O fato de a Rede Mercocidades permitir que cidades não filiadas participarem de seus eventos contribui para que existam mais laços-pontes e, conseqüentemente, a difusão de ideias e informações ocorra.

Tendo em mente o argumento de Burt (1992) de que existe mais homogeneidade de opinião, informação e ideias *dentro* dos grupos do que *entre* os grupos, a presença de cidades que não pertencem à Rede nos eventos promovidos pela UT podem facilitar a criação de um “buraco estrutural”, uma vez que essas cidades podem servir de ponte entre grupos diferentes e assim, fornecerem acesso a um conjunto mais diverso de informações, ideias e, no caso específico deste trabalho, projetos municipais bem sucedidos.

6 CONCLUSÃO

Conforme apresentado na Introdução desta dissertação, a busca pela maneira pela qual ocorre a difusão de boas práticas na Rede Mercocidades é a pergunta norteadora deste trabalho, sendo que para respondê-la, foram levantadas duas hipóteses: (a) a Rede Mercocidades é constituída, predominantemente, de laços fracos entre seus nós (cidades-membros), fazendo com que ela se ramifique ao criar laços entre nós heterogêneos, conferindo-lhe abertura; (b) os laços fracos da Rede permitem a difusão de boas práticas entre seus nós.

O trabalho desenvolvido buscou trazer um panorama das diferentes abordagens da análise de redes sociais que serviram de embasamento para a pesquisa empírica que teve como foco provar que a Rede Mercocidades é formada, essencialmente, por laços fracos entre seus nós.

A Rede Mercocidades foi estudada profundamente para que se entendesse a maneira pela qual as cidades se relacionam dentro dela. Neste sentido, retomando a definição de rede Borgatti e Halgin (2001), uma rede é um conjunto de nós juntamente com um conjunto de laços específicos que os conectam e o padrão dos laços fazem com que exista uma estrutura singular e os nós ocupam posições dentro dessa estrutura. Nestes termos, pode-se afirmar que a Rede Mercocidades é uma rede, uma vez que se configura em um conjunto de cidades (nós) que estão conectadas umas às outras através de laços que são desenvolvidos dentro das Unidades Temáticas, que é o espaço de relacionamento dessas cidades.

Partindo das duas hipóteses levantadas por este trabalho buscou-se mostrar que a Rede Mercocidades é predominantemente constituída por laços fracos, os quais foram determinados através das variáveis de força de laços amplamente discutidas ao longo do texto. Nos capítulos 4 e 5 estes laços são apresentados a partir dos trabalhos realizados nas Unidades Temáticas. Os laços fortes, identificados especialmente pela participação classificada como *ativação* e pelo compartilhamento de projetos nas UTs abordadas constituem o núcleo forte da Rede e são estes nós que a sustentam. Foi também comprovado que a maior parte dos laços estabelecidos entre os entes da Rede são do tipo fraco. Segundo os estudiosos de redes, os laços fracos, por sua vez seriam os responsáveis pela difusão das boas práticas. Entretanto, não se tem evidências suficientes dessa difusão enquanto prática efetiva da Rede devido às lacunas de informações no material documental consultado. Como ressaltado no capítulo 4 não foi possível ter acesso a todas as atas das reuniões das UTs e as que foram consultadas

não estão completas. Por outro lado, pode-se afirmar que os laços fracos da Rede Mercocidades possibilitam que as cidades tenham acesso a informações e ideias novas, o que gera benefícios para a Rede, conforme destacado por Burt (1992) e Granovetter (1973 e 1983), uma vez que um dos objetivos da Rede é “criar mecanismos de comunicação em redes entre as cidades a fim de facilitar o intercâmbio de experiências e informações [...]” (REDE MERCOCIDADES, 1996, versão livre, grifo da autora).⁴⁵

Por fim, é importante ressaltar que, apesar de não ter sido possível determinar se realmente há difusão de boas práticas na Rede Mercocidades, a primeira etapa deste trabalho foi concluída ao se identificar o tipo predominante de laço que conecta seus nós e também ao se comprovar que a maior parte dos entes da Rede mantêm laços fracos entre si. Assim, abre-se a possibilidade de estender a pesquisa a fim de se comprovar se, considerando a prevalência de laços fracos na Rede, a difusão de boas práticas pode ser observada.

⁴⁵ Crear mecanismos de comunicación en redes entre las ciudades a fin de facilitar el intercambio de experiencias e informaciones [...]

REFERÊNCIAS

- AGÊNCIA BRASILEIRA DE COOPERAÇÃO. Levantamento de Boas Práticas e de Produtos, 2011. Disponível em <http://www.abc.gov.br/levBPP.asp>. Acesso em 25 jul. 2011.
- BOBBIO, Norberto et al. Dicionário de política. Brasília: Editora Universidade de Brasília: São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2004.
- BORGATTI, S.P.; HALGIN, D.S. On network theory. Hanover: Organization Science. Articles in advance, 1-14, 2011.
- BORGATTI, S.P.; EVERETT, M.G; FREEMAN, L.C. Ucinet for Windows: Software for Social Network Analysis. Harvard: Analytic Technologies, 2002..
- BURT, Ronald. Structural Holes: The Social Structure of Competition. Cambridge: Harvard University Press, 1992.
- CAPELLO, Roberta. The City Network Paradigm: Measuring Urban Network Externalities. Urban Studies, v. 37, n. 11, p. 1925-1945, 2000.
- CHASQUETTI, Daniel. El Mercosur y las ciudades. Apuntes para una Agenda del Comité de Municipios del Foro Consultivo de Municipios, Estados Federados, Provincias y Departamentos del Mercosur. Friederich Ebert Stiftung. Montevideu: Outubro, 2006. Disponível em: < <http://library.fes.de/pdf-files/bueros/uruguay/04478.pdf>>. Acesso em 25 de agosto de 2011.
- FIELD, J. Social Capital. London: Routledge, 2003.
- GRANOVETTER, Mark S. The Strength of Weak Ties. The American Journal of Sociology, v. 78, n. 6, 1973.
- GRANOVETTER, Mark S. The Strength of Weak Ties: A Network Theory Revisited. Sociological Theory, Volume 1, 1983.
- HARVEY, David. Condição Pós-Moderna. São Paulo: Edições Loyola, Brasil, 2006.
- MELA, Alfredo. A sociologia das cidades. Lisboa: Editora Estampa, 1999.
- MENEGHETTI NETO, Alfredo. Redes de cidades: cooperação, estratégias de desenvolvimento, limitações constitucionais e divergências – o caso da Rede Mercocidades. Tese (Doutorado). Porto Alegre: Fundação de Economia e Estatística Siegfried Emanuel Heuser, 2005.
- PARTICIPAÇÃO política. In. BOBBIO, Norberto. Dicionário de política. 5. ed. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2004.
- PAYRE, Renaud. The Importance of Being Connected. City Networks and Urban Government: Lyon and Eurocities (1990-2005). International Journal of Urban and Regional Research, Vol. 34.2, Junho 2010.

REDE MERCOCIDADES, Ata da VI Cúpula da Rede Mercocidades realizada em 2000. Disponível em <<http://www.mercociudades.org/node/2131>> Acesso em 25 ago. 2011.

REDE MERCOCIDADES. Ata da reunião da Unidade Temática de Ambiente e Desenvolvimento Sustentável realizada em abril de 2005. Disponível em <<http://www.mercociudades.org/node/2118>>. Acesso em 03 maio 2012.

REDE MERCOCIDADES. Ata da reunião da Unidade Temática de Ambiente e Desenvolvimento Sustentável realizada em agosto de 2005. Disponível em <<http://www.mercociudades.org/node/2118>>. Acesso em 03 maio 2012.

REDE MERCOCIDADES. Ata da reunião da Unidade Temática de Ambiente e Desenvolvimento Sustentável realizada em setembro de 2005. Disponível em <<http://www.mercociudades.org/node/2118>>. Acesso em 03 maio 2012.

REDE MERCOCIDADES. Ata da reunião da Unidade Temática de Ambiente e Desenvolvimento Sustentável realizada em novembro de 2005. Disponível em <<http://www.mercociudades.org/node/2118>>. Acesso em 03 maio 2012.

REDE MERCOCIDADES. Ata da reunião da Unidade Temática de Ambiente e Desenvolvimento Sustentável realizada em março de 2006. Disponível em <<http://www.mercociudades.org/node/2118>>. Acesso em 03 maio 2012.

REDE MERCOCIDADES. Ata da reunião da Unidade Temática de Ambiente e Desenvolvimento Sustentável realizada em junho de 2006. Disponível em <<http://www.mercociudades.org/node/2118>>. Acesso em 03 maio 2012.

REDE MERCOCIDADES. Ata da reunião da Unidade Temática de Ambiente e Desenvolvimento Sustentável realizada em agosto de 2006. Disponível em <<http://www.mercociudades.org/node/2118>>. Acesso em 03 maio 2012.

REDE MERCOCIDADES. Ata da reunião da Unidade Temática de Ambiente e Desenvolvimento Sustentável realizada em novembro de 2006. Disponível em <<http://www.mercociudades.org/node/2118>>. Acesso em 03 maio 2012.

REDE MERCOCIDADES. Ata da reunião da Unidade Temática de Ambiente e Desenvolvimento Sustentável realizada em abril de 2007. Disponível em <<http://www.mercociudades.org/node/2118>>. Acesso em 03 maio 2012.

REDE MERCOCIDADES. Ata da reunião da Unidade Temática de Ambiente e Desenvolvimento Sustentável realizada em junho de 2007. Disponível em <<http://www.mercociudades.org/node/2118>>. Acesso em 03 maio 2012.

REDE MERCOCIDADES. Ata da reunião da Unidade Temática de Ambiente e Desenvolvimento Sustentável realizada em agosto de 2007. Disponível em <<http://www.mercociudades.org/node/2118>>. Acesso em 03 maio 2012.

REDE MERCOCIDADES. Ata da reunião da Unidade Temática de Ambiente e Desenvolvimento Sustentável realizada em junho de 2008. Disponível em <<http://www.mercociudades.org/node/2118>>. Acesso em 03 maio 2012.

REDE MERCOCIDADES. Ata da reunião da Unidade Temática de Ambiente e Desenvolvimento Sustentável realizada em abril de 2011. Disponível em <<http://www.mercociudades.org/node/2118>>. Acesso em 03 maio 2012.

REDE MERCOCIDADES. Ata da reunião da Unidade Temática de Autonomia, Gestão e Financiamento Municipal realizada em julho de 2004. Disponível em <<http://www.mercociudades.org/node/2128>>. Acesso em 03 maio 2012.

REDE MERCOCIDADES. Ata da reunião da Unidade Temática de Autonomia, Gestão e Financiamento Municipal realizada em setembro de 2005. Disponível em <<http://www.mercociudades.org/node/2128>>. Acesso em 03 maio 2012.

REDE MERCOCIDADES. Ata da reunião da Unidade Temática de Autonomia, Gestão e Financiamento Municipal realizada em agosto de 2009. Disponível em <<http://www.mercociudades.org/node/2128>>. Acesso em 03 maio 2012.

REDE MERCOCIDADES. Ata da reunião da Unidade Temática de Ciência, Tecnologia e Capacitação realizada em dezembro de 2004. Disponível em <<http://www.mercociudades.org/node/2115>>. Acesso em 03 maio 2012.

REDE MERCOCIDADES. Ata da reunião da Unidade Temática de Ciência, Tecnologia e Capacitação realizada em junho de 2005. Disponível em <<http://www.mercociudades.org/node/2115>>. Acesso em 03 maio 2012.

REDE MERCOCIDADES. Ata da reunião da Unidade Temática de Ciência, Tecnologia e Capacitação realizada em novembro de 2006. Disponível em <<http://www.mercociudades.org/node/2115>>. Acesso em 03 maio 2012.

REDE MERCOCIDADES. Ata da reunião da Unidade Temática de Ciência, Tecnologia e Capacitação realizada em junho de 2007. Disponível em <<http://www.mercociudades.org/node/2115>>. Acesso em 03 maio 2012.

REDE MERCOCIDADES. Ata da reunião da Unidade Temática de Ciência, Tecnologia e Capacitação realizada em setembro de 2007. Disponível em <<http://www.mercociudades.org/node/2115>>. Acesso em 03 maio 2012.

REDE MERCOCIDADES. Ata da reunião da Unidade Temática de Ciência, Tecnologia e Capacitação realizada em abril de 2008. Disponível em <<http://www.mercociudades.org/node/2115>>. Acesso em 03 maio 2012.

REDE MERCOCIDADES. Ata da reunião da Unidade Temática de Ciência, Tecnologia e Capacitação realizada em junho de 2008. Disponível em <<http://www.mercociudades.org/node/2115>>. Acesso em 03 maio 2012.

REDE MERCOCIDADES. Ata da reunião da Unidade Temática de Ciência, Tecnologia e Capacitação realizada em junho de 2011. Disponível em <<http://www.mercociudades.org/node/2115>>. Acesso em 03 maio 2012.

REDE MERCOCIDADES. Ata da reunião da Unidade Temática de Cultura realizada em abril de 2006. Disponível em < <http://www.mercociudades.org/node/2119>>. Acesso em 03 maio 2012.

REDE MERCOCIDADES. Ata da reunião da Unidade Temática de Cultura realizada em setembro de 2007. Disponível em < <http://www.mercociudades.org/node/2119>>. Acesso em 03 maio 2012.

REDE MERCOCIDADES. Ata da reunião da Unidade Temática de Cultura realizada em junho de 2008. Disponível em < <http://www.mercociudades.org/node/2119>>. Acesso em 03 maio 2012.

REDE MERCOCIDADES. Ata da reunião da Unidade Temática de Cultura realizada em dezembro de 2008. Disponível em < <http://www.mercociudades.org/node/2119>>. Acesso em 03 maio 2012.

REDE MERCOCIDADES. Ata da reunião da Unidade Temática de Cultura realizada em abril de 2009. Disponível em < <http://www.mercociudades.org/node/2119>>. Acesso em 03 maio 2012.

REDE MERCOCIDADES. Ata da reunião da Unidade Temática de Cultura realizada em junho de 2010. Disponível em < <http://www.mercociudades.org/node/2119>>. Acesso em 03 maio 2012.

REDE MERCOCIDADES. Ata da reunião da Unidade Temática de Cultura realizada em outubro de 2010. Disponível em < <http://www.mercociudades.org/node/2119>>. Acesso em 03 maio 2012.

REDE MERCOCIDADES. Ata da reunião da Unidade Temática de Cultura realizada em junho de 2011. Disponível em < <http://www.mercociudades.org/node/2119>>. Acesso em 03 maio 2012.

REDE MERCOCIDADES. Ata da reunião da Unidade Temática de Cultura realizada em outubro de 2011. Disponível em < <http://www.mercociudades.org/node/2119>>. Acesso em 03 maio 2012.

REDE MERCOCIDADES. Ata da reunião da Unidade Temática de Gênero e Município realizada em agosto de 2004. Disponível em < <http://www.mercociudades.org/node/2126>>. Acesso em 03 maio 2012.

REDE MERCOCIDADES. Ata da reunião da Unidade Temática de Gênero e Município realizada em junho de 2007. Disponível em < <http://www.mercociudades.org/node/2126>>. Acesso em 03 maio 2012.

REDE MERCOCIDADES. Ata da reunião da Unidade Temática de Gênero e Município realizada em setembro de 2007. Disponível em <<http://www.mercociudades.org/node/2126>>. Acesso em 03 maio 2012.

REDE MERCOCIDADES. Ata da reunião da Unidade Temática de Gênero e Município realizada em junho de 2008. Disponível em < <http://www.mercociudades.org/node/2126>>. Acesso em 03 maio 2012.

REDE MERCOCIDADES. Ata da reunião da Unidade Temática de Gênero e Município realizada em outubro de 2008. Disponível em < <http://www.mercociudades.org/node/2126>>. Acesso em 03 maio 2012.

REDE MERCOCIDADES. Ata da reunião da Unidade Temática de Gênero e Município realizada em agosto de 2009. Disponível em < <http://www.mercociudades.org/node/2126>>. Acesso em 03 maio 2012.

REDE MERCOCIDADES. Ata da reunião da Unidade Temática de Gênero e Município realizada em novembro de 2009. Disponível em <<http://www.mercociudades.org/node/2126>>. Acesso em 03 maio 2012.

REDE MERCOCIDADES. Ata da reunião da Unidade Temática de Gênero e Município realizada em dezembro de 2009. Disponível em <<http://www.mercociudades.org/node/2126>>. Acesso em 03 maio 2012.

REDE MERCOCIDADES. Ata da reunião da Unidade Temática de Gênero e Município realizada em maio de 2010. Disponível em < <http://www.mercociudades.org/node/2126>>. Acesso em 03 maio 2012.

REDE MERCOCIDADES. Ata da reunião da Unidade Temática de Gênero e Município realizada em dezembro de 2010. Disponível em < <http://www.mercociudades.org/node/2126>>. Acesso em 03 maio 2012.

REDE MERCOCIDADES. Ata da reunião da Unidade Temática de Juventude realizada em maio de 2006. Disponível em < <http://www.mercociudades.org/node/2117>>. Acesso em 03 maio 2012.

REDE MERCOCIDADES. Ata da reunião da Unidade Temática de Juventude realizada em outubro de 2006. Disponível em < <http://www.mercociudades.org/node/2117>>. Acesso em 03 maio 2012.

REDE MERCOCIDADES. Ata da reunião da Unidade Temática de Juventude realizada em maio de 2008. Disponível em < <http://www.mercociudades.org/node/2117>>. Acesso em 03 maio 2012.

REDE MERCOCIDADES. Ata da reunião da Unidade Temática de Juventude realizada em novembro de 2011. Disponível em < <http://www.mercociudades.org/node/2117>>. Acesso em 03 maio 2012.

REDE MERCOCIDADES. Ata da reunião da Unidade Temática de Juventude realizada em junho de 2010.

REDE MERCOCIDADES. Ata da reunião da Unidade Temática de Juventude realizada em abril de 2011. Disponível em < <http://www.mercociudades.org/node/2117>>. Acesso em 03 maio 2012.

REDE MERCOCIDADES. Ata da reunião da Unidade Temática de Juventude realizada em novembro de 2011. Disponível em < <http://www.mercociudades.org/node/2117>>. Acesso em 03 maio 2012.

REDE MERCOCIDADES. Ata da reunião da Unidade Temática de Turismo realizada em abril de 2004. Disponível em < <http://www.mercociudades.org/node/2125>>. Acesso em 03 maio 2012.

REDE MERCOCIDADES. Ata da reunião da Unidade Temática de Turismo realizada em julho de 2004. Disponível em < <http://www.mercociudades.org/node/2125>>. Acesso em 03 maio 2012.

REDE MERCOCIDADES. Ata da reunião da Unidade Temática de Turismo realizada em setembro de 2004. Disponível em < <http://www.mercociudades.org/node/2125>>. Acesso em 03 maio 2012.

REDE MERCOCIDADES. Ata da reunião da Unidade Temática de Turismo realizada em setembro de 2006. Disponível em < <http://www.mercociudades.org/node/2125>>. Acesso em 03 maio 2012.

REDE MERCOCIDADES. Ata da reunião da Unidade Temática de Turismo realizada em abril de 2007. Disponível em < <http://www.mercociudades.org/node/2125>>. Acesso em 03 maio 2012.

REDE MERCOCIDADES. Ata da reunião da Unidade Temática de Turismo realizada em outubro de 2007. Disponível em < <http://www.mercociudades.org/node/2125>>. Acesso em 03 maio 2012.

REDE MERCOCIDADES. Ata da reunião da Unidade Temática de Turismo realizada em junho de 2008. Disponível em < <http://www.mercociudades.org/node/2125>>. Acesso em 03 maio 2012.

REDE MERCOCIDADES. Ata da reunião da Unidade Temática de Turismo realizada em dezembro de 2008. Disponível em < <http://www.mercociudades.org/node/2125>>. Acesso em 03 maio 2012.

REDE MERCOCIDADES. Ata da reunião da Unidade Temática de Turismo realizada em maio de 2011. Disponível em < <http://www.mercociudades.org/node/2125>>. Acesso em 03 maio 2012.

REDE MERCOCIDADES. Ata da reunião da Unidade Temática de Turismo realizada em agosto de 2011. Disponível em < <http://www.mercociudades.org/node/2125>>. Acesso em 03 maio 2012.

REDE MERCOCIDADES. Estatuto Social, 1996. Disponível em <<http://www.mercociudades.org/node/2106>> . Acesso em 03 maio 2012.

REDE MERCOCIDADES. Regulamento Interno, 1996. Disponível em <<http://www.mercociudades.org/node/2106>> . Acesso em 03 maio 2012.

REDE MERCOCIDADES. Informe de Gestão da Secretaria Executiva, 1995. Disponível em <<http://portal.mercociudades.net/node/2113>>. Acesso em 03 maio 2012.

REDE MERCOCIDADES. Informe de Gestão da Secretaria Técnica Permanente, 2005. Disponível em <<http://portal.mercociudades.net/node/2113>>. Acesso em 03 maio 2012.

REDE MERCOCIDADES. Informe de Gestão da Secretaria Técnica Permanente, 2005. Disponível em <<http://portal.mercociudades.net/node/2113>>. Acesso em 03 maio 2012.

REDE MERCOCIDADES. Informe de Gestão da Secretaria Técnica Permanente, 2005. Disponível em <<http://portal.mercociudades.net/node/2113>>. Acesso em 03 maio 2012.

REDE MERCOCIDADES. Informe de Gestão da Secretaria Técnica Permanente, 2008. Disponível em <<http://portal.mercociudades.net/node/2113>>. Acesso em 03 maio 2012.

REDE MERCOCIDADES. Informe de Gestão da Secretaria Técnica Permanente, 2009. Disponível em <<http://portal.mercociudades.net/node/2113>>. Acesso em 03 maio 2012.

REDE MERCOCIDADES. Informe de Gestão da Secretaria Técnica Permanente, 2010. Disponível em <<http://portal.mercociudades.net/node/2113>>. Acesso em 03 maio 2012.

REDE MERCOCIDADES. Informe de Gestão da Secretaria Executiva e da Secretaria Técnica Permanente, 2011. Disponível em <<http://portal.mercociudades.net/node/2113>>. Acesso em 03 maio 2012.

REDE MERCOCIDADES. Unidade Temática de Ambiente e Desenvolvimento Sustentável. Disponível em <http://www.mercociudades.org/UTADS>. Acesso em 3 de maio de 2012.

REDE MERCOCIDADES. Unidade Temática de Autonomia, Gestão e Financiamento Municipal. Disponível em <<http://www.mercociudades.org/UTAGFM>> . Acesso em 3 de maio de 2012.

REDE MERCOCIDADES. Unidade Temática de Ciência, Tecnologia e Capacitação. Disponível em <<http://www.mercociudades.org/UTCTC>> . Acesso em 3 de maio de 2012.

REDE MERCOCIDADES. Unidade Temática de Cultura. Disponível em <<http://www.mercociudades.org/UTC>> . Acesso em 3 de maio de 2012.

REDE MERCOCIDADES. Unidade Temática de Gênero e Município. Disponível em <<http://www.mercociudades.org/UTGM>> . Acesso em 3 de maio de 2012.

REDE MERCOCIDADES. Unidade Temática de Juventude. Disponível em <<http://www.mercociudades.org/UTJ>>. Acesso em 3 de maio de 2012.

REDE MERCOCIDADES. Unidade Temática de Turismo. Disponível em <<http://www.mercociudades.org/UTT>>. Acesso em 3 de maio de 2012.

SCOTT, John. *Social Network Analysis. A Handbook*. London: Sage Publications, 2000.